

A UME decretou, na madrugada de hoje, greve geral de sete dias em todo o Distrito Federal em solidariedade à União Nacional dos Estudantes.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Sábado, 12 de março de 1960

Ano LXIX — N.º 59

AVISOS

TEMPO — instável.
TEMPERATURA — elevada.
VENTOS — moderados.
MAXIMA — 31,9 (Barão de Corumbá).
MINIMA — 18,6 (Barão de Taquara).

PAGAMENTOS NO TESOURO — O Tesouro Nacional paga, hoje, as seguintes folhas do 12.º dia útil: Diversas pessoas reunidas, Fls. 6 101 a 6 106 — Montepio Militar da Guerra, Fls. 7 210 a 7 219 — Pensão da Guarda Civil, Fl. 7 535.

ACHADOS E PERDIDOS

ARARA — Azul, c. pinto amarelo, que fugiu da Rua Barão de Mesquita n.º 70-A, pede-se o favor, a quem a pegou nas imediações da Rua dos Artistas e Rua Ribeiro Guimarães (Aldeia Campesina), de entregá-la. Será muito bem gratificado. Telefone: 28-7443.

A FIRMA GILBERTO DOS REIS CARNEIRO MENDES, estabelecida com negócio de açougue, na Rua Ferreira de Andrade n.º 224, tendo perdido o seu livro de Registro de Compras n.º 2, gratifica-se a quem o encontrar e levá-lo ao endereço acima. — Rio de Janeiro, 11 de março de 1960.

APÓLICE SEGURO DE VIDA DO IPAC, N.º 143 411, EXTRAVIADA — Acha-se extraviada a apólice seguro de vida do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE), de número 142 411, feita por Antônio Dantas Vargas, senão o beneficiário Luiz Vargas Filho Júnior, residente em Marquês de Valença, Estado do Rio, Rua Araújo Leite, 479.

GANETA PARKER "31" PERDIDA — Gratifica-se a quem encontrar uma ganeta Parker "31" perdida entre a Estação do Castelo e a Rua Visconde do Rio Branco (incl. Circular 1 — Mauá-Aeroporto e bonde n.º 30) no dia 10 de março. Por tratar-se de objeto de estimação, pagar-se-á pela mesma mais do que o seu valor atual. Telex: 52-9673 e 45-2931.

PERDEU-SE uma pasta no trecho compreendido entre as Ruas Voluntários da Pátria e o Castelo — Pede-se a fúria da devolução, porquanto os artigos que estão dentro da mala não me pertencem. Informações pelos telefones 32-5412, 31 e 32. Mendes ou R. Senhor dos Passos, 269.

PERDEU-SE uma malinha de lona azul e fecho-velcro entre o Aeroporto e Planalto. Gratifica-se bem. Tel. 25-5820.

PERDEU-SE envelope com duas revistas médicas em inglês — Gratifica-se a quem devolver. Telex: 26-7232 ou 26-6228.

PERDEU-SE a quem encontrou 1 carteira de identidade e título de eleitor, de telefonar para 38-6499 — Robert Ademar D. Bosq.

EMPREGOS

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO

AUXILIAR DE CONTABILIDADE — Precisa-se de elemento trabalhador, conhecendo Cálculo, Contas Correntes e demais serviços contábeis, que tenha boa letra e seja hábil dactilógrafo, preferencialmente contador recém-formado. Cartas com dados pessoais, fontes de referência e pretensão salarial para o n.º R1-2 266, na portaria deste jornal.

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO — Precisa-se de um rapaz ativo, para auxiliar de escritório e de expedição de uma firma comercial. Os interessados devem se dirigir por carta do próprio punho para o n.º R1-433, na portaria deste jornal, indicando fontes de referência, experiência e ordenado pretendido.

AUXILIAR de contabilidade ou contador recém-formado, precisa-se para trabalhar em casa comercial do Centro em horário integral. Exigem-se boa letra, aparência, grande prática e ótimas referências. Cartas e pretensões, ligadas onde trabalhou, idade e demais detalhes para o n.º 67 291, na portaria deste jornal.

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO — Precisa-se de rapazinho ou moço, de preferência com boa letra e com alguma prática de escrever à máquina. Rua Buenos Aires, 290 (pela parte da manhã).

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO — Menor, que resida nas proximidades de Nilópolis e que já tenha trabalhado em fábrica de calçados. Cartas e pretensão, por escrito, dando referências, pretensões, idade e endereço, para o n.º 65 110, na portaria deste jornal.

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO — Precisa-se de moço, mesmo sem prática, para escritório de advocacia. Horário e ordenado a combinar. Rua Araújo Porto Alegre, 58, sala 403-B.

AUX. CONTAB. — Ótimo cargo Adm. com 2 rapazes com o Curso Técnico para cargo de futuro na Zona Norte. Sab. livre e rápido acesso. Cr\$ 9.000,00 — Av. 12 de Maio 22, sala 813.

DACTILOGRAFA — Firma importante admite exímia dactilógrafa, com prática em quadros e tabelas, com redação própria e de boa aparência. Cartas com referência e pretensões para a Caixa Postal 1 509.

DESENHISTA TÉCNICO, com conhecimento de desenhos de eletrônica. Eletrotécnico instalado precisa-se a Rua Francisco Estreito, 192-A. Tratar das 8 às 10.

MOÇA ESCRITÓRIA, aprendiz adiantada, precisa-se de boa letra e apresentação, conhecimento dactilografia, salário inicial 6 a 10 mil. — Rua da Quitanda, 63, 10.º andar. Não se atende telefone.

MENINOS — Precisa-se, que saibam escrever a máquina e tenham boa letra. Apresentação com documentos à Rua da Beneficência n.º 920. Bonsucesso, diariamente das 8 às 16 horas.

FEDREIRA VARGAS LTDA. — Rua Ramos da Fonseca, 251, precisa de um rapaz para trabalhar em um pequeno escritório, o qual de referência.

PRECISA-SE de um menor de 16 anos, que saiba escrever a máquina, para serviços internos e externos de escritório. Resposta com salário pretendido para o n.º 66 367, na portaria deste jornal.

PRECISA-SE de uma moça, com conhecimentos gerais de escritório, que saiba escrever a máquina. Cartas do próprio punho, para a Rua Haddock Lobo, 49, loja. Ordenado a combinar.

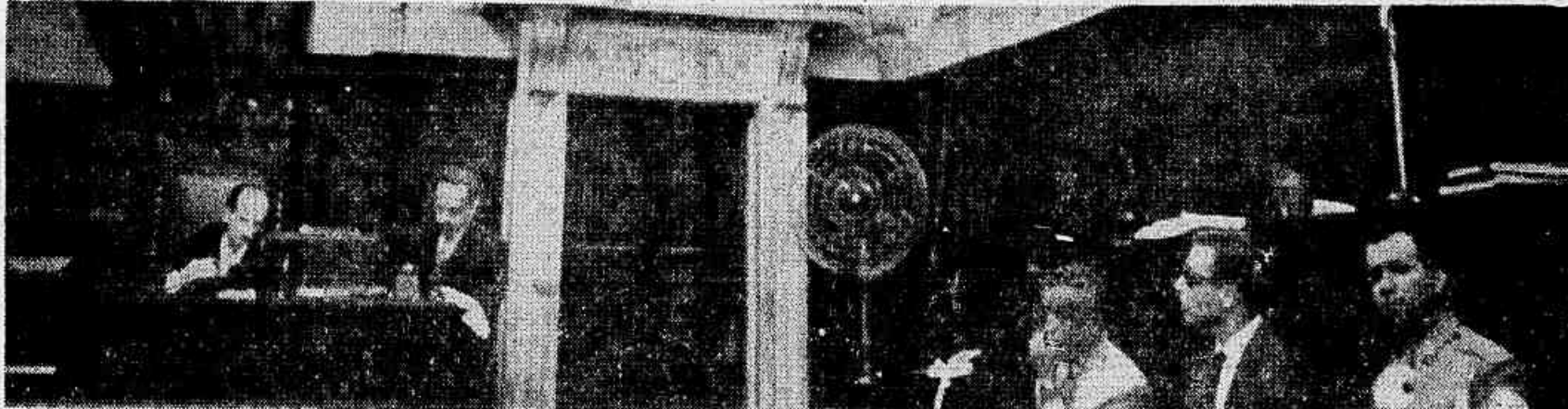
PRECISA-SE de uma senhora ou menor para trabalhar em escritório. Interno ou externo. Rua General Pedro de Albuquerque, 142, 6.º andar.

OPERADOR (R) RUFF — Precisa-se com conhecimentos de contabilidade. Tratar na Avenida Caldeiras n.º 13, 4.º andar.

PRECISA-SE de um lavador de pratos. Rua Buenos Aires, 262.

Satélite americano caminha para o Sol: chega em julho

O MESMO TERNO PARA A NOVA "CHANCE"



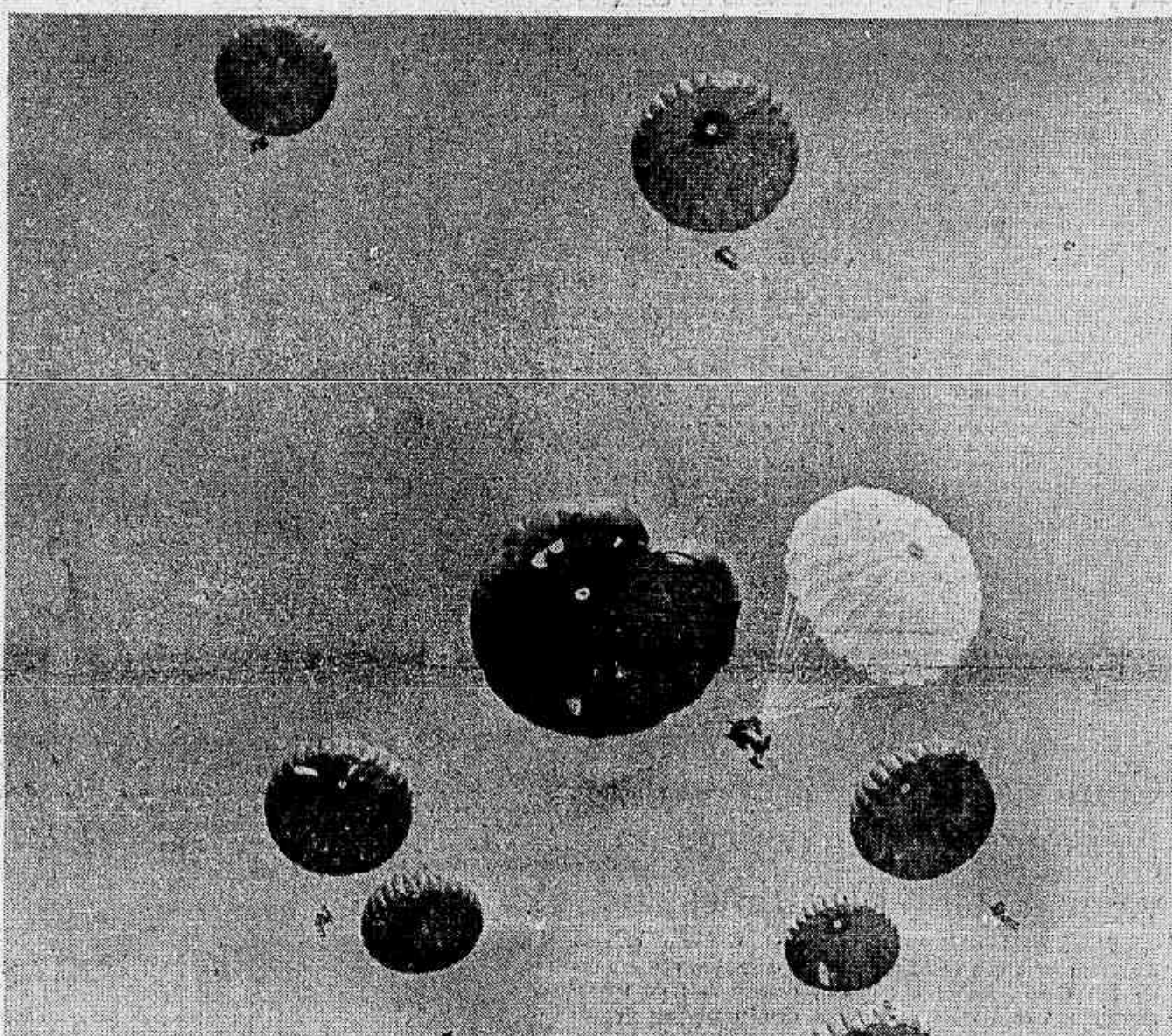
Ronaldo de Castro enfrenta pela segunda vez o júri, vestindo o mesmo terno com que foi condenado a 37 anos

Julgamento de Ronaldo só finda hoje

Perante um público aparentemente menos apaixonado do que o do primeiro julgamento, Ronaldo de Castro, já condenado a 37 anos de reclusão pela morte de Aida Cúri, começou às nove horas de ontem a enfrentar o seu segundo júri: ao fim da noite o Juiz Talavera Bruce ainda não havia chegado ao quinto volume do processo e, como ficou resolvido que os peritos também serão ouvidos, o fim do julgamento está previsto apenas para às 22 horas de hoje.

Em seu interrogatório, que se estendeu por duas horas, Ronaldo de Castro revelou uma contradição que lhe poderá valer a condenação definitiva: contrariando o depoimento de D. Leici Gomes, segundo quem ele já se encontrava no banco da Avenida Atlântica com a namorada, ao chegar com sua filha, Ronaldo declarou que ao sentar-se no banco, já lá estava a senhora de preto com sua filha moça e uma criança. — (Pág. 10).

PERIGO DE VERDADE NA GUERRA DE MENTIRA



As manobras da chamada Operação Banyan Tree II, que terminam hoje no Panamá, e na qual tomam parte forças armadas dos Estados Unidos, Brasil, Colômbia, Peru, Chile e Panamá, desenrolaram-se sob um clima de tal realismo, que quase a elas se juntou a morte: no primeiro assalto de pára-quedistas brasileiros, dois pára-quedistas se engancharam, e o que os salvou foram os pára-quedas de reserva. (Foto de Carlos Lemos, enviado especial do JBI)

COFAP dá 2 bilhões a frigoríficos

O problema da estocagem da carne deverá ser resolvido em caráter definitivo na próxima quarta-feira, segundo informação extra-oficial da COFAP e do Ministério do Trabalho, esclarecendo que a questão, no momento, se resume no financiamento de Cr\$ 2 bilhões aos frigoríficos.

O Governo, através do Banco do Brasil, aprecia a proposta, que partiu dos frigoríficos e foi prontamente encampada pela COFAP. O total de Cr\$ 2 bilhões dá — informa o Sr. Guilherme Romano, Presidente da COFAP — para a estocagem de cerca de 20 mil toneladas de carne congelada, que seria consumida no período da entressafra do corrente ano.

RECEPCIONISTAS — Organiza-
SENHORA — Precisa-se que sa-
ção bancária necessita de moças,
de boa aparência, dactilógrafas,
para o trabalho de recepção, em
meio expediente. Tratar no Ban-
co Sotomaior S.A., à Rua 7 de
Setembro 40 71, das 9 às 12 e das
13 às 16 horas.

Nesta edição

42 páginas
2 cadernos e
Suplemento
Dominical

Chuva pode ocultar o eclipse

PÁGINA 7

Pode haver hoje nova inundação

Inundação semelhante à de sábado passado poderá repetir-se, hoje, no Distrito Federal, segundo o Serviço de Meteorologia, que prevê fortes chuvas para a tarde, prolongando-se durante a noite.

VAI ESFRIAR

O Professor Junqueira Schmidt, do Serviço de Meteorologia, disse ao JORNAL DO BRASIL que a frente fria provocará, hoje e amanhã, tempo nublado, com chuvas, principalmente à tarde e à noite.

As chuvas serão fortes, porém, com poucas probabilidades de alcançar a intensidade das chuvas de sábado passado. A temperatura entrará em ligeiro declínio, a partir de hoje, e amanhã, não haverá sol bastante para a praia.

ALFAIATES E COSTUREIRAS

ALFAIATE — Precisa-se de um bom boteiro. Pode trazer os documentos. Rua do Catete 222, com Sr. Monteiro.

AJUDANTE DE COSTUREIRA — Precisa-se de um oficial de alfaiate. Rua Alameda Guanabara, 21, 2.º andar, 2.º 302.

ALFAIATE — Precisa-se de bom alfaiate para alfaiates de paletós. Rua Teodoro da Silva 212.

COSTUREIRAS EXTERNAS — Dão-se cuecas semi-acabadas e fazem costuradas em casa, mediante fiança comercial, quem estiver habilitada, queira comparecer na fábrica de confecções Tupan, na Rua Flávia Feresse n.º 22 - Variante Bonsucesso, atrás da torre da Rádio Tamolô.

COSTUREIRA — Precisa-se de uma que saiba cortar colarinho de camisa, para pequena indústria no Centro. Tratar Rua da Lapa, 75, ap. 405.

BORDADEIRA — Precisa-se de bordadeiras na máquina W-12 (ponto cheio). Rua São Januário, 115, São Cristóvão.

THOR ABLE

Os Estados Unidos lançaram ontem, de Cabo Canaveral, num foguete Thor-Able de três fases, o satélite Pioneiro V, do tamanho de uma bola de futebol, pesando 40 quilos, e que descreverá uma órbita em torno do Sol. O Pioneiro está equipado com pás de baterias solares, um poderoso transmissor de rádio, e leva instrumentos que possibilitarão informações sobre o espaço sideral.

Três horas depois do lançamento, que ocorreu às 8 h 2m da manhã (hora local), anunciava-se na Administração de Aeronáutica e Espaço o sucesso inicial da prova: o satélite conseguiu escapar do campo de gravitação da Terra, e aproximava-se de sua órbita, embora uma pequena queda de velocidade o tivesse desviado um pouco da rota previamente traçada, levando-o para mais longe do planeta Vênus do que se pretendia.

No dia 19 de julho o Pioneiro atingirá o ponto de sua órbita mais próximo do Sol: a cerca de 125 quilômetros desse astro e pouco mais de 74 milhões da Terra. A partir daí, suas transmissões não mais serão captadas pelas estações observadoras, durante alguns anos. A órbita do satélite compreende 800 milhões de quilômetros em torno do Sol. Se tudo correr de acordo com os planos, o Pioneiro permanecerá em órbita por 100 mil anos. — (Pág. 2).

Três setes condenaram o réu Wilson

Um júri de sete mulheres condenou ontem, a sete anos e cinco meses de prisão, o réu Wilson de Oliveira, acusado de ter levado a amante, Maria Lesniewski, a atirar-se de um sétimo andar.

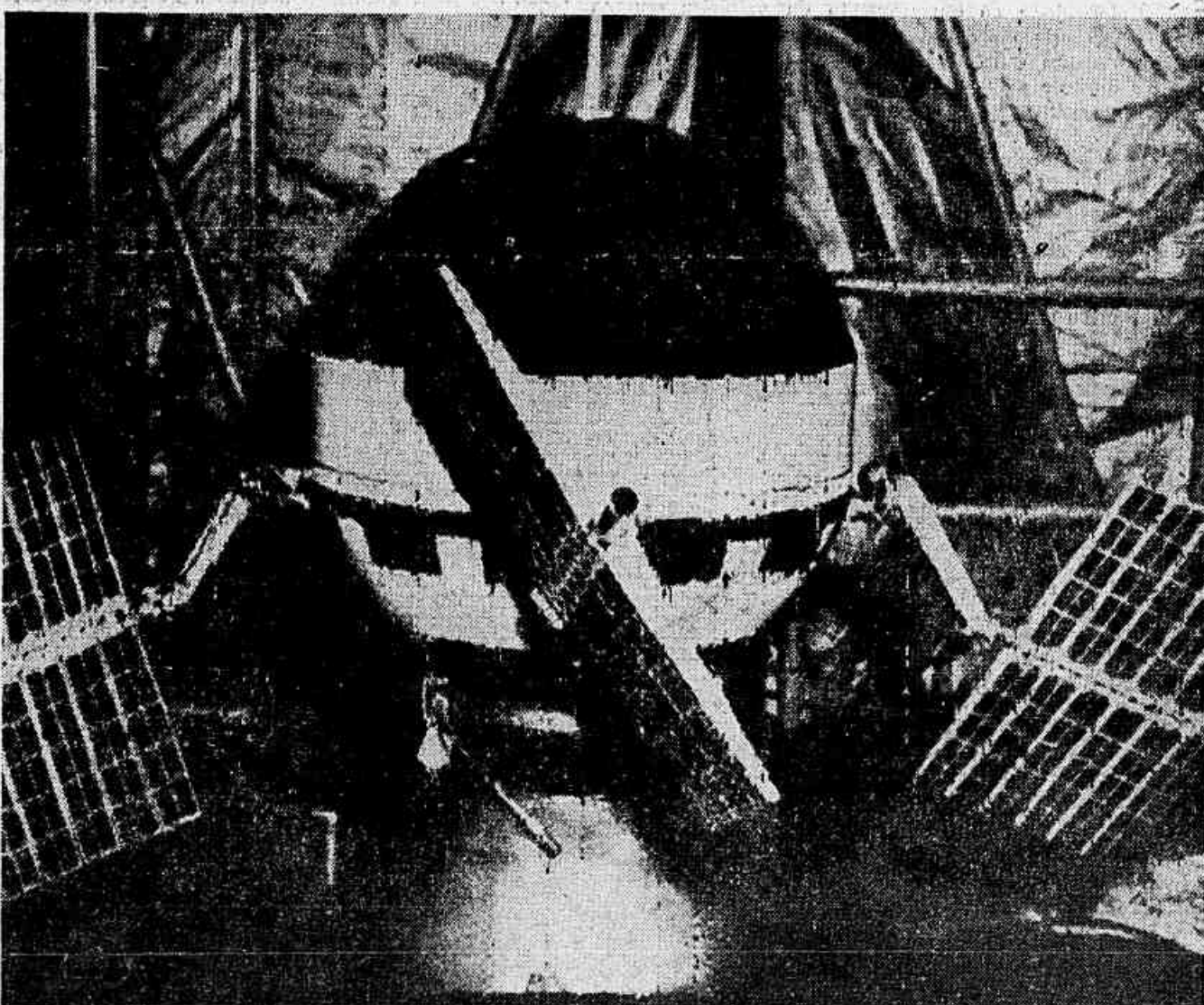
Durante o julgamento, realizado sob a presidência do Juiz Bandeira Stampa, do II Tribunal do Júri, foi revelado que a morta, responsável por uma casa de tolerância na Lapa, era explorada por Wilson, que maliciosamente arruinara a vida, ainda a levou à morte.

Paulista insiste na greve

PÁGINA 10

O começo da viagem

O PIONEIRO



As aletas do Pioneiro são baterias de energia solar para acionar os instrumentos

Viaje de graça lendo o JORNAL DO BRASIL

Com este talão V. concorrerá a uma passagem de avião ida e volta, para uma pessoa, com uma cruz o lugar onde Você quer ir e deposite este cupom no saguão do JORNAL DO BRASIL — Av. Rio Branco, 110.

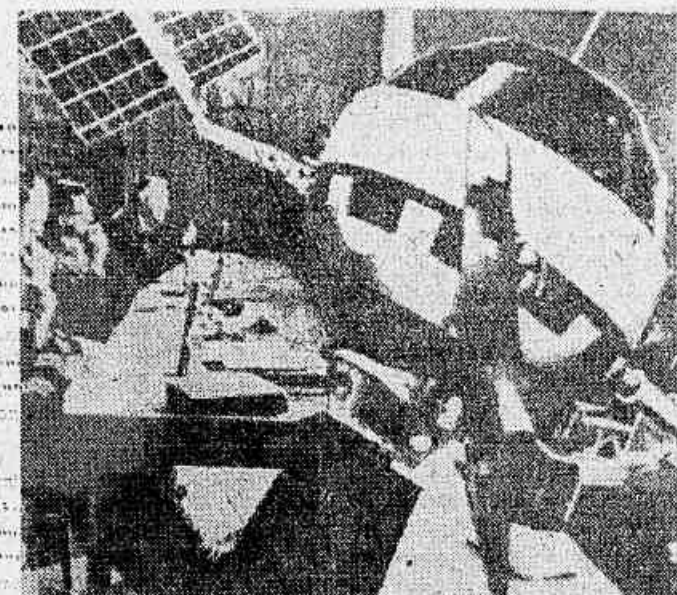
Marque com uma cruz o lugar onde Você quer ir e deposite este cupom no saguão do JORNAL DO BRASIL — Av. Rio Branco, 110.

E assista, de segunda a sexta-feira, às 20h10m, na TV Continental, Canal 9, o sorteio da passagem de uma Cidade

Nome Endereço
Carta Patente n.º 223

EUA lançaram com êxito um satélite solar Pioneiro

PIONEIRO V



Em entrevista à imprensa, ontem, em Washington, os cientistas encarregados do lançamento do Pioneiro V comentam a experiência. No primeiro plano, uma duplicata do satélite, colocado em órbita em torno do Sol na manhã de ontem. As pás da esfera contêm as baterias solares. (Radiofoto AP, especial para o JORNAL DO BRASIL)

Nardone quer restabelecer o presidencialismo como forma de Governo uruguaio

Montevideo, 11 (AP — UPI) — O Presidente do Conselho Nacional do Governo, Benito Nardone, projeta substituir o sistema colegiado, para voltar ao sistema anterior unipresidencialista. Nardone declarou ante a Liga Federal Ação Ruralista — poderosa organização política de camponeses que dirige — que em abril iniciará um movimento nacional nesse sentido.

Explicou Nardone que "as massas se vêm pronunciando" contra o atual sistema, que muitas vezes retarda e dificulta o trabalho do Executivo, uma vez que as decisões que o Presidente poderia adotar num sistema unipresidencialista são objeto de longas deliberações no Conselho.

MUDANÇA

O Conselho é constituído de um Comitê de nove membros que, segundo Nardone, não tem poder Executivo. De acordo com a Constituição, a mudança do sistema governativo poderia efetuar-se, apenas, quando expirasse o mandato do atual regime, em março de 1963.

Para fazer-se a mudança, seria necessário votar-se em plebiscito, simultaneamente com as próximas eleições, em novembro de 1962.

O sistema colegiado vem sendo adotado no Uruguai desde 1952.

DESARMAMENTO

O Uruguai vai propor à Organização dos Estados Americanos (OEA) a designação de um grupo de trabalho composto por 10

países americanos, com a finalidade de preparar e estudar tudo quanto se relaciona à profeta conferência geral interamericana especial sobre a limitação e equilíbrio de armamentos, proposta pelo Presidente do Chile, Jorge Alessandri.

Durante a sessão do Conselho Nacional do Governo, o Conselheiro Eduardo Víctor Haedo apresentou a proposta — seguindo a posição mantida pelo Uruguai — no sentido de que a OEA designasse o grupo de trabalho. Foi aprovada por unanimidade.

Esse grupo de trabalho prepararia um relatório para todos os governos americanos, sobre o problema do desarmamento na América, para posteriormente convocar a Conferência Geral.

Cada um dos dez países que fossem eleitos, enviaria um delegado, além dos assessores técnicos.

Guiana Inglesa poderá ser independente dentro dos próximos dois anos

Londres, 11 (AP) — Cheddi Jagan, líder do Partido Progressista do Povo, da Guiana Britânica, declarou esta noite que a independência da colônia sul-americana poderia ser feita dentro dos próximos dois anos.

Referindo-se ao encerramento da primeira semana da Conferência da Autonomia da Guiana, Jagan disse: "Mostramo-nos satisfeitos com o andamento das conversações durante a semana".

VAO PROSEGUIR

Atrescentou Jagan que as conversações provavelmente continuarão por mais outra semana, mas que vêm sendo realizadas numa atmosfera amistosa, sem dissensões entre os delegados.

Manifestou que, tendo em vista o grau de desenvolvimento de outras colônias britânicas e a expansão do movimento de liberdade através do mundo, não seria demais pensar que a independência da Guiana Britânica viesse a efetuar-se dentro dos próximos dois anos.

Mas acrescenta: "Esta é uma opinião pessoal. Sinto que o povo da Guiana Britânica está pronto para tornar-se independente, agora, e sei que deseja a independência, agora".

SUGESTÃO

"Se o Governo da Grã-Bretanha tem alguma dúvida sobre nossa capacidade de autogoverno, que compare a Guiana Britânica às demais ex-colônias que conquistaram sua independência", disse o líder progressista.

E continua: "E se o Governo acredita que nosso povo não deseja, no momento, o Governo próprio, que submetta o caso a votação popular na Guiana Britânica. Isso demonstrará, definitivamente, nossa aspiração à independência".

Durante a primeira semana de conversações, a Grã-Bretanha apresentou propostas para uma reforma constitucional, que con-

duzirá a independência da colônia sul-americana.

MEMORANDO

As propostas estão contidas num memorando apresentado pelo Secretário das Colônias, Ian Mleod, à delegação dos partidos. As reuniões foram realizadas a portas fechadas e os membros da delegação, esta noite, recusaram-se a informar o conteúdo dessas propostas, ou mesmo se se aproximavam dos projetos que apresentaram ante a Conferência.

Encabeçada por Jagan e Linden Forbes Burnham, líder do Congresso Nacional Oposicionista do Povo, a delegação, está fazendo pressão, no sentido de obter completa autonomia para a Guiana.

NICHOLAS BATIZADO



Brigitte Bardot e seu marido, Jacques Charrier, exibem orgulhosamente o filho, Nicholas, durante uma recepção, em Paris, após o batizado do menino. A direita, a madrinha de Nicholas, Sra. Gouze Renal. (Radiofoto UPI, especial para o JORNAL DO BRASIL)

Cabo Cañaveral, 11 (AP — UPI — FP) — Os Estados Unidos lançaram às 8h 02m de hoje, um foguete Thor-Able de três estágios conduzindo um satélite Pioneiro, de 40 quilos, para colocá-lo na órbita do Sol, a uma distância não atingida até agora por qualquer aparelho espacial.

O Pioneiro V, se bem sucedido, será o segundo veículo sideral norte-americano a atingir a órbita solar. Os russos, fazendo da Lua seu objetivo, lançaram até agora, três foguetes espaciais. Até o momento, as notícias confirmam o sucesso do Pioneiro.

NA ÓRBITA

Dez minutos depois do lançamento, quase perfeito, os cientistas de Cabo Cañaveral que se encarregaram da experiência disseram que todas as três fases do Thor-Able haviam se separado com êxito, e afirmaram esperar que dentro de três horas o foguete tivesse alcançado voo livre no espaço, fora da órbita de gravitação terrestre.

Algumas horas depois, funcionários da Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço anunciaram que o Pioneiro V atingira a velocidade de escape — necessária para sair da órbita da Terra — de 40 mil quilômetros por hora e já se encontrava na órbita do Sol.

PLANOS

Inicialmente, e ao lançar o foguete Thor, os cientistas haviam planejado a órbita do satélite de forma a pô-lo girando em torno do Sol, dentro da órbita seguida pela Terra, e fora da órbita de Vênus, mas em ambas a cada volta.

Devido, contudo, a uma ligeira perda de velocidade, o Pioneiro V não mais cruzará a órbita de Vênus, e só chegará a uma distância de 10 a 11 milhões de quilômetros do planeta.

MAIS PRÓXIMO

As autoridades calculam que as estações observadoras da Terra poderão comunicar-se com o Pioneiro V — que leva um aparelho transmissor — durante os 151 dias que ele levará para chegar ao ponto de sua órbita mais próximo do Sol. No dia 19 de julho, o satélite atingirá este ponto, a 120 milhões e 125 mil quilômetros do Sol, e a 74 milhões e 700 mil quilômetros da Terra. O equipamento de transmissão do satélite é construído de forma a permitir a comunicação até o máximo de 80 milhões de quilômetros da Terra.

PERDER-SE-Á

O contato com o Pioneiro V se perderá depois que o veículo empreender sua trajetória de volta, de seu ponto mais próximo do Sol, em direção à distância máxima, cerca de 150 milhões de quilômetros além do astro.

Periódicamente, no entanto, o satélite norte-americano voltará a uma distância da Terra, compreendida no raio de alcance das estações observadoras, esperando-se que as mesmas voltem a receber seus sinais.

Não se pode ainda calcular exatamente quando isto se dará, pois ignora-se a forma pela qual Vênus afetará a trajetória definitiva do veículo. Quando se perder o seu contato, vários anos se passarão até que seja possível restabelecê-lo.

TRAJETÓRIA

Sómente dentro de alguns meses os cientistas poderão identificar a trajetória final do satélite. A dificuldade para tal obtenção se deve ao fato de que o veículo cairá sob a influência da gravitação de Vênus, o que poderá produzir o efeito de desviar a órbita que teria seguido, se entre a Terra e o Sol não houvesse outro planeta.

INSTRUMENTOS

Além do transmissor de rádio que transmitirá as informações que recolher na frequência de 378 megacíclos, o Pioneiro V leva outros instrumentos, que lhe permitirão realizar várias experiências científicas. Ele está equipado com um contador de radiação de alta energia, que inclui aparelho de 2,25 quilos para fazer as medições da radiação intensa emitida pelo Sol no espaço. A intensidade das radiações do espaço distante serão importantes para os astronautas que no futuro viajarão entre os planetas.

Leva, ainda, uma câmara de ionização com um tubo Geiger-Mueller para medir a radiação de energia média, um pequeno contador de micrometeoritos, pesando apenas 400 gramas, para medir partículas de pó flutuantes no espaço. Possui também um magnetômetro, para descobrir a força e a direção dos campos magnéticos do espaço, e uma célula fotoelétrica de 225 gramas, para produzir um impulso elétrico quando focar o Sol. A câmara de instrumentos contém ainda outros aparelhos para transformar os dados científicos em sinais para a transmissão pelo rádio.

FUNCIONAMENTO

As autoridades disseram que os instrumentos do foguete estão dotados de uma duração de duas a três mil horas em funcionamento contínuo, porém, sua duração poderá prolongar-se por muitos anos, porque somente serão postos a funcionar durante uma pequena parte de cada hora.

Confiscados em Cuba mais três engenhos de açúcar no valor de US\$ 10 milhões

Havana, 11 (AP — UPI) — O Governo cubano anunciou hoje que confiscou os três engenhos açucareiros de Los Canos, Isabel e Soledad, propriedade de norte-americanos, cujo valor é estimado em 10 milhões de dólares.

O Instituto de Reforma Agrária, que já administra 32 dos 161 engenhos de Cuba, e o Ministério de Recuperação dos Bens Roubados ocuparam as propriedades, que pertencem à Companhia Açucareira de Guantanamo, na zona oriental do país.

VITIMAS

João Rotstein, um jornalista de origem polaca, que se tornou cidadão cubano, afirmou que os três engenhos "sempre foram vítimas da exploração dos funcionários locais, que sempre mantiveram estreitas relações com os homens de Batista".

A Companhia Guantanamo tem sede em Nova Iorque.

OUTRA

O Governo também anunciou a intervenção na Companhia de Ferrocarril de Guantanamo, que é propriedade de cubanos, mas é administrada pela empresa açucareira dona dos três engenhos citados. O Instituto Nacional de Reforma Agrária passará a administrar também a Ferrocarril.

MINAS

Quando à Companhia Mineira da Baía de Moa, a situação é confusa. Aqui se disse que o

Governo havia feito a intervenção e outras fontes informaram da probabilidade de que o Governo comprasse um certo número de ações, para que a Companhia pudesse concluir sua nova usina, mantendo os empregados que possui. A Baía de Moa explora minas de níquel e cobalto, e é avaliada em 75 milhões de dólares.

COM FIDEL

Richard Colligan, Presidente da Companhia, falou com Fidel Castro, porém, não se soube oficialmente da conferência. Colligan está-se preparando para viajar a Nova Iorque e informar a empresa matriz, a Freeport Sulphur, dos acontecimentos. Por outro lado, informou-se em Havana que o Instituto Nacional de Reforma Agrária se havia apropriado da companhia mineira.

Invasão do Paraguai foi financiada de fora, diz um antigo revolucionário

Assunção, 11 (AP — UPI) — O Capitão paraguaio Luis Parra, ex-integrante do Movimento 14 de Maio, que organizou a frustrada invasão de 12 de dezembro último, acusou hoje a Venezuela e Cuba de financiar o movimento, além da Argentina, onde eram coletados fundos em festivais.

Disse que o transporte de armas no território argentino era feito com a maior facilidade em caminhões e trens, e que existia a ligação com membros do Exército argentino.

ENTREVISTA

Parra formulou suas acusações em entrevista à imprensa, acrescentando que abandonara o movimento por causa da ingerência estrangeira, o que lhe tirou seu sentido eminentemente nacionalista. "Foi com surpresa que comprovei que mais de uma nação das Caraíbas, especialmente a Venezuela, nos prestavam auxílio em dólares", disse.

Citou a influência do Marechal Tito e, mais tarde, de Fidel Castro dando detalhes pormenorizados da organização do movimento, cujos principais integrantes eram afiliados liberais e febreristas.

Parra acrescentou que desertou do movimento, também porque discordava da tentativa de invasão, em alguns aspectos, pois "perdera todo o sentido de dignidade". "Não era mais uma luta aberta contra uma situação que se considerava insustentável, mas o colonialismo, a mentalidade entreguista e a expansão das mais baixas paixões."

ELEIÇÕES — A Junta Eleitoral deu as instruções finais para as eleições do próximo domingo, quando se elegerão os 60 membros da Câmara dos Deputados. Sómente o Partido Colorado oficializou a lista de candidatos e não participou das agremiações oposicionistas tirou todo o interesse do pleito.

"TEEN-AGERS" NA CÔRTE



ESTOCOLMO — O Rei Gustavo Adolfo VI e a Rainha Luisa da Suécia, convidaram 19 membros das famílias reais de outros países para o Baile da Corte do dia 12 de março, destinado a reunir os representantes mais moços da realeza no Palácio de Estocolmo. As três princesas suecas foram reservadas o papel de anfitriãs: da esquerda para a direita, Margaretha, Désirée e Birgitta. (Foto UPI)

Macmillan vai hoje a Paris

Londres, 11 (AP — UPI — FP) — O Primeiro-Ministro Harold Macmillan irá a Paris amanhã para conversar com o Presidente Charles de Gaulle a respeito da próxima visita à Capital francesa do Premier soviético Nikita Krushchev.

O Chefe do Governo soviético, chegará a Paris na próxima terça-feira. Nos círculos diplomáticos acredita-se que Krushchev vem disposto a explorar a possibilidade de renovação da antiga aliança franco-russa.

CAUTELA

Nos mesmos círculos acredita-se que, se De Gaulle pedir a opinião de Macmillan, este lhe aconselhará cautela em relação ao Governo de Moscou, e lhe observará que a Grã-Bretanha prefere proceder passo a passo para chegar a acordos com os comunistas, começando por abordar as questões de desarmamento, Berlim e Alemanha. Sabe-se, porém, que De Gaulle não é um homem que costume pedir opinião aos outros, e que raramente aceita os conselhos que lhe são dados.

BOM SINAL

Em vista disso, e de um certo esfriamento nas relações anglo-francesas nos últimos meses, os britânicos apreciaram o inesperado convite do presidente francês a Macmillan, e o tomaram como um sinal de solidariedade, que será de importância para as próximas conversações de cúpula entre Ocidente e Oriente.

Admirar Macmillan, De Gaulle explicou que, como a sua própria visita à Grã-Bretanha em princípios de abril terá caráter formal, lhe restaria pouco tempo para tratar com o Premier britânico dos assuntos políticos. No fim de semana, em Paris, os dois estadistas poderão, longe das cerimônias, trocar pontos-de-vista e chegar a um acordo.

ÍNTIMO

As conversações não têm qualquer ordem do dia prevista, e, sobre elas, não será divulgado nenhum comunicado oficial. O diálogo entre os dois Chefes de Governo se travará na mais estrita intimidade. O único colaborador que Macmillan tem a seu lado será o seu secretário particular, Philip Zuleta.

Protestam os cientistas franceses contra a explosão da bomba atômica

Paris, 11 (UPI) — Noventa cientistas franceses protestaram, hoje, ante o Presidente Charles de Gaulle, contra a explosão nuclear francesa. Entretanto, fontes bem informadas disseram que a segunda prova francesa terá lugar dentro em breve no Saara.

O grupo, de 90 professores de ciência e investigadores da Universidade de Paris, representa o maior corpo de cientistas franceses que protestou contra o programa urgente do General De Gaulle para o aperfeiçoamento de armas nucleares.

Os cientistas qualificaram a política do Presidente francês como "uma perigosa ilusão".

NOTAVEL

Em uma resolução, declararam que "a França necessita de dez vezes seu atual orçamento para armas nucleares, muito mais do que se pode permitir, para converter-se em uma potência atômica de primeira ordem".

Muito embora tenham expressado que a explosão da primeira bomba atômica francesa, efetuada no dia 13 de fevereiro, tenha sido "um fato notável", os cientistas disseram que a França "deveria mostrar o caminho ao desenvolvimento pacífico e ao desenvolvimento pacífico dos usos atômicos".

A França faria melhor se concentrasse em projetos nucleares pacíficos e dinheiro que investe em armas militares, que afinal de contas passaram de moda há quinze anos", diz a declaração.

NA ONU

— O bloco afro-asiático, formado por 29 nações, decidiu, hoje, solicitar uma sessão especial da Assembleia-Geral da ONU para que considere a prova atômica realizada pela França no Saara.

O grupo pedirá ao Secretário-Geral, Dag Hammarskjöld, que consulte aos 82 países membros para determinar se a maioria está de acordo com a atitude francesa.

Caso se decida efetuar a sessão especial, esta não poderia começar antes de fins de abril ou princípios de maio, pois, se necessita de um mês para consultar os membros e de uma ou duas semanas para realizar os preparativos necessários.

POSICÃO MILITAR

Paris, 11 (UPI) — Numa reunião da Comissão Nacional de Defesa, o Presidente Charles de Gaulle fez uma análise da posição militar da França em todo o Norte da África. Não foi divulgado nenhum comunicado oficial sobre o assunto discutido na reunião, que se realizou no Palácio do Governo.

Polícia argentina prende líderes peronistas e descobre armas em Tucuman

Buenos Aires, 11 (UPI — FP) — A 17 dias das eleições legislativas que renovarão a metade da Câmara, a Polícia de Buenos Aires revistou a sede do Partido Justicialista, sucessor do Partido Peronista, prendendo 15 líderes do Partido.

No mesmo tempo, a Polícia de Tucumán deteve 11 pessoas, na localidade de 24 de Setiembre, quando realizavam uma reunião numa granja, onde foram apreendidas grandes quantidades de armas e explosivos pertencentes ao Exército.

AS PRISÕES

Os detidos pela Polícia de Tucumán pertencem ao chamado Exército de Libertação Nacional e estavam organizando uma campanha para provocar distúrbios durante a época das eleições.

Apesar de presos, ao chegarem a Tucumán os 11 homens provocaram desordens, dando vivas a Perón e ao Exército de Libertação Nacional.

Entre os 15 líderes do Partido Justicialista que foram presos figuram o engenheiro Alberto Iturro, ex-Senador, e o ex-Secretário de Comércio, Constantino Barros.

O Governo pediu à Justiça Eleitoral a dissolução do Partido, justamente por sua condição de partido peronista, cujas atividades foram prescritas desde a deposição de Perón.

A CAMPANHA

No momento, a campanha eleitoral atinge o auge, em toda a Argentina, multiplicando-se os comícios nas diversas cidades.

Apenas em Buenos Aires, são realizados mais de 40 comícios por dia, num total de quase 160 discursos. Contudo, não há público numeroso para aplaudir os oradores.

Sabe-se que dois partidos não concorrerão: o Comunista e o Peronista e os representantes dessas tendências julgam que a colocação de seus partidos fora da lei tira todo o interesse pela luta eleitoral.

Por sua vez, a União Cívica Radical Intransigente, o partido do Presidente Frondizi, lançou-se numa intensa campanha de "porta em porta". Personalidades e emissários do Partido de Frondizi não obtêm a maioria que seria de esperar.

Contudo, duvida-se do resultado dessa campanha, uma vez que nas eleições de La Plata, o Partido de Frondizi não obteve a maioria que seria de esperar.

DE TODO O MUNDO

Estréla nova

Moscou, 11 — Uma nova estrela cuja existência foi anunciada por um astrônomo norueguês, acaba de ser observada na URSS. Encontra-se nas proximidades das constelações da Águia, da Heráclides e da Flecha, perto da bifurcação da via Láctea. Apresenta principalmente o fenômeno raro de instabilidade de magnitude. (FP)

Radar

Paris, 11 — Foi hoje a turnê oficial inaugurada, no aeroporto parisiense de Orly, a mais potente e moderna radar da Europa Ocidental. O novo aparelho, tem um raio de ação que varia entre 250 e 400 quilômetros. (FP)

Neve

Carolina do Norte, 11 — A Guarda Nacional e o Exército regular foram mobilizados para socorrer cerca de 700 famílias isoladas pela neve, nas montanhas da Carolina setentrional. A neve atinge em certos lugares até cinco metros de espessura. (FP)

"Stradivarius"

Moscou, 11 — Um fabricante amador de violinos na Letônia, conseguiu reconstituir a fórmula do verniz utilizado outrora pelos mestres fabricantes dos famosos violinos "Stradivarius" de Cremona (Itália), anunciou a Agência Tass. (FP)

Discoverer

Londres, 11 — "Desintegrou-se na atmosfera, no dia 8, de manhã, o satélite artificial norte-americano "Discoverer VIII", — anunciou hoje o centro de controle do espaço de Cambridge. (FP)

Alerta

São Carlos, 11 — As autoridades ordenaram hoje à Polícia Nacional que se mantenha alerta durante 6 dias, a partir de amanhã, a fim de impedir novas atos de violência na campanha para a eleição presidencial correnta. (UPI)

Divórcios

Guatemala, México, 11 — A validade de numerosos divórcios obtidos no México foi posta em dúvida, ontem, pelo juiz Roberto Ruiz Linares, o qual afirmou que no Estado de Morelos há uma "fábrica de divórcios" que produz separações "ilegais". (UPI)

Armas para Cuba

HAVANA, 11 (AP) — Em fontes informadas se disse hoje que o Governo cubano comprou uma quantidade fantástica de armas desde que Fidel Castro tomou o poder no ano passado. Sem dar detalhes, uma fonte descreveu as compras como "não substanciais que surpreenderiam aos próprios cubanos".

A Europa é a principal fonte dessas armas. Os Estados Unidos proibiram toda espécie de envio de armas às Caraíbas, com a esperança de evitar novas perturbações políticas nessa área.

Uma das maiores compras de Cuba foi a de 25 mil fuzis automáticos, de uma empresa belga. Os fuzis são do tipo moderno que está sendo adotado pelas forças da Aliança do Atlântico (OTAN), inclusive dos Estados Unidos.

"As forças de Fidel Castro têm hoje maior número desses fuzis ultramodernos para a infantaria que os Estados Unidos", disse aqui uma fonte.

Os funcionários de Fidel Castro aparentemente tiveram menos êxito na procura de aviões para sua Força Aérea. Fontes informadas disseram que duvidam que tenha sido até agora entregue a Cuba algum avião a jato, embora tenham surgido versões persistentes de que se ordenou a compra à Techeo-Estovária de caças Mig, estilo soviético.

A maior parte das armas europeias veio da Bélgica, incluindo fuzis, cartuchos e granadas de vários tipos. O navio francês La Coubre, que explodiu no Porto de Havana há uma semana, trazia quase 80 toneladas de munições para as Forças Armadas de Fidel Castro.

Estão aparecendo muitos fuzis belgas novos entre a milícia operária que resguarda os campos cubanos de cana de açúcar contra os ataques com bombas incendiárias, por aviões que as autoridades cubanas dizem ter base nos Estados Unidos.

Porém, parece que a maior parte das munições está sendo entregue ao Ministério das Forças Armadas e imediatamente levada para depósitos secretos no interior.

Existem pessoas que dizem que alguns dos embarques de armas chegam da Europa sem manifestos. Disseram elas que um carregamento desse tipo foi entregue aqui com uma documentação que fazia as armas passarem por lastro.

Oberlaender vai renunciar

Bona, 11 (UPI) — A esperada renúncia do Sr. Theodor Oberlaender deixará um vácuo no Gabinete do Chanceler Federal Konrad Adenauer.

Oberlaender, Ministro dos refugiados desde 29 de outubro de 1955, anunciou sua demissão, segundo se espera, antes que Adenauer parta amanhã para os Estados Unidos e Japão.

Depois da partida de Oberlaender, somente ficará no Gabinete o Ministro do Interior, Sr. Gerhard Schröder.

GREVES EM SÃO PAULO

O movimento grevista que ontem paralisou duas das mais importantes estradas de ferro do País — a Santos-Jundiaí e a Paulista — e, ao que tudo indica, encerrado à zero hora de hoje, à vista do protocolo firmado às últimas horas da tarde no Gabinete do Ministro da Viação, é antes de mais nada um sinal da inquietação latente em grande parte da massa trabalhadora, derivada do desgaste progressivo do poder de compra, ditado pela inflação.

Temos, repetidamente, nos manifestado a respeito dos reflexos exercidos pela inflação na política de salários. Melhor do que todos os argumentos usados, porém, é o índice percentual de expansão do custo de vida, que atingiu 32% no ano próximo findo. Compreendemos, porém, que uma política liberal de renda não corrigirá, em hipótese alguma, o poder de compra do povo. Essa correção tem que vir de baixo, pela base, da infraestrutura da economia nacional. O que importa, imediatamente, é estabilizar o custo de vida para depois definir as áreas em que se deverá processar reajustamentos naturais, espontâneos, decorrentes de um acerto geral de setores.

O que se observa neste começo de ano, em termos de inquietação social, é, sem nenhuma dúvida, o reflexo da brutal elevação do custo da vida ao longo de 1959. São algumas dezenas de grupos profissionais que pleiteiam, pelos meios próprios, melhorias que variam em grau o mais diverso.

Contemplamos, no comportamento de certos setores, uma tendência favorável à melhor ordenação da economia doméstica. Mas não escondemos o nosso receio quanto ao perigo que ameaça aquela tendência, num ano de eleição, quando as pressões se multiplicam.

A greve de ontem, em São Paulo, deve ser tida como uma advertência e o Governo pode antecipar-se a outros movimentos semelhantes, se mobilizar os recursos necessários e capazes de infundir confiança sobre o propósito de conduzir a economia a um regime estável e de recomposição.

O SILÊNCIO DE DENIS

O Marechal Odílio Denis, Ministro da Guerra, de momento, com serenidade e de maneira fútil, as informações que dizem ter sido ele sondado para participar de uma manobra política que visaria à modificação da Constituição para a reeleição do Sr. Juscelino Kubitschek.

E o Marechal Denis um soldado respeitável e capaz, como agora, de dizer, com clareza, que não se deixará envolver pela política e que manterá o Exército longe dela. A sua atitude é de grande lucidez e franqueza, ao merecendo os louvores de todos os que desejam ver o Exército à margem das lutas partidárias.

De fato, o Sr. Denis, ao assumir o Ministério da Guerra, si-lenciou. Hoje, não se ouvem mais as vozes oraculares partidárias do Gabinete do Ministro da Guerra e que apressavam sobre os seus ombros a criação de ministérios, a criação de ministérios, a criação de ministérios.

Além disso, o Sr. Denis, muitas vezes, em São Paulo, há re-sonâncias, de lado a lado, a apelo, injustas a corrigir, re-velando a intenção de controlar e controlar a organização. Portanto, convém que a imprensa o mantenha fora das especulações e do noticiário político, dando ao Sr. Denis a satisfação do anonimato.

O PSD contemplativo

O maior de todos os nossos partidos políticos, essa associação de conservadores que não estivessemos no Brasil. País das contradições... — se chama Partido Social Democrático, está omissa, nesta campanha presidencial de 1960. Dá apoio formalmente — e tão-só de acordo com as mais burocráticas das formalidades — ao Sr. Henrique Lott, ex-Ministro da Guerra.

Está o Sr. Lott na situação — que este jornal previu, em tempo oportuno — de ter que provar que é capaz de ser candidato à Presidência da República sem ser, ao mesmo tempo, um todo-poderoso Ministro da Guerra. Até o momento, o Sr. Lott ainda não demonstrou possuir a capacidade de arregimentação e a de comando necessárias a um candidato que se preza e que, principalmente, é prezado.

A verdade é que o PSD não toma uma só providência para transformar em realidade a candidatura do Sr. Lott. Sabe-se que o Sr. Lott ainda não conseguiu dinheiro para excursionar pelo País, para falar na televisão e nas estações de rádio, para imprimir os cartazes da sua propaganda. O PSD nomeou, durante a Convenção Nacional em que lançou a candidatura do Sr. Lott, uma série de comissões, entre as quais havia uma de recursos para a campanha. Que fazem essas comissões? Onde se reúnem? Que conseguiram?

Ninguém sabe responder a essas perguntas, nem mesmo o PSD. O grande partido está deitado, com a pachorra de um paquiderme adormecido. E o Sr. Lott, no seu dorso, pula e grita, tentando, em vão, espicaçá-lo. O PSD está surdo à sua voz de comando e aos seus apelos. Parece querer que o Sr. Lott se canse, para depois derubá-lo com um leve safanão.

Ora, de todos os métodos de fazer política, esse é o que o povo menos respeita e aceita. O que o PSD tem a fazer é dizer logo, de uma vez, se vai com o Sr. Lott até o fim, trabalhando com afinco pela sua vitória, ou se quer que ele desista da candidatura para que se possa escolher outro nome, mais agradável aos ouvidos da indústria (de quem o PSD é a expressão política) e mais integrado na política de desenvolvimento do Sr. Juscelino Kubitschek.

Parece-nos — e esperemos que assim seja — fora das cogitações qualquer manobra que vise à continuação no Poder do Sr. Kubitschek. Mexer na Constituição para atingir objetivos políticos imediatistas é coisa muito perigosa e capaz de fazer o Brasil voltar à época dos boatos, das corréias, das pregações subversivas e dos esquemas militares. Ao que estamos informados, o Presidente não quer tal coisa, tendo a certeza de que poderá ser candidato, novamente, com grandes possibilidades, em 1965, se assim o desejar. Consideramos, portanto, inadmissível, mesmo para o raciocínio, essa hipótese.

Então, é o caso de se perguntar ao PSD: se não quer o Sr. Lott e se não manobra para o continuismo, que pretende? Admitamos que é um outro candidato. Se é, deve o PSD falar com clareza e franqueza. Não precisa dar o nome do candidato, por enquanto, mas tem a obrigação de dar uma satisfação ao Sr. Lott. Alguém poderá achar estranho que nós façamos a sugestão de o PSD dar satisfações ao Sr. Lott, que, afinal de contas, foi o homem que, num dado momento, pôs o grande partido sob o regime da ordem unida. A nossa opinião, porém, é de que as satisfações não serão somente ao Sr. Lott, mas a todo o País.

Porque, estamos certos, o PSD está devendo uma satisfação ao País por haver-se comportado mal e continuar agindo de maneira censurável, na questão da sucessão presidencial. Um partido político tem obrigações para com o povo que o apoia e que dá respaldo à sua ação. O PSD, do início de 1959 para cá, perdeu-se em manobras mesquinhas e sem significação mas que tiveram um efeito cumulativo desastroso, dado o seu grande número.

O PSD vetou o nome do Sr. Juracy Magalhães e o entendimento com a UDN. Em seguida, começou a vetar-se a si mesmo. O Sr. Amaral Peixoto não podia ser o candidato. O Sr. José Maria Alkmin também não. Nem o Sr. Benedito Valadares. Nem o Sr. Lúcio Meira. Quanto ao Sr. Tancredino Neves, era impossível. O Sr. Bias Fortes perdeu as esperanças. Cada candidato em potencial devorava o seu vizinho. E quando o combate cessou, por falta de combatentes, o PSD acabou engolindo — mas não digerindo — a espada do Sr. Lott. Mas, para não perder o hábito da confusão, gastou as energias em manobras de reforma da Constituição para reeleger o Sr. Kubitschek, aprovação da emenda parlamentarista, prorrogação do mandato presidencial, estabelecimento de um mandato-tampão etc.

Hoje, está o PSD na triste situação de achar eleitoralmente ruim o candidato que tem e não ter coragem de dizê-lo, não mais por temor de hipotéticas reações militares mas por medo da volta ao vale-tudo político que travou em 1959. E está vesgo, o PSD está vesgo como um gigante que se perdesse na contemplação do seu próprio nariz, um nariz que se meteu demais onde não devia.

PISTAS EM PERIGO

Faz pouco tempo que as pistas de emergência que cercam pelo aterra da Glória inauguraram com ruído o aparato de benefício amplo à Glória, no terreno angustiante do tráfego. Evidentemente, que se trata de uma solução provisória, mas ainda assim é lamentável o estado em que as mesmas se encontram: buracos começam a surgir ao longo de seu leito e, em alguns pontos, bem menos a olhos do leito, surgem também rachas ou fendas, ameaçadoras de que correm os automóveis. Não se pode saber, ainda, até que ponto houve falta de cuidados técnicos, mas a verdade é

DITADORES AFORTUNADOS

A fortuna do ditador Trujillo é calculada, segundo o *Wall Street Journal*, em cerca de 600 milhões de dólares. Lembra-se, aqui, o afortunamento de outros ditadores — Batista, Perón, Rojas Pinilla e Marcos Pérez Jiménez.

Na verdade, há por parte dos povos que não aceitam esse fato brutal — enriquecimento dos ditadores — uma amargura em constatar que, após as catástrofes nacionais a que os ditos submeteram povos de índole e formação livres, os homens fortes conseguem fugir às responsabilidades de um ajuste de contas e escapar à dura condição da pobreza ou à necessidade do trabalho para sobreviver: a fortuna é o seu (deles) doce cántico de vitória ou de exílio forçado.

Em contraste com esses resíduos de deformação política, há todo um campo em que floresce uma fecunda dignidade: raríssimos são os grandes líderes democráticos que, em função de facilidades do poder, enriqueceram-se abusivamente. Ao contrário, há um halo de pobreza heroica a cercar-lhes a vida pública, e o grande exemplo será sempre o de Lincoln, que, em dois períodos de governo, tinha grande preocupação pela futura da família, a quem não deixaria fortuna imobilizada nem dinheiro. São estes os juro da decência, que, às vezes, avultam mais do que o capital político.

LOUVÁVEL ATITUDE

A Mesa da Câmara dos Deputados resolveu manter o Palácio Tiradentes em condições de receber, novamente, esta Casa do Congresso, caso ocorra qualquer anomalia que venha impedir o exercício normal da república. Foi providência sábia essa, uma vez que toda cautela num momento de alteração de vida administrativa e política como o que atravessamos é sinal de espírito realista e, ao mesmo tempo, de instinto de sobrevivência.

Não há, aliás, nenhum motivo para que o Palácio Tiradentes, pelo menos no início de uma experiência tão profunda como é a mudança da Capital Federal para o Planalto Central, passe levemente a outros usos. Até por motivos de conveniência administrativa, é louvável a preservação do próprio da Câmara dos Deputados; a mudança da Capital não pode ser feita numa etapa única, mas terá de submeter-se a um ritmo de espaçamento progressivo de vários serviços e setores administrativos.

É de elogiar-se, também, a resolução da Mesa da Câmara dos Deputados, principalmente quando se sabe que há, ainda, muita confusão em torno da divulgação e da cobertura radiofônica dos trabalhos legislativos em Brasília.

UM DINHEIRO AL...

Obras paradas, testemunhos de vontades que não tiveram força para chegar à realidade total, enegrecidas pelo tempo, marcadas pelo limo, parecem sempre um mapa de desastres, terremotos ou ciclones. Se não houve a revolta dos elementos, se a terra não fender-se os ventos não se lançaram furiosos contra a impotente obra do homem, se o mar não rompeu os seus limites e não invadiu a terra, há, diante de pontos por acabar, de edifícios incompletos, de viadutos impossíveis de serem usados, a ideia perfeita de que alguma coisa violenta impediu o término.

Sim, o dinheiro acabou, assim como a festa de José. Ou o dinheiro tomou outros rumos, encontrou caminhos mais fáceis para fugir à disciplina das verbas empenhadas. O valor estimado é da ordem de dois bilhões de cruzeiros. Uma gôta ou uma fatia na execução de um plano que não é vasto nem ambicioso; que não chegaria, se executado, a resolver os problemas que aí estão, mas que atenuaria um pouco alguns deles. E, no fim, a opinião de mais uma permanência criada em plena Rua de Janeiro, por um grupo de funcionários incontinentes e que se tornaram conhecidos como SURSAS.

Para onde foi o dinheiro das obras? Foi ou não foi ele arcaado? Seria bom saber. Será que a SURSAS resolveu atender ao estribilho da manilha carnavalesca e andou dando um dinheiro a uns e outros que estariam a mão por aí?

O fato é que agora é ela quem pede ao Governo Federal uma de obediência, dois bilhões de cruzeiros, para pagar os empreiteiros aquilo que já foi feito. Pagar a conta velha, para abrir uma nova. Convinhamos que o Governo Federal não deve atender, pelo menos sem que tenha amplas explicações sobre o destino dos dois bilhões. Não seria justo, a opinião de mais uma permanência criada em plena Rua de Janeiro, por um grupo de funcionários incontinentes e que se tornaram conhecidos como SURSAS.

Seja como for, convém que os técnicos oficiais alonguem suas vistas para as pistas da Glória: é melhor prevenir do que lamentar depois, quando o tráfego, ali, se tornar irremediável — o que fazemos votos não ocorra. Fiquem as pistas merecidas por alguma ocorrência mais trágica, dada a precariedade precária que lhes vai correndo as estruturas de aterra.

Claude D'Abbeville e o Brasil

Múcio Leão

Grande entusiasta do Brasil é o capuchinho Claude D'Abbeville. É esse um sentimento que, a bem dizer, se evala de cada uma das páginas da sua *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*. "Não existe lugar no mundo mais belo, mais delicioso do que este", exclama ele, em certa passagem de sua obra. E é assim que descreve o clima do Brasil — ou, antes, o do Maranhão, onde está residindo.

"O frio aqui só se encontra de perfume com o calor, e à noite não falta a atenuante das chuvas. Nunca se vê granizo nem se deparamos fechos nevoeiros, e não há necessidade de tapar o nariz por causa dos maus odores... Não há neves, nem geadas, nem tormentas. Raros trovões, um pouco mais frequentes na estação das chuvas. Durante as ventanias, vêm-se, à noite, alguns relâmpagos, embora o tempo permaneça claro; como, porém, os ar permanece puro e temperado, não se formam nuvens espessas, o que faz com que não se acompanhem os relâmpagos de raios ou trovões... Pode-se dizer que, pela frescura do ar e pela sua temperatura, não existe, debaixo dos céus, país mais belo, mais admirável e mais temperado; salvo, sem dúvida, o paraíso terrestre..."

E o homem capuchinho prossegue por linhas e linhas, com uma grande e deliciosa eloquência — mostrando, em tudo e por tudo, a imensa superioridade que tem o Brasil sobre a Europa. E — pois que é gracioso — transportamos para aqui a chave de ouro dessa sua alongada argumentação:

"Al (no Brasil) não nos sentimos debruçados e sonolentos, como na Europa, durante os grandes valores do estio; ao contrário, sempre nos sentimos ágeis, alegres, bem dispostos. Na Europa, o grande calor tira a vontade de comer, e no Brasil sempre temos bom apetite. E não por falta de viveres, que os há em abundância, mas são tão excelentes e é o ar tão temperado, e tão boa a disposição do corpo, que a digestão é fácil e rápida."

Para d'Abbeville, o nosso é o País da eterna primavera — e pouco lhe falta para ser, mesmo, esse paraíso terreno, que o próprio capuchinho evoca. Todas as coisas, aqui, são maravilhosas. Trata-se de palméias? Pois o Brasil é um jardim de palméias... E como a palma é o emblema da vitória, pode-se dizer que a Ilha de São Luís, em que o amável frade escreve, é mais do que os outros lugares o emblema da vitória — "mesmo porque nenhum inimigo a pode vencer..."

Numa síntese amorosa, ele proclama: "O Brasil não é somente muito fértil e bom, mas, ainda, muito bonito e muito agradável".

E tão grande é o amor que acaba tendo pelo Brasil, que, em certo momento, chega a se interrogar:

— Não terá Deus reservado este País para não ser louvado, no Ocidente, e até o fim do mundo?

Administração e Justiça de Brasília

Carlos A. Dunshee de Abranches

Brasília, no início, era uma questão de fé. Fé na determinação e na clarividência da estrada que empreendesse a obra inadiável da interiorização da Capital, marcada uma nova fase no desenvolvimento do País. Fé nos técnicos e empresários, aos quais incumbiria a tarefa ciclópica de planejar e construir no Planalto Central uma metrópole digna da civilização da nossa era. Fé nos trabalhadores, oriundos de todos os recantos do território nacional, aos quais competiria levantar os edifícios, abrir estradas e realizar as outras obras inenunciáveis, de que depende a existência de uma cidade, começando do nada. Por fim, fé no povo que teria de suportar os sacrifícios inevitáveis para alcançar o objetivo que tantas gerações recomendaram, mas não perseguiram.

Por isso havia os que acreditavam e os que descrem da possibilidade do gigantesco empreendimento. Nós, por exemplo, há cerca de dois anos e meio, descrevemos nesta mesma coluna a inauguração da nova Capital e, há um ano, depois de visitar as suas obras, reafirmamos a nossa confiança de que a página de fé, escrita em 1957, tornaria-se crônica no dia 21 de abril de 1960.

Em contraposição, houve prognósticos de que os esqueletos dos edifícios, alçados na linha do horizonte, no deserto goiano, serviriam apenas para lembrar a insânia dos mudancistas, enquanto os às onças passeariam pela Estrada Belém-Brasília, rasgada na selva.

Naquela época esse ceticismo era compreensível, se bem que, entre os que mais combatiam Brasília, estivessem os intelectuais pessimistas, que sempre descrem da capacidade da nossa gente para dar o salto histórico, que nos fará passar da área do subdesenvolvimento para o grupo das nações que têm um importante destino a cumprir no mundo moderno.

Hoje, porém, Brasília é uma realidade. Nem os piores reços poderão recusar-se a vê-la, por que ela não é apenas um conjunto solitário de avenidas, palácios, edifícios, praças, instalações, parques e lago, tudo feito pela mão do homem, que só um pequeno número viu de perto.

As estradas que ligam a futura Capital ao Norte e ao Sul do País permitirão a milhares de brasileiros o contato físico com as caravanas de veículos e os homens que foram de Belém a Porto Alegre, levando a todos um toque de realidade daquilo que só conheciam através de fotografia ou do cinema.

Finalmente, a recente visita do Presidente Eisenhower a Brasília deu-lhe a dimensão im-

ternacional que faltava, fazendo entrar na história de nossos dias.

Diante de tudo isso, não se pode compreender como juristas de mérito pretendam ainda impedir a mudança do Governo Central, a ser feita dentro de 30 dias, sob a alegação da impossibilidade constitucional de dotar o novo Distrito Federal da organização administrativa e judiciária indispensável à sua existência legal.

Como é sabido, o Congresso Nacional está concluindo o exame das várias proposições apresentadas a respeito e ninguém tem dúvida de que, contando o Executivo com maioria em ambas as casas legislativas, a lei de organização administrativa e judiciária de Brasília será promulgada e publicada antes do dia 21 de mês vindouro.

Prende-se, porém, que dita organização dependa de emenda constitucional, o que, se fosse exato, ensejaria à Oposição impedir a mudança, na data marcada, por meio de obstrução parlamentar, inevitável em se tratando de simples aprovação de lei ordinária.

Toda a argumentação desses impenitentes adversários da nova Capital se concentra no dispositivo constitucional que manda obedecer, na organização administrativa e judiciária do Distrito Federal, a certos princípios, entre os quais, o ingresso na magistratura vitalícia por meio de concurso de provas, organizado pelo Tribunal de Justiça, com a colaboração da Ordem dos Advogados.

Basta, portanto, que a lei em elaboração mande constituir o Tribunal de Justiça de Brasília com os Desembargadores dos Tribunais do atual Distrito Federal e dos Estados, que ingressaram na magistratura vitalícia com integral observância dos preceitos constitucionais e que se queiram transferir para a nova Capital, e que se obedea, quanto aos magistrados de primeira instância e em todo o mais, às normas da Lei Básica.

O fato de ainda não existir Tribunal de Justiça e Seção da Ordem dos Advogados em Brasília não é, portanto, obstáculo intransponível a que o Legislativo dê ao novo Distrito Federal a lei de organização para a sua instalação no mês vindouro.

Assim decidiu o Instituto dos Advogados, em sua última sessão, com a autoridade e isenção com que, há mais de cem anos, vem orientando a nossa vida jurídica. Passado algum tempo, será difícil erar que os autocratas se hajam apagado a tal questão, em seus últimos estertores para impedir um passo tão importante ao progresso da Nação.

Comunismo em Cuba

Chermont de Brito

Do comunismo em Cuba, ninguém de bom-senso pode mais duvidar. Mascaram-se de democrata, para combater o ditador Batista e alcançar o Governo, Fidel Castro logo depois transformava o seu país em centro de todas as atividades socialistas nas Américas, numa verdadeira base de operações comunistas contra as nações latino-americanas. Seus brutais e violentos ataques à política dos Estados Unidos da América do Norte, suas provocações constantes ao povo ianque, "os desembragamentos libertadores" nas costas do Panamá, Nicarágua, Guatemala e da República Dominicana, revelam a gravidade da luta que estamos vivendo. As consequências da perigosa aventura de Fidel Castro são as mais graves e alarmantes, criando para a diplomacia continental um clima de permanente inquietação. A Rússia, ainda uma vez, enquanto espalha pelo mundo os propósitos de paz e concordância, consegue pôr no Continente Americano uma terrível pontal-lança.

Os inocentes ilhéus que acreditavam a esperança de que a Revolução chefiada por Fidel Castro almejava apenas pôr fim definitivamente à tirania Batista em Cuba, para restaurar na grade da República todas as liberdades públicas de uma verdadeira democracia, logo se convenceram de que a ditadura vermelha, fundada nos crêdoes princípios de opressão e perseguição do Governo russo, instalara no país um regime de violência e ferocidade jamais visto pelo povo cubano.

Os primeiros seis meses do Governo Fidel Castro mostraram que os planos soviéticos foram aplicados com uma técnica e um rigor inexcedíveis. Tudo ali devia ter sido planejado com a antecedência, o zelo e o cuidado que os comunistas sabem pôr nos seus planos de conquista dos países capitalistas. Quando decretou a nacionalização das poderosas indústrias açucareiras, que faziam a riqueza e o orgulho da Pórcia das Antilhas, a opinião pública cubana sentiu, em toda nitidez, a gravidade da desgraça que se abateria sobre a sua terra.

Os testemunhos da ação comunista de Fidel Castro, das suas intenções de inquietar e agitar as Américas, repetem-se de maneira constante e irresponsável. O boletim da Comissão Internacional de Juristas, de fevereiro do corrente ano, publica, na íntegra, o depoimento do ex-chefe das Forças Armadas da República de Cuba nos primeiros meses da Administração do Sr. Fidel Castro. O Major Pedro Luis Díaz Lanz faz essas declarações perante a Comissão de Segurança Interna e Assuntos Jurídicos dos Estados Unidos. O depoimento deve alto chefe da revolução cubana ressaltar de singular importância pelo fato de ter sido desmentado em dois pontos de maior relevo e confiança e, ainda, por haver sido

elemento dos mais antigos e denodados na luta contra a ditadura Batista. E tudo que ele afirma está em perfeita consonância com os atos e atitudes do atual Governo cubano. Para convencer os mais crédulos, bastaria saber que todo o Ministério, os auxiliares de imediata confiança, os chefes militares, são ocupados por comunistas. O Ministro da Educação, o Diretor do Banco Central, Ernesto Che Guevara, a Senhora Vilma Espín, o Coronel Lamza, chefe da grande base aérea de Santo Antônio, o maior aeroporto militar de Cuba, construído durante a última Grande Guerra pelos Estados Unidos, para somente citar as personalidades de maior relevo, são instrumentos da política soviética na América, com íntima ligação com Moscou.

Um dos fatos mais graves apontados pelo Major Díaz é o de cada dia chegarem a Cuba oficiais do Estado-Maior do Exército Vermelho, a quem são confiados, sob a capa de assistência técnica, os mais importantes encargos nas Forças Armadas do país. Esses oficiais vermelhos lecionam também nas escolas de addestramento, organizadas pelo Governo cubano com o fim de iniciar o povo nos conhecimentos do regime comunista. Graças a isso, o Partido Comunista de Cuba vê, cada hora, engrossarem suas fileiras, que já contam com cerca de cem mil filiados. Para uma população de seis milhões de habitantes, como tem, Cuba, e por força do prestígio que lhe empresta o Governo, o Partido Comunista é hoje no país uma força verdadeiramente extraordinária, capaz de enfrentar qualquer resistência.

A reforma agrícola, que Fidel Castro anunciou como o grande passo para a sovietação do país, já aparece aos olhos dos trabalhadores rurais como o terrível engodo de que se valeram os comunistas para conseguir a simpatia popular. Eles já começam a compreender que não são donos da terra, mas escravos do Estado, como na Rússia, que lhes arranca trabalho, suor, sangue e lágrimas. De seu mesmo, só lhes deixam os olhos, para chorarem a desdita de terem, por um momento, sido, acreditados nas promessas de Fidel Castro.

O Major Díaz pensa que Fidel Castro aproveitou o pretexto de banir as ditaduras das Américas para uma operação violenta e rápida contra os seus vizinhos do Continente. Seria assim o princípio da "operação corpan", que a Rússia tanto deseja lançar na América. Mas devemos esperar que da compreensão que sempre reinou entre os povos da América se reconstitua a ideia salvadora, capaz de evitar como flame de desgraça.

AREIA DO TEMPO

Morra a

livraria! Viva a pipoca!

Josué Montello

Há uma livraria ameaçada de fechar as portas por ato discriminatório da Fiscalização Bancária. Precisamente a mais importante do Rio no comércio especializado de livros franceses, segundo informação trazida, no meu conhecimento. Seu proprietário, em vez de vender Balzac e Proust, está decidido a mudar o ramo de seu negócio, passando a vender pipocas no mesmo local.

Embora o País se tenha industrializado e vertiginosamente, entrando numa fase nova de sua evolução com as providências eleitorais do atual Governo, há naturalmente quem ainda guarde na memória analítica o velho reflexo de que o Brasil é essencialmente agrícola. E daí esta providência: em lugar da cultura literária — a cultura do milho!

Historiemos o fato, nas suas linhas gerais.

Fundada em 1949, a Livraria em apreço, com sede em Copacabana, fez do livro francês a sua especialidade, com 95% de suas atividades voltadas para esse ramo de negócio. Em virtude dessa especialização, coube-lhe uma quota anual para importação, diretamente da França, de livros ali editados.

Em 1954 e 1955, cedeu a Livraria parte de sua quota à firma Hachette, do Rio de Janeiro, que fazia as importações em bloco. A cessão não implicava em perda de direito para o futuro. Nos anos subsequentes, continuou a Livraria a fazer as suas importações por intermédio ainda daquela firma, sem despendar a quota de trinta mil dólares, que lhe havia sido atribuída pela Fiscalização Bancária.

No começo deste ano, a Hachette comunicou à sua cliente que, em virtude de corte determinado pela Fiban na sua quota global, estava impossibilitada de atender-lhe, por um dia. Em face da comunicação, a Livraria em causa dirigiu-se à Fiscalização Bancária solicitando a sua antiga quota, com a exaustiva documentação da comércio em que se especializava. E a seu requerimento foi redondamente indeferido — ao mesmo tempo que no Diário Oficial de 2 do corrente apareceu a relação de oitenta firmas, no Rio de Janeiro, contempladas com excelentes quotas de câmbio, bastando dizer que só uma, especializada em revistas americanas, recebeu, aproximadamente, meio milhão de dólares!

Trago o caso a esta coluna porque o problema é de interesse público. Não pode passar sem protesto o fato de fecharem uma livraria, que nos põe em contato com os antigos mestres franceses de nossa cultura, para ser aberta no mesmo lugar uma casa de pipocas, unicamente porque a Fiscalização Bancária, que dá quase meio milhão de dólares para a importação de revistas americanas, não dá um único dólar para a importação de livros franceses por parte de uma livraria que tem nessa importação a razão de ser de sua existência.

Não é possível que o Ministro da Fazenda saiba disso. Nem tampouco o ilustre Presidente do Banco do Brasil, que é pessoa sensível à cultura literária.

Presidente aprova SUDENE

O Regulamento da Lei que criou a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste foi aprovado pelo Presidente da República. O regulamento, elaborado pela Secretaria Executiva da SUDENE, agora baixada em decreto presidencial, traz a assinatura de todo o Ministério.

Composto de 11 capítulos e 76 artigos, define a SUDENE, estabelece os seus objetivos, os órgãos que a compõem, seu Conselho Deliberativo, Secretaria Executiva, Pessoal, Plano Diretor, Plano de Emergência, recursos e execução orçamentária, incentivos financeiros, assistência técnica, desapropriações e disposições transitórias.

MEDIDAS IMEDIATAS

Já aprovou o Presidente da República vários projetos decorrentes da ação da SUDENE. Entre outros, a criação de uma fábrica de borracha sintética em Pernambuco; o que soluciona os problemas de abastecimento de energia elétrica nas Cidades de Fortaleza, Teresina e Paraíba; e extensão das linhas da CHEST até o Rio Grande do Norte.

RONDÓ
Mãos
limpas
etc.

que possuía do inglês e não entendeu sequer a português do Sr. Faraco, achou que ele estava falando "uma espécie de inglês de bombachas".

quanta à Presidência, no
lista, se verifica quanta à
em termos menos exaltado
O Deputado Afrânio de

do Observa-
Partido Socia-
lice, embora
Oliveira es-

algumas pessoas oferecendo
o inteiramente contrário à sua
um sentido especial à sua
encarando a sua vitória uma
do Congresso ao Governo,

fêz questão de orientar diretamente a introdução da Mensagem, dando-lhe as linhas gerais e ditando os trechos principais.

deverão ser examinadas pelo Senador Barros de Carvalho, devendo este apresentar ao Vice-Presidente soluções para todos os casos.

MAIORIA

Informava-se, ontem, no Senado que o problema da maioria do novo líder da Maioria naquela

Vice: quatro caminhos
A mesma divisão que se observa quanto à Presidência, no Partido Socialista, se verifica quanto à Vice, embora em termos menos exaltados.

O Deputado Afrânio de Oliveira es-

Finalizada em máquinas e instrumentos eletrônicos.

Enfim a demonstração: o Sr. Juscelino recebeu dos diretores da organização, um selo com uma placa de prata onde se vê gravado o mapa do Brasil, apresentando um relevo topográfico e futura Capital do País, Brasília.

havendo o Senador Saulo Ramos se decidido a disputar a liderança da bancada, pôs-se já pretendendo por vários outros senadores do PTB. Essas dificuldades e outras mais, tal como a oposição de alguns membros do Senado ao Senador Vivaldo Lima, é que deverão ser examinadas pelo Senador Barros de Carvalho, devendo este apresentar ao Vice-

ção, um estajo com uma placa que indica onde se vê gravado o mapa do Brasil, apresentando um estajo com o nome e futura Capital do País, Brasília.

JUSCELINO REVÊ
À medida que os trabalhos da Mensagem progrediam, os textos eram trazidos ao Presidente da República para dele receber sugestões.

O Sr. Juscelino Kubitschek fez questão de orientar dire-

16

Câmara dos Deputados

1. Reeleita a Comissão Diretora
2. Bonifácio auxilia vítimas
3. Flagelados no Estado de Minas

A Câmara Federal elegeu, ontem, a sua Mesa Diretora para a sessão legislativa de 1960, tendo sido reconduzidos os seus respectivos postos, como se esperava, todos os membros da Mesa anterior. Foi o seguinte o resultado da votação:

Presidente, Rauler Maizelli (PSD-São Paulo), 197 votos; Aurélio Viana (PSB-Alagoas), 3 votos; Ezequiel Lima (PSD-Paraná), 2 votos;

1.º Vice-Presidente, Sérgio Magalhães (PTB-DF), 160 votos; Ruy de Azevedo (PSB-Paraná), 3 votos; 2.º Vice-Presidente, Nelson (PSD-Rio de Janeiro), 180 votos; Pereira da Silva (PSD-Amazonas), 27 votos;

3.º Secretário, José Bonifácio (U.D.-Minas), 206 votos;

4.º Secretário, Nelson Moreira (P.S.-Paraná), 209 votos;

5.º Secretário, Armando Rollemberg (PR-Sergipe), 210 votos;

1.º Suplente, Geraldo Guedes (PI-Paraná), 188 votos;

2.º Suplente, Alfredo Nasser (P.S.-Rio de Janeiro), 149 votos;

3.º Suplente, Mendes Gonçalves (PSD-Mato Grosso), 141 votos;

4.º Suplente, Antônio Baby (P.T.-Paraná), 136 votos.

O SENTIDO DE UMA ESCOLHA

Após ser declarado eleito Presidente, o Sr. Rauler Maizelli assumiu o seu posto para presidir a eleição dos demais membros da Mesa, pronunciando, antes, um breve discurso em que declarou:

"Interpreto a reeleição com que acabo de ser distinguido por meus colegas como indicação de que coincidem os princípios pelos quais procuro nortear minha conduta — e que são meus por temperamento e formação — com a tendência geral do Congresso para desenvolver a sua ação numa atmosfera de cordura, respeito mútuo e coexistência de pontos de vista."

Também chamou a atenção para os aspectos negativos da situação política, mencionando as falhas decorrentes da imperfeição humana, e compreendendo e partilhando a minha permanente preocupação com a situação política do Brasil, e a importância da vida política nacional e o mesmo tempo aceitas as transformações que concorrem para a melhoria da separação e harmonia dos poderes.

Os grupos de trabalho que aqui existem, de composição e amplitude variadas, representam a confirmação, em escala nacional, do valor do trabalho de equipe, no seu conceito e na sua aplicação. Nunca serão bastante louvados os trabalhos das comissões desta Casa, sem a colaboração de um colaborador, porém, verdadeiro alcega de toda a vida parlamentar, da qual o plenário é a articulação e o reflexo. E podemos de certo modo nos vangloriar da maneira pela qual se tem desenvolvido essa articulação. Matéria que dividiram de modo apaixonado as correntes da Oposição e da maioria têm sido compensadas por um consenso geral que concorre para o amadurecimento das conclusões.

Temos agora, na Mesa da Câmara, um belo e digno exemplo de ação norteada exclusivamente pelo interesse público, contrariando opiniões pessoais. Retiro-me ao caso da mudança para o Rio de Janeiro, no qual a maioria não nos vangloria de sua eficiência, não tem de modo algum interferido na eficiência do andamento dos trabalhos.

Como não poderia deixar de ser, às vésperas de uma transformação radical na vida do País, estamos todos atravessando um período marcado pelas dificuldades e problemas decorrentes da necessidade de conjugar o atual e o futuro. Vem aliás de longe a influência da mudança sobre os planos de ação e as realizações da Mesa, condicionados todos a uma qualidade de permanência que exigem as inovações. Passadas as "provincianismos" imediatos e práticos que no momento absorvem as energias da comissão diretora e dos grupos de trabalho e que influem sobre a própria ação individual, será criada a época de uma recapitulação completa das diretrizes anteriormente traçadas, para que seja assegurada aos membros desta Casa a assistência técnica e as reformas, cuja necessidade a prática vem apontando.

Estou profundamente grato aos meus colegas pela renovada honra que hoje me cabe de assumir a presidência dos trabalhos da nossa Câmara.

E por isto, a emoção de reconhecimento que me traz a minha reeleição é hoje atizada por uma forte esperança no futuro e no que faremos juntos para realizá-lo. Muito obrigado."

TROMBA DE ÁGUA

Iniciados os trabalhos, foram à tribuna os seguintes Deputados: Clemente Sampaio, comunicando sua fidelidade à Mesa do Partido e dizendo que votaria na chapa oficial; Fernando Santana e Antônio Rocha, declarando de suas candidaturas a uma das Secretarias; João Agripino, lendo telegrama do Sr. Mário Martins, presidente de Vitória, comunicando a ocorrência de uma tromba de água que inundou vários municípios do Estado do Espírito Santo, causando morte e desolação e pedindo auxílio do Governo Federal para o socorro dos flagelados.

INSTALAÇÃO

Concluídos os trabalhos preparatórios da sessão legislativa, o

Sr. Rauler Maizelli convocou a Câmara para a reunião de instalação do Congresso Nacional, no próximo dia 15, às 14 horas, no Palácio Tiradentes, quando será lida a Mensagem Anual do Presidente da República.

Já no dia imediato haverá reunião ordinária da Câmara, devendo ser iniciado um verdadeiro trabalho parlamentar, para votação das leis que ditam a organização jurídica-administrativa do futuro Distrito Federal e do futuro Estado da Guanabara.

AUXÍLIO

O Deputado José Bonifácio desenvolveu o seguinte projeto de lei:

"Art. 1.º — Fica aberto os créditos extraordinários de Cr\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de cruzeiros) e de Cr\$ 20.000.000,00 (vinte milhões de cruzeiros) para socorrer às vítimas e ressarir os prejuízos causados pela tromba de água que atingiu em março corrente, respectivamente, os municípios de Cataguás e São João Nepomuceno, em Minas Gerais.

Art. 2.º — O Poder Executivo, pelo Ministério da Fazenda, estabelecerá os critérios para efeito

de indenização dos prejuízos aos quais se refere o artigo anterior, de acordo com as Prefeituras e as Associações Rurais dos Municípios atingidos.

Art. 3.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário."

JUSTIFICACÃO

"As ocorrências trágicas que têm atingido os municípios mineiros têm acarretado prejuízos vultosos que transformam aquelas regiões em zonas verdadeiramente flageladas. As calamidades são públicas e os bens perdidos ascendem a dezenas de milhões de cruzeiros. O amparo de suas vítimas conjugando esforços das autoridades municipais, estaduais e federais, traduz conduta das mais justas, pois, minimando, em parte, as perdas e os sofrimentos dos habitantes da região, traz conforto às desgraças que por ali se espalham.

O projeto é, por isso, daqueles que merecem urgência na sua aprovação que pedimos, certos de encontrarmos a acolhida serena e justa desta Casa do Congresso Nacional."

De apenas 40 funcionários consistirá mudança oficial, do Itamarati para Brasília

O Ministério das Relações Exteriores deverá mudar-se oficialmente para Brasília no próximo dia 5 de maio, quando 40 funcionários já selecionados, incluindo o Gabinete do Ministro, lá estarão executando a política externa do País, que continuará, entretanto, sendo formulada no Itamarati, aqui no Rio de Janeiro.

Entre esses 40 funcionários estão diplomatas do Gabinete do Ministro e da Divisão do Cerimonial, além de secretários, datilógrafas, contínuos e choferes. Cada Departamento do Itamarati — Político, Cultural, Econômico e Consular — terá um assessor em Brasília.

TRES ANDARES

O Ministério das Relações Exteriores em Brasília ocupará três andares do prédio do Ministério da Saúde, até que seu prédio fique pronto, em 1961.

O Primeiro-Secretário Milton Teles Ribeiro, que será o chefe do Expediente do Itamarati em Brasília e o Consol Jorge Ribeiro já se encontram em Brasília tomando providências para a instalação do Ministério das Relações Exteriores.

Consul Paulo de Tarso expulsa do Gabinete Civil o Presidente do IPASE

O Consul Paulo de Tarso, chefe do Gabinete do Sr. Sette Câmara, expulsou, ontem, da sala principal do Gabinete Civil, o Sr. Almir de Andrade, depois de um ruído incidente em que houve gestos do Presidente do IPASE de retirar da ilharga um suspiro revólver, sendo o movimento contido por outros oficiais do Gabinete da Casa Civil.

O desentendimento explodiu no momento em que o Sr. Paulo de Tarso afirmou que o Presidente do IPASE estava querendo "fazer barganha com ordens do Presidente da República", sentindo-se o Sr. Almir de Andrade ofendido.

DISCUSSÃO

O Sr. Almir de Andrade chegou ao Gabinete, cerca das 17h30m. Procurou o Sr. Paulo de Tarso, que controla a maioria do expediente do Gabinete Civil, para pedir-lhe o andamento de numerosos processos de seu interesse pessoal. O Sr. Paulo de Tarso respondeu-lhe que também o Gabinete Civil estava aguardando as decisões do IPASE em numerosos processos com autorização do Presidente da República.

O Sr. Almir de Andrade num crescendo de voz disse, quase asperamente, que, na medida em que fossem resolvidos os seus casos — tais, iria atendendo aos processos da Casa Civil. O Sr. Paulo de Tarso afirmou-lhe que não estava disposto a fazer "barganhas" com as autoridades do Presidente da República, as quais o Sr. Almir de Andrade deveria cumprir, sem discussões."

EXALTAÇÃO

Exaltando-se o Presidente do IPASE disse que não admitia semelhante atitude, de quem não tinha autoridade para fazê-la. Nesse momento, o Sr. Paulo de Tarso convidou-o a retirar-se do Gabinete. O Sr. Almir de Andrade, vendo a estupefação dos visitantes do Gabinete Civil, perplexos com o incidente que causara, resolveu resistir.

Não saiu! Quero ver o senhor me tirar daqui.

O Sr. Paulo de Tarso imediatamente mandou que um contínuo chamasse os guardas da porta do Catete para conduzir o Sr. Almir de Andrade para fora do gabinete.

Só saiu daqui com ordem do General Nelson de Melo emendou o Presidente do IPASE, quando ouviu a convocação da guarda.

O Sr. Paulo de Tarso dirigiu-se para o seu telefone, a fim de comunicar-se com o chefe da Casa Militar. Nesse ínterim, o Sr. Almir de Andrade sentara-se em uma cadeira no lado de sua mesa. Ao passar para a sua poltrona, o Sr. Paulo de Tarso disse-lhe: "Aste-se daí."

O futuro constrói-se agora! deposite seu dinheiro no

BANCO HIPOTECÁRIO DO BRASIL

LA BRASILEIRO S. A.

O futuro constrói-se agora! deposite seu dinheiro no

BANCO HIPOTECÁRIO DO BRASIL

LA BRASILEIRO S. A.

O futuro constrói-se agora! deposite seu dinheiro no

BANCO HIPOTECÁRIO DO BRASIL

LA BRASILEIRO S. A.

O futuro constrói-se agora! deposite seu dinheiro no

BANCO HIPOTECÁRIO DO BRASIL

LA BRASILEIRO S. A.

O futuro constrói-se agora! deposite seu dinheiro no

BANCO HIPOTECÁRIO DO BRASIL

LA BRASILEIRO S. A.

Brasília e o planejamento

Integrar Capital na região é principal condição para desenvolvimento econômico

— IV —

Brasília (De Luciano Martins, enviado especial) — A constatação de que a Cidade que se constrói nada tem em comum com a região em que está inserida é o primeiro impacto que recebe o visitante de Brasília. O candango e a arquitetura de Oscar Niemeyer têm entre si a diferença de um século de civilização. Integrar a Cidade na região talvez seja a tarefa mais importante para obter um rendimento razoável, em termos de desenvolvimento econômico, dos investimentos feitos em Brasília. Economistas, sociólogos e planejadores têm afirmado que isso só pode ser feito através do planejamento regional.

Pode-se dizer em linhas gerais que o planejamento regional consiste em relacionar entre si os vários problemas (sociais, econômicos, políticos etc) de determinada região que se quer desenvolver, de modo que os esforços despendidos na solução de um deles complemente os demais.

CONFUSÃO

Brasília tem duas funções distintas, que requerem planejamentos diferentes. Uma dessas funções é a de tornar-se uma Cidade de problemas urbanos sem resolvidos. A outra é a de tornar-se fator de desenvolvimento para a região.

Governo e Oposição têm usado o recurso de confundir as duas funções de Brasília. A Cidade não deve ser planejada para desenvolvimento, mas para integração com a região.

A Oposição não pode negar que Brasília é fator de desenvolvimento para a região, pois criação de um mercado novo (o Produto Interno Bruto de Goiás aumentou, em cifras deflacionadas, de 108% em relação ao ano anterior, segundo o IBGE) e pelo fato de agir como polarizadora das migrações que se fazem do Nordeste para as cidades do litoral.

Por sua vez, não pode afirmar que a simples mudança da Capital determine o desenvolvimento efetivo e duradouro da região centro-oeste, tanto mais quanto não possui nenhum plano para integrar a Cidade na região ou para fixar as populações que estão afluindo a Brasília em atividades reprodutivas (lavoura, artesanato, pequena indústria etc.).

A verdade parece ser que o Governo espera pelos pioneiros isto é, espera que cada um cumpra o seu dever e se vá instalar em alguma das cidades satélites, ou ainda a zona rural da região é suficiente para desfazer qualquer ilusão quanto à criação de condições vantajosas — como exigiria um planejamento regional.

A falta de planejamento, portanto, leva a que tudo se faça com um sentido de aventura, que pode dar um relevo espectacular aos que a realizaram, mas não assegure nem a estabilidade nem a continuidade necessárias ao empreendimento.

TAREFA

O aquecimento falho ou errado, de um problema traz sempre duas dificuldades: a de localizar o erro e a de resolver a questão. Essa provavelmente será a tarefa dos administradores que vão mudar-se para Brasília. Eles viverão numa cidade que é uma espécie de modelo reduzido das principais dificuldades e contradições econômicas, políticas e sociais do País.

PLANEJAMENTO

O argumento de que a construção das grandes estradas, como a Belém-Brasília, já revela um plano para integrar Brasília, não parece muito exato. Primeiro porque, a rigor, as estradas poderiam ter sido construídas sem se fazer Brasília. Segundo, porque não há ainda nenhum plano em execução para a colonização dessas novas áreas. (Existem, sim, políticas do interior obtidas dos Governos Estaduais, grandes áreas à beira das novas estradas).

Se forem examinadas algumas das características de um verdadeiro planejamento regional, verifica-se facilmente que não existe nenhum plano em execução para Brasília. Algumas dessas características:

1) há em quase todos os planejamentos regionais a preocupação de produzir alimentos para satisfazer as necessidades locais, especialmente, e as do País, de modo geral;

2) há sempre a intenção de levar o produto da vida econômica das regiões locais, pela elevação do nível técnico e fixação das populações em atividades reprodutivas; pela criação de condições educacionais e sanitárias boas;

3) os planejamentos são sempre realizados em prazos médios e longos e sempre flexíveis para que possam ser revistos logo que as hipóteses de trabalho não se confirmarem ou se modificarem.

ALIMENTOS E LOTES

A produção de alimentos na região não só não recebeu nenhum incentivo mas o trabalho agrícola tornou-se dentro em breve impossível, em virtude da proliferação dos lotesamentos.

Atualmente já existem na Cidade de Brasília vários escritórios imobiliários. Um desses escritórios, por exemplo, está loteando uma área de 3.900 km² (maior que toda a Planície do Rio São Francisco), situada a 39 quilômetros da Praça dos Três Poderes. Existem ainda loteamentos num total de 80, 100 e até 200 quilômetros de Brasília. Os lotes são em geral de 12x30 e custam de Cr\$ 50 a Cr\$ 100 mil (10% de entrada e o restante em 4 anos) e já estão em sua maioria vendidos.

No porta de um desses escritórios está pendurado um grande retrato do Presidente Kubitschek cumprimentando efusivamente o dono do loteamento.

A construção de cidades sem planejamento regional dá lugar ao trabalho agrícola nas zonas próximas às grandes cidades deixa de ser vantajoso em comparação com as perspectivas de lucro apresentadas pelos loteamentos. O resultado é que esse fracasso tem trazido efeitos negativos (não se produzem bens de consumo) para o desenvolvimento real da região, além de agravar os problemas quando esta estiver no período crítico de seu crescimento.

Outra consequência negativa: as dificuldades de rememoração desses pequenos lotes residenciais para a instalação de indústrias, quando o mercado de Brasília se exigir. Não existe, aliás, nenhum plano para seleção, incentivo e instalação de indústrias, de modo a prever as necessidades e o desenvolvimento da região próxima a Brasília. (O que existe atualmente é a previsão, no Plano Piloto, de 1 km² para pequenas indústrias de transformação e outra área igual para instalação de frigoríficos, silos etc. — o que é considerado insuficiente).

PADRAO DE VIDA

O levantamento dos padrões de vida dos atuais moradores de Brasília e dos habitantes da região próxima não interessa a ninguém. Ao contrário até: a NOVACAP impediu a iniciativa privada de construir em Brasília para que não subisse o custo da mão-de-obra. Não há nenhuma previsão, por outro lado, sobre qual será o destino dos candangos. Se de regresso quando diminuir a procura de mão-de-obra (o ritmo da construção certamente cairá), se de se proletarizarem como empregados na construção civil ou se de se proletarizarem como empregados domésticos.

Uma visita à Cidade Livre, ou a alguma das cidades satélites, ou ainda a zona rural da região é suficiente para desfazer qualquer ilusão quanto à criação de condições vantajosas — como exigiria um planejamento regional.

A falta de planejamento, portanto, leva a que tudo se faça com um sentido de aventura, que pode dar um relevo espectacular aos que a realizaram, mas não assegure nem a estabilidade nem a continuidade necessárias ao empreendimento.

TAREFA

O aquecimento falho ou errado, de um problema traz sempre duas dificuldades: a de localizar o erro e a de resolver a questão. Essa provavelmente será a tarefa dos administradores que vão mudar-se para Brasília. Eles viverão numa cidade que é uma espécie de modelo reduzido das principais dificuldades e contradições econômicas, políticas e sociais do País.

PLANEJAMENTO

O argumento de que a construção das grandes estradas, como a Belém-Brasília, já revela um plano para integrar Brasília, não parece muito exato. Primeiro porque, a rigor, as estradas poderiam ter sido construídas sem se fazer Brasília. Segundo, porque não há ainda nenhum plano em execução para a colonização dessas novas áreas. (Existem, sim, políticas do interior obtidas dos Governos Estaduais, grandes áreas à beira das novas estradas).

Se forem examinadas algumas das características de um verdadeiro planejamento regional, verifica-se facilmente que não existe nenhum plano em execução para Brasília. Algumas dessas características:

1) há em quase todos os planejamentos regionais a preocupação de produzir alimentos para satisfazer as necessidades locais, especialmente, e as do País, de modo geral;

2) há sempre a intenção de levar o produto da vida econômica das regiões locais, pela elevação do nível técnico e fixação das populações em atividades reprodutivas; pela criação de condições educacionais e sanitárias boas;

3) os planejamentos são sempre realizados em prazos médios e longos e sempre flexíveis para que possam ser revistos logo que as hipóteses de trabalho não se confirmarem ou se modificarem.

ALIMENTOS E LOTES

A produção de alimentos na região não só não recebeu nenhum incentivo mas o trabalho agrícola tornou-se dentro em breve impossível, em virtude da proliferação dos lotesamentos.

Atualmente já existem na Cidade de Brasília vários escritórios imobiliários. Um desses escritórios, por exemplo, está loteando uma área de 3.900 km² (maior que toda a Planície do Rio São Francisco), situada a 39 quilômetros da Praça dos Três Poderes. Existem ainda loteamentos num total de 80, 100 e até 200 quilômetros de Brasília. Os lotes são em geral de 12x30 e custam de Cr\$ 50 a Cr\$ 100 mil (10% de entrada e o restante em 4 anos) e já estão em sua maioria vendidos.

No porta de um desses escritórios está pendurado um grande retrato do Presidente Kubitschek cumprimentando efusivamente o dono do loteamento.

A construção de cidades sem planejamento regional dá lugar ao trabalho agrícola nas zonas próximas às grandes cidades deixa de ser vantajoso em comparação com as perspectivas de lucro apresentadas pelos loteamentos. O resultado é que esse fracasso tem trazido efeitos negativos (não se produzem bens de consumo) para o desenvolvimento real da região, além de agravar os problemas quando esta estiver no período crítico de seu crescimento.

OUTRA CONSEQUÊNCIA

As dificuldades de rememoração desses pequenos lotes residenciais para a instalação de indústrias, quando o mercado de Brasília se exigir. Não existe, aliás, nenhum plano para seleção, incentivo e instalação de indústrias, de modo a prever as necessidades e o desenvolvimento da região próxima a Brasília. (O que existe atualmente é a previsão, no Plano Piloto, de 1 km² para pequenas indústrias de transformação e outra área igual para instalação de frigoríficos, silos etc. — o que é considerado insuficiente).

Senado Federal

1. Zacarias Assunção deixa o PTB
2. UDN em igualdade com trabalhistas
3. Reeleita toda a Mesa Diretora

O Senador Zacarias de Assunção desligou-se do Partido Trabalhista Brasileiro, em carta enviada à Mesa do Senado Federal, lida na sessão preparatória de ontem. Cumpriu assim a ameaça que fizera, segundo a qual deixaria o PTB caso não lograsse alcançar a direção do Executivo no País, ficando sem compromisso com qualquer Partido.

O representante do Pará nutria ainda a esperança de que o seu nome seria indicado pela direção executiva nacional para aquele posto. Entretanto, essas esperanças se desfizeram com a indicação de Senador Fender para organizar e presidir o Diretório Provisório do Executivo paraense, por parte do Sr. João Goulart, o que acaba de ser consumado.

Em declarações ao JORNAL DO BRASIL, o Sr. Paulo Fender disse ter desempenhado o conteúdo a sua missão, com o apoio de todos os líderes sindicais locais, reunindo ainda, como membros do Executivo petebista do Pará, os Deputados estaduais Americo Silva, Vladimir Santana, Efraim Bentes, Alfredo Gantuss, Benedito Monteiro e Carlos Costa de Oliveira.

Adiantou que o PTB paraense apoiará o nome do Sr. Aurélio do Carmo, candidato do PSD ao Governo paraense.

COMPOSIÇÃO

Com o desligamento do Sr. Zacarias de Assunção, o PTB igualou-se à UDN no número de

APÓLIO

representantes no Senado Federal, cada qual com 18 senadores, permanecendo o PSD como Partido majoritário, com 20 representantes.

O PL continua com 3 representantes (Novais Filho, Otávio Mangabeira e Mem de Sá); o PR com 1, o Sr. Adílio Viçanha, e o PSP com 1, o Sr. Jorge Mairand, havendo dois sem Partido, os Srs. Lino de Matos e Zacarias de Assunção.

REELEIÇÃO DA MESA

Ontem completou-se a eleição da Mesa para a sessão legislativa de 1960, sendo reconduzidos, como fora na véspera, o Sr. Filinto Müller, para a vice-presidência; os Srs. Cunha Melo, do PTB, 1.º Secretário; Freitas Cavalcanti, da UDN, para 2.º Secretário; Gilberto Marinho, do PSD, para 3.º Secretário, e Novais Filho, do PL, 4.º Secretário.

Foram também reeleitos os dois suplentes: Matias Olímpio, do PTB, e Heribaldo Vieira, da UDN.

Veredito da Mesa, exceto o Presidente

Com exceção do Presidente, que foi eleito em janeiro, por antecipação, oito membros da Mesa da Câmara Municipal serão escolhidos no próximo dia 15, terça-feira, quando se instalará o segundo período da atual legislatura.

Até a tarde de ontem, os líderes dos diversos partidos não haviam chegado ainda ao acordo, pelo qual seria apresentada uma chapa única, destinada a impressionar o Presidente da República e o Congresso, como prova da união total dos Vereadores em torno das soluções que defendem para o futuro do Rio.

ENCONTROS

Os líderes do PSD e do PTB, Srs. Erasmo Martins Pedro e Roberto Gonçalves Lima, conversaram, recentemente, nos últimos dias, em busca de uma fórmula que satisfizesse os dois partidos. Não chegaram a um acordo definitivo, uma vez que os atuais membros da Mesa são firmes no propósito de se reeleger e aproveitaram o surgimento de qualquer movimento rebelde nas grandes bancadas para tentarem a sorte.

UDN DIVIDIDA

Tomou proporções mais graves, ontem, a decisão do Sr. Jair Martins, contra a opinião da maioria da bancada, de pleitear um lugar na Mesa da Câmara Municipal. A UDN, que é a bancada mais coesa da Câmara Municipal, estava sendo conduzida pelo Sr. Sales Neto a apoiar a disputa da Primeira Vice-Presidência.

Depois de promovidos os primeiros contatos e quando o Sr. Sales Neto já se considerava eleito, surgiu o Sr. Jair Martins reivindicando um lugar na Mesa, a qualquer preço. Somente renunciaria desse direito se o candidato da UDN for o ilustre Raul Brunihi.

Recursos à Marinha Mercante

O Presidente da República assinou decreto na pasta da Viação, autorizando o Ministério da Fazenda a conceder recursos até 276 milhões, mensalmente, à Comissão de Marinha Mercante, para distribuição às empresas particulares de navegação de cabotagem para cobertura de seus déficits operacionais.

LOJAS E SOBRELÓJAS COPACABANA

Entrega dentro de 6 meses Rua Barata Ribeiro, 13 Tratar no local ou no

Consórcio Michigan-Meribel Ltda.

Av. 13 de Maio, 13 — 12.º — Conj. 1203 —

Tels.: 22-0058 — 32-9248 — 42-4723 (P)

ENTRE V. E SUA PASSAGEM



O MAIS FÁCIL SISTEMA DE CRÉDITO

Dividindo em muitas vezes o pagamento da passagem o Cruzeiro resolve de uma vez o seu problema de viagem. Cruzeiro a Prazo - o mais fácil sistema de crédito para passagens de avião. É mais fácil porque no Cruzeiro o seu crédito já está aberto. V. informa qual o seu roteiro e leva, na mesma hora, a sua passagem de Convair. Use o seu crédito. Viaje para toda o Brasil usando a força do seu nome. Ele vale muito no Cruzeiro do Sul...

CRUZEIRO A PRAZO

Dividindo em muitas vezes o pagamento da passagem o Cruzeiro resolve de uma vez o seu problema de viagem. Cruzeiro a Prazo - o mais fácil sistema de crédito para passagens de avião. É mais fácil porque no Cruzeiro o seu crédito já está aberto. V. informa qual o seu roteiro e leva, na mesma hora, a sua passagem de Convair. Use o seu crédito. Viaje para toda o Brasil usando a força do seu nome. Ele vale muito no Cruzeiro do Sul...

Use o seu crédito. Viaje para toda o Brasil usando a força do seu nome. Ele vale muito no Cruzeiro do Sul...

Use o seu crédito. Viaje para toda o Brasil usando a força do seu nome. Ele vale muito no Cruzeiro do Sul...

Use o seu crédito. Viaje para toda o Brasil usando a força do seu nome. Ele vale muito no Cruzeiro do Sul...

Use o seu crédito. Viaje para toda o Brasil usando a força do seu nome. Ele vale muito no Cruzeiro do Sul...

Use o seu crédito. Viaje para toda o Brasil usando a força do seu nome. Ele vale muito no Cruzeiro do Sul...

Use o seu crédito. Viaje para toda o Brasil usando a força do seu nome. Ele vale muito no Cruzeiro do Sul...

Use o seu crédito. Viaje para toda o Brasil usando a força do seu nome. Ele vale muito no Cruzeiro do Sul...

NOTAS E COMENTÁRIOS

A FESTA NACIONAL DA DINAMARCA, aniversário natalício de Sua Majestade o Rei Frederico IX, não poderia passar despercebida. Dni esse registro que fazemos, não apenas com o intuito de assinalar de maneira destacada o acontecimento, mas, sobretudo, com a preocupação de render tributo público a um nobre país com o qual mantemos as melhores e mais cordiais relações, que transcendem o campo do formalismo diplomático para se projetarem, com destaque, na consciência popular dos dois Estados. Apresentamos, nesta oportunidade, votos os mais cordiais a Sua Excelência o Senhor Embaixador da Dinamarca, rogando ao ilustre diplomata — há tanto tempo radicado entre nós — se digne transmitir ao seu Governo esses nossos cumprimentos, que, estamos certos, sintetizam o sentimento dos brasileiros.

O próximo casamento da Princesa Margaret, que, como já foi publicado, realizar-se-á com pompa real, enseja, para alguns, um problema que, na época oportuna, será facilmente resolvido. Como será chamada a princesa após seu casamento? Como acentuamos em comentários anteriores, na Inglaterra o problema não oferece dificuldades. Nas antigas monarquias, princesa que se casasse com outrem que não príncipe real, perderia não apenas o título, mas, igualmente, a possibilidade de, algum dia, ascender ao trono. Na Inglaterra sempre se admitiram tais casamentos. Quem se casa, nessas circunstâncias, conserva seu título pessoal. Mas, sendo mulher, não os transmite aos seus descendentes, salvo expressa disposição em contrário. Assim os filhos da Princesa Margaret serão, pura e simplesmente, Mr. ou Miss Armstrong-Jones, conquanto sobrinhos de sangue da soberana. Ela mesma poder-se-á assinar como sua prima — que mora entre nós — filha do Rei da Noruega e que, mediante autorização da Casa Real, é tratada como Sua Alteza Real a Princesa Ragnild, Senhora Lorentzen. Muito provável se nos afigura, entretanto, que a Rainha conceda ao seu cunhado um título de nobreza. Ele, sabem-no todos, não é um plebeu. Quem estudou em Eton e em Cambridge não o pode ser. Existe, mesmo, na nobiliária inglesa atual, um Barão de Armstrong, segundo do título. Serão parentes? Mesmo que não exista liame de parentesco consanguíneo, nada impede a Soberana de agradecer com um título de nobreza o jovem que conseguiu dominar o coração da Princesa Margaret, tirando nos jornais — e nos cronistas mundanos — assunto predileto de mexerico, nem sem sempre de bom gosto...

O NÚNCIO APOSTÓLICO DE SUA SANTIDADE, D. Armando Lombardi, acaba de ser retratado pelo conhecido pintor D. Ismailovich em uma tela que — segundo nossa modesta opinião — é das mais rigorosas que temos visto. A figura do Embaixador da Santa Sé apresenta-se magnificamente bem interpretada, dizendo bem alto dos méritos de retratista desse grande pintor que nasceu russo, foi brilhante oficial dos exércitos czaristas e depois, vindo ao Brasil, apaixonado pela natureza, trocou a espada pela paleta e o fuzil pelo fusil e pelo pincel. Troca feliz, que o transformou em um dos nossos mais aplaudidos e competentes retratistas.

JB EM SOCIEDADE

Lacerda a 30 no Rio de Janeiro

Pedro Müller

O Deputado Carlos Lacerda, acompanhado de sua esposa, desembarcou do navio francês Provence, no cais da Praça Mauá, no próximo dia 30.

Há 15 dias, um amigo do Sr. Carlos Lacerda recebeu uma carta deste, comunicando que havia modificado seus planos iniciais que previam uma rápida passagem pelo Rio, antes de embarcar para a China Nacionalista. Mas, pela notícia acima, vê-se que os planos foram novamente modificados.

Outras fontes informam que ele virá para dar movimento à campanha do Sr. João Quadros, atendendo a dezenas de pedidos de amigos seus que acham indispensável sua presença na luta sucessória.

PEDIATRA ANIVERSARIANTE

Por motivo do aniversário do Sr. Marcelo Garcia, seus amigos Estela e Roberto Marinho ofereceram-lhe um jantar na residência do Alto da Boa Vista.

A anfitriã estava muito elegante, usando um estampado branco e amarelo de seda, recebendo os casais César Melo Cunha, Lars Janner (a Sr.ª Teli Janner de cabelos vermelhos, última moda do verão petropolitano), João Henrique Vieira da Silva, João Miranda Jordão, Olívio Faria, Carlos da Silva Costa, Rafael Dutra, João Dutra, Rogério Marinho, Teodoro Arthou, Manuel Fontes, entre outros. Os convidados foram distribuídos em mesinhas de oito lugares, cobertas de bonitas toalhas estampadas francesas, enfeitadas os centros de mesas com singelas flores do campo.

SETTE EMBAIXADOR

Quatro meses antes de terminar o Governo do Sr. Juscelino Kubitschek, o Ministro Sette Câmara, que então já era Embaixador, desligar-se-á da chefia da Casa Civil e será indicado para missão diplomática na Europa.

BLITZ PERFUMADA

A Petrobrás está fornecendo um fluido perfumado para isqueiro. Acreditado que se trata de alguma manobra do seu Departamento de Relações Públicas para neutralizar o efeito ruim do mau cheiro da nossa gasolina.

LOTEAMENTO

O Governo do Estado do Rio devia olhar com cuidado os loteamentos que estão sendo feitos em Cabo Frio, alguns com o tamanho de lotes proletários. E uma pena que a Cidade haneira preferida por nossa Sociedade (e centro turístico de grande e certo futuro — só não é presente, porque as autoridades não sabem fazer turismo) venha a sofrer a desvalorização fatal que estes loteamentos acarretam.

O PREFEITO PASTEUR

A Faculdade de Medicina do Estado do Rio, que sempre teve fama de condescenden-

Cursos para terapeutas ocupacionais

Continuam abertas até o próximo dia 15, as inscrições para o curso de habilitação dos cursos de nível superior de terapeutas e fisioterapeutas ocupacionais, da Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro, mantida pela ABBR. As provas serão realizadas na segunda quinzena. Vê-se o curso suprir uma grande deficiência de profissionais altamente especializados para resolver problemas de um setor científico de grandes possibilidades em futuro muito próximo.

A Escola de Reabilitação da ABBR já funciona há cinco anos. No Departamento Acadêmico Fernando Lemos, na Rua Jardim Botânico, 660, Gávea, poderão ser obtidas, diariamente, as informações sobre os cursos, exceto na tarde de sábado. O telefone é 26-4231.

FINALIDADES

A Escola de Reabilitação foi criada no início de 1955, com a finalidade de construir no domínio da Reabilitação, uma instituição de ensino de nível universitário de formação de especialistas na chamada quarta fase da medicina que é a da recuperação psicomotora, social, econômica e familiar de qualquer indivíduo portador de um handicap físico ou mental.

A Escola é ainda um centro de pesquisas, de informação e de documentação, assim como de colaboração científica no plano internacional.

CURRÍCULO

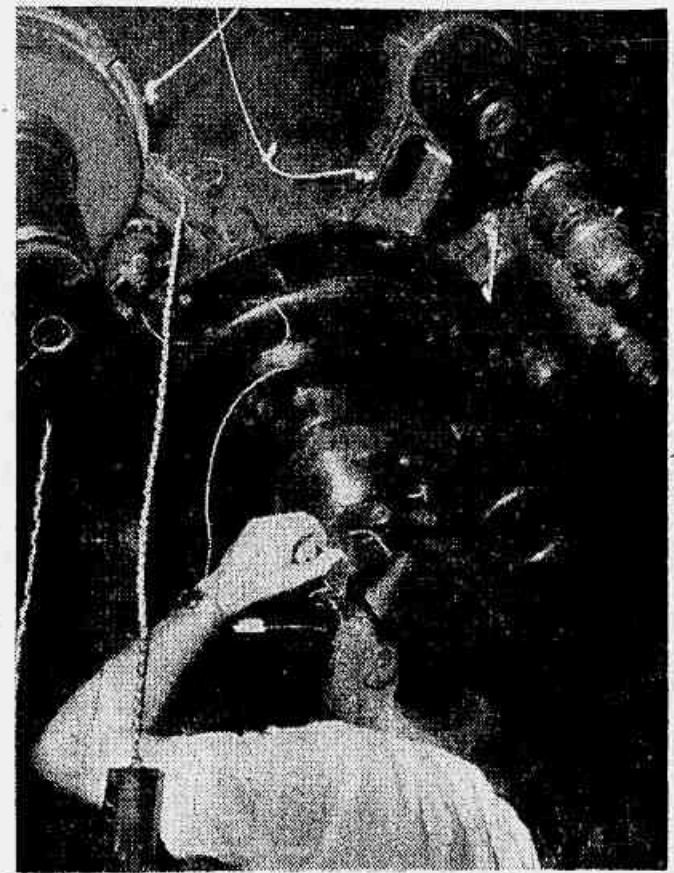
Mantém a Escola de Reabilitação cursos ordinários ou de formação e cursos extraordinários ou de extensão. Os cursos de formação estão subdivididos em três modalidades:

1) — Curso de Bacharelado em Fisioterapia (Medicina Física);

2) — Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional;

3) — Curso de Licenciado em Reabilitação (após graduação).

PRECISÃO



O astrônomo Moniz Barreto diz que o povo tem fé na astronomia porque ela é precisa: os cálculos de eclipses podem ser feitos com muita antecedência.

Chuvvas podem impedir a observação do eclipse total da Lua amanhã

As chuvvas, que vêm castigando os astrônomos do Observatório Nacional, há algum tempo, podem impedir a observação do eclipse total da Lua, que se dará na madrugada de amanhã, tendo o seu meio às 5h 28m, de acordo com cálculos já feitos há muitos anos.

A parte final do fenômeno não será de maneira alguma observada do Rio, porque a Lua terá o seu ocaso às 5h 57m, estando, portanto, muito baixa.

VERIFICAÇÃO

Um eclipse da Lua — diz o astrônomo Moniz Barreto — é um fenômeno comum, ocorrendo vários por ano. Apesar desse fato, há interesse em sua observação, porque a determinação precisa dos instantes em que ocorrem as várias fases serve como uma verificação do movimento calculado da Lua.

As chuvvas, que já têm nos castigado há algum tempo, podem tornar impossível a observação, que já não pode ser feita com muito rigor normalmente, porque a atmosfera da Terra torna pouco nítido o contorno do cone de sombra.

POVO TEM FÉ

Segundo tabela já estabelecida, o horário do eclipse será o seguinte: entrada da Lua na sombra, às 3h39m do dia 13; começo da totalidade, às 4h41m; meio do eclipse, às 5h28m; fim da totalidade, às 6h15m; saída da Lua da sombra, às 7h18m.

O povo tem fé na astronomia, porque ela, nesses setores, é precisa: os cálculos dos eclipses podem ser feitos com grande antecedência e precisão, não havendo atrasos nem mudança de programa, lembra o astrônomo.

SURSAN ganha terreno para a Perimetral

O Presidente da República assinou decreto autorizando a cessão gratuita à SURSAN do terreno e prédios situados na Rua do Mercado esquina da Rua do Rosário. A desapropriação visa abrir espaço para a construção da Avenida Perimetral, a cargo da SURSAN.

Instituto convoca para prova

Serão chamadas a fim de serem submetidas à prova de sanidade física e mental, na sede do Serviço de Saúde do Instituto de Educação (Mártir e Barros 273), as seguintes candidatas:

Segunda-feira, às 10 horas: as que obtiveram de 449 pontos a 329; terça-feira: as candidatas que conseguiram de 328 pontos a 202; quarta-feira: as que conseguiram de 201 pontos a 252.

As demais serão chamadas posteriormente.

Aulas do IE começarão segunda-feira

Terão início, depois de amanhã, as aulas de todas as séries ginasiais do Instituto de Educação. A comunicação foi feita ontem à imprensa pelo diretor daquele estabelecimento.

Tokai Maru continua encalhado

Pórt Alegre, 11 (Do Correspondente) — O Tokai Maru, moderno barco de pesca japonês, está encalhado há dois dias no litoral gaúcho, nas proximidades do Farol Conceição. O barco pertence a uma frota de pesqueiros japoneses de uma firma que tem filial em Santos e vem operando no litoral Sul há três anos.

O salmão foi tentado por dois rebocadores, um dos quais da Marinha de Guerra. O encalhe foi provocado pela aproximação excessiva do navio da zona de arrebentação, durante operações de pesca.

Peixe fora da tabela na Semana Santa

O Departamento de Planejamento e Preços da COFAP confirmou, ontem, que para o período da Semana Santa deste ano o pescado será mantido fora do regime de tabelamento.

Apenas os lucros serão fixados — margem de 30% para os varejistas que comercializam nas peixarias e ambulantes, e 20% para os feirantes, mercados regionais e barracas do SAPS e do Abrigo do Cristo Redentor.

CALCULO

Os preços de varejo, com a margem de lucro, serão calculados sobre os níveis alcançados no pregão (leilão) do Empreendimento Federal da Pesca (Praça 15) e em cujas câmaras frigoríficas a COFAP pretende controlar parte dos peixes que vierem de alto mar, tanto os de linha (extrafinos) como os de arastão.

Também nas câmaras do Cais do Porto, pertencentes às Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União, a COFAP quer armazenar pescado. "Para não faltar na Semana Santa" — garantem assessores da Presidência da COFAP.

Saladini: não pedi habeas

O Diretor do Departamento de Turismo, Sr. Mário Saladini, desmentiu que tivesse requerido habeas-corpus preventivo contra prisão do Juizado de Menores.

Fui surpreendido com a notícia, que aliás não passa de invenção. Sem meu conhecimento, um advogado fez o requerimento e criou-se então o mal-entendido. O incidente foi totalmente encerrado, graças à compreensão e sabedoria do Juiz Rocha Lagoa, com quem houve entendimento pessoal.

700 russos brancos rumo ao Paraná

Curitiba, 11 (Transpress) — Mais de 700 russos brancos imigraram para este Estado, ainda este ano, segundo informações da Secretaria de Agricultura.

Está previsto que a primeira leva chegará no próximo mês. Os russos serão divididos em pequenos grupos, que embarcarão para o Brasil por medida que foram satisfeitas as exigências legais.

Oposição vai perguntar ao Prefeito o que foi feito das verbas da SURSAN

A Oposição da Câmara Municipal vai perguntar ao Prefeito Sá Freire Alvim que foi feito dos 3,5 bilhões de cruzeiros arrecadados pela Prefeitura e destinados especificamente, por lei, à SURSAN.

Falando ao JORNAL DO BRASIL, ontem, o Vereador Raul Brunini anunciou que na próxima segunda-feira reclamará na tribuna da Câmara Municipal, em nome da UDN, uma prestação de contas pormenorizada da Prefeitura com relação aos dinheiros da SURSAN.

FAVORÁVEL AO EMPRÉSTIMO

Apesar de defendermos a concessão de um empréstimo pelo Banco do Brasil à Prefeitura — frisou o Sr. Brunini — considero que é necessário saber o que foi feito com os três e meio bilhões de cruzeiros, que não podiam legalmente ser empregados noutras coisas — acrescentou o líder da UDN.

Com a Lei 899 de 28 de novembro de 1957, a mão, o Vereador Raul Brunini citou o artigo que instituiu o Fundo Especial de Obras Públicas (10 por cento dos impostos de venda e consignações, territorial, predial, industrial e profissões, licenças para veículos, licença para localização de estabelecimentos e transmissão intermunicipal e casa mortuária).

Informação oficial da Secretaria de Finanças — acrescentou — revela que a arrecadação total dos impostos enumerados na Lei 899 foi de Cr\$ 34.806.381.512,20, dos quais 10 por cento é Cr\$ 3.480.638.151,20. Esse dinheiro arrecadado nos anos de 1958-1959, não foi gasto pela SURSAN, que está com as suas obras paradas justamente por isso. Quero saber o que foi feito com ele — disse o Sr. Raul Brunini.

Ontem, num intervalo das demar-

Donos de ônibus não estão cogitando de novo aumento nas passagens por enquanto

O Sindicato das Empresas de Transportes de Passageiros, segundo informou ontem seu Secretário, Sr. Francisco Alves, não está cogitando de novo aumento tarifário para os ônibus, desmentindo assim a notícia, segundo a qual as empresas estariam reivindicando mais 25% nas passagens.

Apesar de advertir que o pedido de novo aumento tarifário está condicionado ao aumento dos lubrificantes, peças e acessórios, o Sr. Francisco Alves diz que a majoração de Cr\$ 0,20 em litro de óleo diesel e de Cr\$ 0,36 em litro de gasolina não justifica reivindicação dessa natureza.

PORÉM

O problema, porém — prossegue o Secretário do Sindicato — se aguçou com os aumentos de 12,5% nos preços dos pneus e de 20% nos preços de recauchutagem. Se houver aumento em grande margem nos preços dos lubrificantes, peças e acessórios, não teremos outra alternativa senão a de solicitar a revisão das tarifas.

PDF CONFIRMA

Por outro lado, o Engenheiro Francisco Faria Júnior, do Departamento de Concessões da Prefeitura, afirmou ontem ao JORNAL DO BRASIL não haver qualquer fundamento na notícia "nitidamente tendenciosa" de que os preços das passagens de ônibus seriam aumentados.

Acrobata do Circo Russo, que faz vôo de "sputnik", quer viajar num de verdade

Irina é uma jovem acrobata do Circo de Moscou, com seu pai, Piotr, apresentará o primeiro número do espetáculo que os cariocas verão hoje: um vôo de "sputnik" no Ginásio Gilberto Cardoso, do Maracanã, que já foi transformado em picadeiro para acolher os artistas soviéticos.

O número de Irina — disse ela — é arriscado: o "sputnik" — uma leve armação de ferro e vidro — é suspensa a mais de 20 metros de altura e, pendurada nela, Irina e o pai realizam acrobacias, antes do vôo sobre os espectadores. Até hoje, Irina nunca sofreu um acidente, e seu desejo é viajar num "sputnik" de verdade.

VIDA DE ARTISTA

Irina Schetinin nasceu praticamente no Circo: seu pai é um dos melhores acrobatas da União Soviética, e sua mãe, que não é de circo, o acompanhava em todas as viagens. Desta vez, porém, ficou em Moscou.

Com 20 anos, Irina é talvez a mais bonita e mais feminina das 18 moças do Circo de Moscou. É tímida, muito branca, com um lindo sorriso e grandes olhos azuis. Acha que sua vida é muito interessante, gostando principalmente de viajar. O número que apresenta no "sputnik" foi imaginado por seu pai, mas Irina confessa: "Eu gostaria mesmo de viajar num 'sputnik' de verdade e, talvez, de ser a primeira cidadã soviética a ir à Lua". Além do russo, ela fala inglês.

ENSAIO

Ontem, todos os artistas do Circo soviético treinaram no Maracanãzinho, com um público composto de jornalistas e empregados do Estádio. A orquestra ensaiou as músicas, as cordas que sustentam os trapézios foram firmadas. Até às 15 h, os artistas treinaram sem interrupção. Todo o material do Circo já está no estádio, inclusive os animais. O urso Goshka (Jorgito) foi instalado numa jaula separada, e os cachorros que jogam futebol tiveram o seu "apartamento" mas não marcaram "goals". Além de futebol, os cachorros andam apoiados nas patas dianteiras, com as de trás para cima, ou em pé, como gente. Dão, também, muitos saltos mortais.

NAO TREINO

Só quem não treinou foi o pássaro Karandash (Lápis, em russo), que, com seu círculo preto e peludo Kheksa (Borão, em russo) é uma das maiores atrações do Circo de Moscou.

Stevenson chega a 24 em P. Alegre

O líder democrata norte-americano Adlai Stevenson deverá iniciar sua visita ao Brasil no próximo dia 24, quando chegará a Porto Alegre, estendendo depois a sua viagem a São Paulo, Rio e Brasília, entre outras cidades.

Como a viagem do Sr. Adlai Stevenson — candidato em potencial às próximas eleições presidenciais — não tem caráter oficial, o programa de sua estada no Brasil está sendo elaborado pelo Sr. Américo Jacobo Lacombe, Secretário de Educação e Cultura, e pelo Sr. Scott-Hauer, do USIS (United States Information Service).

O Sr. Adlai Stevenson está sendo esperado no Uruguai, prosseguindo a sua viagem pela América do Sul, no próximo dia 18.

Empreiteiros ainda não demitiram operários esperando pelo pagamento

A Associação Brasileira de Empreiteiros de Obras Públicas enviou ontem, quarto dia da paralisação das obras da Prefeitura, um telegrama ao Presidente da República agradecendo a sua intervenção, no sentido de ser concedido um empréstimo à municipalidade, para pagamento do bilhão e 200 mil cruzeiros que deve aos empreiteiros.

Os empreiteiros, a despeito da ausência de providências, ainda não demitiram os seus operários e, segundo algumas informações, a SURSAN já está estudando uma forma de conseguir da Prefeitura autorização para realizar um empréstimo da ordem de 200 milhões de cruzeiros em bancos particulares, para pagamento de suas obras.

O TELEGRAMA

O telegrama do Presidente da Associação Brasileira de Empreiteiros de Obras Públicas, Sr. Antônio Manuel de Siqueira Cavalcanti, ao Presidente da República foi o seguinte:

"A Associação Brasileira de Empreiteiros de Obras Públicas

tem a honra de dirigir-se a V. Ex.ª para agradecer, em nome dos empreiteiros da Prefeitura do Distrito Federal e SURSAN, a justa e pronta determinação de V. Ex.ª no sentido de socorrer a Municipalidade através de operação de crédito para pagamento de obras executadas e seu indispensável prosseguimento. No momento em que a Nação brasileira se prepara para consagrar a epopéia de Brasília, que concorrerá para elevar esta Cidade à categoria de Estado autônomo, o cuidado e a atenção de V. Ex.ª em relação à velha Capital revelam insuperável espírito público e enaltecem os méritos excepcionais do Presidente de todos os brasileiros. A Lei Municipal nº 899, vinculando a arrecadação nela prevista para a execução do plano de obras da SURSAN e incluindo autorização para operação de crédito até Cr\$ 3 bilhões, constitui a garantia em que confiamos os empreiteiros da SURSAN e a população carioca, justificando os compromissos assumidos. As demais obras da Prefeitura essenciais à vida da Cidade foram regularmente contratadas e executadas acumulando-se as faturas no Tesouro Municipal desde setembro num montante superior a Cr\$ 1 bilhão. Os empreiteiros foram forçados à paralisação porque esgotaram todos os recursos, sendo da maior urgência a solução dos entendimentos e a efetivação da operação de crédito para reinício imediato das obras cuja execução não pode sofrer solução de continuidade como também a atividade profissional dos engenheiros. Os empreiteiros estão imbuídos do maior empenho de levar a termo as obras no menor prazo, demonstrando a maior colaboração ao bem-estar e patriótico Governo de V. Ex.ª"

ROTINA



Desde ontem à tarde, os artistas russos preparam o Sputnik que lançarão logo mais no Maracanãzinho, como atração inicial do seu circo.

CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ SE ORGULHA DE APRESENTAR



Cr\$ 35,00

minister

KING-SIZE

COM FILTRO DE LUXO

MINISTER, fabricado com fumos cuidadosamente escolhidos, é um cigarro único na sua classe em todo o Brasil, por sua insuperável qualidade... luxo... e distinção.

minister
o máximo de prazer

Aprovado o regulamento da SUDENE, que terá reserva cambial específica

O Presidente da República aprovou o regulamento da lei que criou a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, elaborada pela Secretaria Executiva da SUDENE.

O regulamento, baixado em decreto presidencial que traz a assinatura de todo o Ministério, é composto de onze capítulos com 76 artigos, definindo a SUDENE, estabelecendo os seus objetivos, os órgãos que a compõem, seu Conselho Deliberativo, Secretaria Executiva, Pessoal, Plano Diretor, plano de emergência, recursos e execução orçamentária, incentivos financeiros, assistência técnica, desapropriações, disposições transitórias.

MOEDAS

DÓLAR

Venda Cr\$ 189,00
Compra Cr\$ 184,00

LIBRA

Venda Cr\$ 530,00
Compra Cr\$ 516,00

DÓLAR

LIBRA

LIVRE

O mercado de câmbio livre trabalhou ontem em condições calmas, sem alterações nas taxas, porém, com mais letras oferecidas para a procura revelou-se menor. De bancos particulares vendiam o dólar a Cr\$ 189,50 e compravam a Cr\$ 184,50, regulando a libra a Cr\$ 531,50 e a Cr\$ 517,50 respectivamente. Em seguida o mercado melhorou e os bancos passaram a operar para remessas a Cr\$ 185,00 por dólar e compravam a Cr\$ 180,00 e a libra a Cr\$ 530,00 e a Cr\$ 516,00 respectivamente.

Fezchu inalterado.

NOS DIVERSOS BANCOS

DÓLAR — (ABERTURA)

Venda 183,30
Compra 184,30

(FECHAMENTO)

Venda 183,30
Compra 184,30

LIBRA — (ABERTURA)

Venda 531,30
Compra 516,30

(FECHAMENTO)

Venda 530,00
Compra 516,00

PORTUGAL — (Eletro)

Venda 6,62
Compra 6,63

ALEMANHA — (Marco)

Venda 45,30
Compra 44,30

ITALIA — (Lira)

Venda 6,303
Compra 6,297

FRANÇA — (Franco)

Venda 36,70
Compra 37,60

AUSTRIA — (Schilling)

Venda 7,30
Compra 7,10

BELGICA — (Franco)

Venda 3,30
Compra 3,20

HOLANDA — (Florim)

Venda 50,20
Compra 48,90

SUÍÇA — (Franco)

Venda 43,70
Compra 42,30

BANCO DO BRASIL

Venda 185,00
Compra 180,00

Dólar — Compra 177,00
Dólar — Venda 182,00
Dólar — Compra 180,00
Dólar — Venda 185,00

O FICHA

Abriu ontem o mercado de câmbio oficial, com o Banco do Brasil vendendo a libra a Cr\$ 531,50 e comprando a Cr\$ 517,50, regulando o dólar a Cr\$ 185,00 e comprando a Cr\$ 180,00, regulando a libra a Cr\$ 530,00 e a Cr\$ 516,00 respectivamente.

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Fezchu inalterado.

O Banco do Brasil abriu as seguintes taxas:

Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00
Libra 531,50
Libra 517,50
Dólar 185,00
Dólar 180,00

Indústria Mecânica Pesada: prossegue inquérito do GEIMAPE sobre sua situação

Prossegue o inquérito sobre a indústria mecânica pesada no Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro, determinado pelo Sr. Lúcio Meira, Presidente do Grupo Executivo da Indústria Mecânica Pesada (GEIMAPE) e que tem a colaboração da Confederação Nacional da Indústria. Semelhante inquérito está sendo ultimado no Estado de São Paulo, promovido pelo Sindicato de Máquinas daquele Estado.

A Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais por outro lado está projetando executar idêntica tarefa esperando-se que outros Estados sigam seu exemplo. Cinco estudantes, da Escola Nacional de Engenharia, devidamente preparados para os inquéritos de São Paulo, são os entrevistadores que serão enviados.

PROPOSITO

O propósito do inquérito, que está sendo realizado, é a obtenção de elementos que permitam ao GEIMAPE, órgão do Conselho do Desenvolvimento, conhecer a verdadeira situação da indústria mecânica, a fim de poder propor medidas que tendam a expandi-la.

Principalmente a capacidade ociosa instalada merece a máxima atenção pois esta, uma vez conhecida, possibilitará a tomada de providências para melhor aproveitamento dos recursos instalados. O GEIMAPE tem tido valiosa cooperação das indústrias ligadas ao ramo, pois tem sido bem compreendidos os fins e a utilidade do inquérito em andamento.

NOVAS INDÚSTRIAS

O GEIMAPE pretende, por meio de propostas objetivas, facilitar a instalação de novas indústrias no Brasil, reduzindo assim as necessidades de importação, que importam grande dispêndio anual de divisas.

Interessante é observar que uma das dificuldades encontradas pelo GEIMAPE, tem sido a identifica-

ção das indústrias mecânicas que produzem bens de equipamentos, para o que está sendo feita cuidadosamente investigação nos sindicatos de classe. Nesse sentido a cooperação dos industriais é também altamente desejável.

Gado da Índia: importação proibida

Por convocação do Ministro da Agricultura, Sr. Mário Meneghini, reuniu-se no dia 4 último o Conselho Nacional de Defesa Sanitária Animal, com a presença de técnicos especialmente convidados, a fim de deliberar sobre a proibição de importação de gado da Índia e do Paquistão.

Foi deliberado, por unanimidade, manter a proibição em todo o território nacional para importar búfalos, bubalinos e outros animais domésticos originários dos Continentes asiático e africano, considerando-se imperativo executar em toda a sua plenitude o decreto 38.983 de 6-6-56, em defesa do patrimônio zootécnico representado pela pecuária brasileira.

Prevaleceu, além do aspecto sanitário do problema, como ponto de vista de todos, de que zootecnicamente não há necessidade — e até seria prejudicial — a importação de reprodutores zebu, em face do adiantado grau de aperfeiçoamento do nosso rebanho.

Reunião informal em Paris para incentivar o consumo de café em vários países

Paris, 11 (FP) — Certas personalidades dos diferentes comitês europeus criados com o fim de impulsionar o consumo do café aproveitaram a permanência em Paris do Sr. Andre Urthe, Presidente do Comitê de Propaganda do "Pan American Coffee Comity", de Washington, para falar com ele sobre a participação do organismo interamericano na campanha europeia pró consumo de café.

Com esse objetivo chegaram à Capital francesa o Sr. F. J. Lyndali, Presidente da Associação Britânica de Propaganda do Café, e os representantes de organismos similares da Bélgica, da Holanda e da Alemanha.

NÃO OFICIAL

Não se trata de uma reunião oficial, pois não houve convocação prévia nenhuma, mas de uma série de conversações sucessivas sobre o mesmo tema.

O Sr. Urthe e o representante francês do Comitê Pro-Consumo de Café conversaram ontem. A entrevista se desenvolveu num clima de grande cordialidade e se pousa que não haverá a menor dificuldade na conclusão de um acordo.

Hoje falou o representante sul-americano com os delegados dos outros países europeus, conversações mais laboriosas dada a posição desses comitês ante o "Pan American Coffee Comity".

Vejamos quais são as grandes linhas do problema, a fim de poder julgar com exatidão as dificuldades que se apresentam a produtores e consumidores.

EXPANSÃO

O "Pan American Coffee Comity" foi criado pelos governos dos países exportadores sul-americanos com o fim de abrir mercados para a sua produção de café e dispõe de importantes fundos dos próprios produtores para a propaganda do consumo do café no mundo inteiro.

Mas nem todos os países europeus estão em pé de igualdade no que to-

COMENTÁRIO

Balanço de pagamentos: dívidas

Estão ao alcance dos comentaristas econômicos duas estimativas diversas do balanço de pagamentos de 1959, uma preparada pela equipe da Fundação Getúlio Vargas e outra devida ao grupo da Confederação Nacional da Indústria, a primeira divulgada em Conjuntura Econômica e a segunda em Desenvolvimento & Conjuntura, nas edições de fevereiro findo. Há porém um ponto a considerar nessas duas estimativas: é que cada uma delas chega a um resultado e conquanto em ambos o resultado seja negativo, numa é o muito mais negativo do que na outra. Considerando que os elementos disponíveis, ou as fontes da informação, devem ser comuns às duas publicações especializadas, é lógica a dúvida de quem, mais leigo, tem diante de si os dois quadros. Acreditando que a SUMOC forneça informações aos dois grupos de técnicos. É possível que um dos grupos tenha mais liberdade de interpretação do que o outro. A divergência dos resultados, porém, considerada a idoneidade das fontes, desorienta um pouco.

Temos repetido que, em meados do ano passado, o balanço de pagamentos era estimado, para 1959, com um déficit de 300 milhões de dólares. Durante o ano surgiram fatores novos que modificaram alguns aspectos do panorama. De acordo com Conjuntura Econômica, o déficit teria sido de 120 milhões e, de acordo com Desenvolvimento & Conjuntura, teria chegado aos 180 milhões de dólares. Há, entre um e outro, uma diferença de 60 milhões, que é 50% do primeiro valor e 33% do segundo. Onde estará o número certo, ou qual dos dois estará mais próximo da realidade?

AS DIVERGÊNCIAS

Tomando os dois quadros, vejamos as divergências. A exportação e a importação, num como no outro, são tomadas pelo valor FOB. Na Conjuntura Econômica, os dois movimentos correspondem a 1.250 (exportação) e 1.200 (importação). Em Desenvolvimento & Conjuntura eles estão representados por 1.310 e 1.290 mil dólares, respectivamente. Também no item de serviços os números não conferem: na primeira revista montam a 450 milhões e, na segunda, a 400 milhões de dólares. E assim por diante.

De acordo com Desenvolvimento & Conjuntura os compromissos totais do Brasil montaram em 1959 a 2.050 milhões de dólares, compreendendo importações, serviços, capitais. Para cobrir esses compromissos o Brasil lançou mão da receita cambial das exportações no valor de 1.310 milhões, do ingresso de capitais que montou a 520 milhões, de operações de regularização a curto e médio prazos no valor de 180 milhões, havendo ainda uma parcela de 40 milhões de transações não classificadas.

Nessas condições, o ingresso de capitais foi providencial. Segundo Conjuntura Econômica os compromissos montaram a 2.010 milhões de dólares e o Brasil teve uma receita, entre exportação e entradas de capitais, de 1.890 milhões. Deficit: 120 milhões. Este deficit aberto foi coberto mediante operações de swaps, que representam compromissos de curto e médio prazos, não computados diretamente no levantamento de Conjuntura Econômica, embora mencionados no comentário que a revista faz do quadro.

É PRECISO SANAR

Indiscutivelmente é preciso corrigir a discrepância e somente uma entidade pode fazê-lo: a SUMOC. Não se compreende que um organismo oficial, que dispõe de todas as informações, permita que essas informações sejam utilizadas para estimativas que obedecem a critérios mais flexíveis e não proceda ela própria, em tempo oportuno, a divulgação de estimativas, sujeitas a retificação, o que pouparia certa confusão, muito justificada pelo crédito que merecem as duas revistas mencionadas. Não são tão longos nem tão ricos os quadros técnicos a muito possivelmente as duas revistas contarão com colaboradores que dispõem de aquelas mesmas informações. Por que razão a SUMOC não se antecipou e não deu a conhecer uma posição do balanço de pagamentos, mesmo indicando que os números estariam sujeitos a revisão? Quando essa revisão fosse feita, eles seriam publicados com a indicação de revisão. De qualquer forma a duplicidade de estimativas existe e é importante é ouvir uma última palavra.

Consumo de café na Alemanha

Roma, 11 (UPI) — O consumo de café na Alemanha Ocidental aumentou consideravelmente, segundo as estatísticas que acabam de ser publicadas. Cada alemão da República de Bonn consumiu em 1959 três quilos e 300 gramas de café contra 2 quilos e 800 gramas em 1958, e dois quilos e 800 gramas em 1957.

Assim, pois, o consumo de café na República Federal superou os de antes da guerra no antigo território do Reich, que nunca ultrapassou a 2 quilos e 800 gramas, por indivíduos, por ano.

Das 164.000 toneladas de café importadas pela Alemanha Ocidental em 1959, até novembro, inclusive, 73.655 toneladas, isto é, 44,5%, procediam da América Central vindo em 1.º lugar o Salvador, seguido de Costa Rica e Guatemala.

EUA: caem as importações de café verde

Washington, 11 (UPI) — Dados do Departamento de Comércio revelam que as importações de café verde pelos Estados Unidos caíram em janeiro depois do volume extraordinariamente alto alcançado em dezembro do ano passado.

A baixa foi de quase a metade do cômputo total de importações de todos os países.

As importações de café verde pelos Estados Unidos de todos os países, em janeiro último, foram de 73.900.000 quilos avaliados em 16.926.538 dólares, comparado com 66.347.900 quilos no valor de 42.461.182 dólares, realizados em dezembro do ano passado.

As importações de café colombiano caíram em mais de 50%, sendo em janeiro último de 12.207.500 quilos, no valor de 11.451.165 dólares, contra 25.801.099 quilos, no valor de 21.781.000 dólares, em dezembro.

Comércio homenageia Embaixador

O Conselho Diretor do Clube Comercial ofereceu, ontem, às 13 horas, um almoço em homenagem ao Sr. Carlos Manuel Muniz, Embaixador da Argentina no Brasil. Além dos membros daquele Conselho Diretor e do seu Presidente, Sr. Prício Rodrigues Galdeano, participaram do almoço, como convidados especiais, os Srs. José Augusto Bezerra de Medeiros, Presidente da Associação Comercial, Ministro João B. Pinheiro, Diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, Adolfo Caminha, do gabinete do Ministro da Agricultura, Antônio Rodrigues Tavares e Atílio Carvalhães, diretores da Associação Comercial, Celso Daniel Campelo e Carlos Alberto Cortina, conselheiros da Embaixada da Argentina.

Serviu de pretexto à homenagem uma efêmera tomada de contato entre figuras representativas de setores presentes empenhados na intensificação das relações mercantis argentino-brasileiras.

Fizeram uso da palavra, trocando opiniões e impressões, os Srs. Prício Rodrigues Galdeano, José Augusto e Carlos Muniz.

Cursos de Análise Econômica

O prazo para matrículas nos Cursos de Análise Econômica do Conselho Nacional de Economia, foi prorrogado até o dia 17 de março corrente, de acordo com a Resolução do respectivo Diretor.

Gêneros e matérias-primas

CAFE

Nova Iorque, 11 (UPI) — No mercado a termo de café, o Santos B fechou hoje entre 28 pontos de alta e 2 de baixa, com venda de 162 contratos. O M o fez entre 15 de baixa e 12 de alta, vendendo-se 60 contratos. O R terminou com baixa de 23 a 45 pontos, com venda de 8 contratos.

No mercado de entrega imediata, os preços se mantiveram inalterados, o Santos A continuou a 36 centavos e 7/8; os tipos colombianos, a 45 1/4; o mexicano, a 41 1/4; o Ambriz 1, a 27 1/2; o Ambriz 2, a 26 e 1/2.

Nova Iorque, 11 (AP) — Cotações em cents por libra-peso, para entregas futuras:

Contrato "B":

Março 36,63
Maio 35,35
Julho 34,70
Setembro 34,25
Dezembro 34,25

Contrato "M":

Março 44,05
Maio 44,25
Julho 44,09
Setembro 43,95
Dezembro 42,51

Novo Iorque, 11 (AP) — Cotações em cents por libra-peso, para entregas futuras:

Março 3,03
Julho 3,11
Setembro 3,16
Outubro 3,19
Disponível 3,02

Novo Iorque, 11 (AP) — Cotações em cents por libra-peso, para entregas futuras:

Março 33,05
Julho 32,08
Setembro 32,34
Outubro 30,77

Novo Iorque, 11 (AP) — Cotações em cents por libra-peso, para entregas futuras:

Março 33,05
Julho 32,08
Setembro 32,34
Outubro 30,77

Grupo de Trabalho para dar andamento a estudos sobre economia da Zona de Furnas

Acaba de ser criado um Grupo de Trabalho incumbido de dar andamento aos estudos sobre a situação econômica da zona do reservatório de Furnas e de propor as medidas necessárias ao desenvolvimento daquela região.

O grupo deverá articular-se com entidades representativas e autoridades do Estado de Minas Gerais, a fim de elaborar um plano de desenvolvimento progressivo da região, aproveitando os fatores de progresso criados pelo empreendimento de Furnas.

Composição: Será o grupo de trabalho integrado por representantes dos seguintes órgãos: Central Elétrica de Furnas, Ministério da Viação, Ministério da Agricultura, Ministério da Saúde.

MEMBROS JA NOMEADOS: O grupo deverá articular-se com entidades representativas e autoridades do Estado de Minas Gerais, a fim de elaborar um plano de desenvolvimento progressivo da região, aproveitando os fatores de progresso criados pelo empreendimento de Furnas.

Composição: Será o grupo de trabalho integrado por representantes dos seguintes órgãos: Central Elétrica de Furnas, Ministério da Viação, Ministério da Agricultura, Ministério da Saúde.

MEMBROS JA NOMEADOS: O grupo deverá articular-se com entidades representativas e autoridades do Estado de Minas Gerais, a fim de elaborar um plano de desenvolvimento progressivo da região, aproveitando os fatores de progresso criados pelo empreendimento de Furnas.

Composição: Será o grupo de trabalho integrado por representantes dos seguintes órgãos: Central Elétrica

Grande movimento para o atletismo nacional

Célio de Barros

O atletismo brasileiro, este ano, vai ter intensa movimentação com o programa que está sendo elaborado para grandes competições nacionais e internacionais.

O esporte-busa carioca sempre foi elemento indispensável à formação das equipes brasileiras que participavam dos prêmios internacionais, notadamente nos últimos anos em que seus atletas conseguiram vencer os dois últimos campeonatos nacionais, diante das magníficas representações de São Paulo.

Nada, pois, mais natural do que a Federação Metropolitana de Atletismo e seus filiados fiquem empenhados em que o seu contingente, como das vezes anteriores, seja fator preponderante para que mais intenso seja o brilho das equipes nacionais nas competições a serem realizadas na Argentina, no Chile, em Portugal e nas Olimpíadas de Roma.

Relativamente a esses prêmios de grande relevância, duas delas, a de Portugal e a das Olimpíadas, têm datas já determinadas para o próximo mês de agosto. Primeiramente os brasileiros disputarão em Lisboa, um torneio que faz parte das comemorações do centenário de D. Henrique, as festas hieniquinas a que estará presente o Presidente do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, convidado do Governo português. Após essa sugestiva justa atlética, os nossos atletas serão divididos em duas turmas, a de regresso e a que irá para as Olimpíadas de Roma.

Embora ainda não tenha chegado a confirmação à Confederação Brasileira de Desportos, está programado para maio vindouro, em Buenos Aires, o III Torneio de Campeões Sul-Americanos de Atletismo a que o Brasil não pode faltar, vencedor que foi dos dois primeiros, realizados em Santiago e São Paulo.

A Federação Chilena de Atletismo, por sua vez, pretende realizar em Santiago, uma grande competição ibero-americana, logo após as Olimpíadas de Roma. Será uma competição de grande envergadura que a entidade chilena se animou a promover porque conta com seu numeroso e entusiástico público, que costuma lotar o Estádio Nacional nos grandes embutes do atletismo, permitindo justa arrecadação.

Dessa forma o atletismo brasileiro vai ter oportunidade de participar de competições de alto nível, o que somente benefício lhe poderá ocorrer, porque é enfrentando os de grande ou maior força que os atletas se destacam e aprimoram.

O setor nacional tem já assentados os dias 17 a 19 de junho próximo para o Campeonato Brasileiro nesta Capital como parte comemorativa do 1.º decênio da ADEM que vai promover várias competições esportivas por esse motivo. Há, ainda a marcar as duas disputas do Troféu Brasil que costumam reunir a fina flor dos atletas do Brasil. Como se vê, grande será a movimentação do nosso atletismo no corrente ano.

ENSAIO GERAL



Uma ginástica puxada e depois treino de dois toques: amadores começaram a preparar-se para o pré-olímpico de Lima. Hoje tem mais

Amadores treinaram ontem: 1x1

Os amadores brasileiros, convocados por Gradiun para a seleção brasileira que vai a Lima disputar as eliminatórias, fizeram ontem 30 minutos de treino de dois toques, depois de um puxado individual, no campo do São Cristóvão.

Gradiun gostou muito do treino, que teve um gol para cada lado, e marcou para as 9 horas da manhã de hoje um treino de conjunto de duração normal. Alguns jogadores ainda precisam completar os exames de laboratório.

COM E SEM

Os quadros treinaram, um sem camisa e o outro com, muito à vontade e sem que Gradiun tivesse maior interferência. O auxiliar técnico de Gradiun, Antônio Moreira, funcionou como juiz e deu como válidos um gol de Fernando para os de camisa e um de China para o outro quadro.

Embora demonstrando boas condições, não pareceram entender bem com o resto do conjunto os paulistas Macarrão e Fernando e o jogador Odair, do Campo Grande. Os outros já se conhecem, entrosaram-se satisfatoriamente, mesmo sem maior preocupação.

AUSENTES

Estiveram ausentes os jogadores Oton e Vanderlei, tratando de suas obrigações militares; Gérson e Manuelzinho, em tratamento médico, e Jaburu e Gérson, sem que se justificassem. O goleiro Carlos Alberto teve que treinar com a Portuguesa, de manhã, no campo do Flamengo. Por isso também não foi. Gradiun pretende fazer o treinamento a partir de hoje, pois diz que todos os convocados são jogadores de bom físico e estão em bom estado.

A CBD, que pretende contar com todos os jogadores nos treinos, sem liberar ninguém, está com problemas quanto ao do Flamengo — quer que todos os seus convocados sejam dispensados, para aproveitá-los no Rio-São Paulo e a Carlos Alberto, que a Portuguesa de Desportos continua retendo. Quem não puder dedicar-se exclusivamente à seleção, será dispensado.

Flamengo entrará no Rio-SP armado e correndo muito: Bria

Bria, que tem dois desfalques em sua equipe — Henrique e Joubert — mas tendo a tranquilizá-lo a presença de Dida, disse ontem na Gávea, após o apronto de seu time, que o Flamengo deverá fazer bonito no Rio-São Paulo, pois está bem armado e correndo muito.

Sobre a Portuguesa, que é o adversário do Flamengo amanhã, Bria é de opinião que o quadro dirigido por Oto Vieira é melhor do que demonstrou contra o Fluminense, mas, pelo que observou no jogo de quinta-feira, tem um pequeno defeito que, bem explorado, lhe poderá ser fatal.

JOSÉ DA GAMA APARECE

Ontem, à tarde, quando Bria deu por encerrado o treinamento dos titulares, que jogaram 45 minutos

São Paulo tem um desfalque

São Paulo tem um desfalque — O quadro do São Paulo está escalado — Poy, Ademir, De Sordi e Roberto, Dina e Vitor; Cláudio, Amauri, Gino, Celso e Osvaldo — e concentrado (Departamento de Esportes do Estado, Água Branca) desde a tarde de ontem, para estreiar hoje à tarde no torneio Rio-São Paulo, contra o América, no Pacaembu.

O último treino foi ontem de manhã, no Morumbi, e dele participou inclusive Gonçalves, última contratação do São Paulo e que não vinha treinando por causa de uma gripe. Mas só estreará mesmo quarta-feira à noite, no Rio, contra o Vasco. O desfalque do quadro do São Paulo, no jogo de hoje, é o ponta-esquerda titular Roberto, contundido.

CORINTIANS

O Corinthians não aprontou em conjunto, ontem, como tinha programado. Fêz apenas um individual leve e encerrou seus preparativos para estreiar no Rio-São Paulo, domingo, no Pacaembu, contra o Fluminense. Já está concentrado, no próprio Pacaembu. Seu quadro provável — o técnico Alfredo ainda não deu uma palavra definitiva — deverá ser: Gilmar, Valmir, Ovídio e Art; Roberto e Ozeir; Zague, Rafael, Joaquinzinho, Higino e Cláudio.

Mauro e Santos: coisas que o Vasco aproveita no seu caso com Belini

O Vasco anunciava ontem que faria uma exceção em seu salário-teto, aumentando-o em Cr\$ 5 mil especialmente para Belini, e que esse era o último preço que fixava, na tentativa de manter o zagueiro campeão do mundo.

Embora a proposta ainda esteja muito abaixo daquilo que Belini pedirá — Cr\$ 2 milhões de luvas e ordenado de 80 mil, no que se dizia ontem na sede do clube — o Vasco aproveitou-se da contratação de Mauro, pelo Santos, dizendo que agora não há nenhum clube no Brasil para contratar Belini e ele terá de ficar em São Januário.

COMPLICAÇÕES

Têrça-feira, quando já estiver eleito, a nova diretoria começa a agir

Caráter oficial dos Jogos LB dá obrigação à CBD

A CBD tem de enviar seus atletas a Portugal, resolveu-se em reunião sigilosa, mesmo que a época dos Jogos Luso-Brasileiros — julho deste ano — esteja dentro do prazo em que o Comitê Olímpico Brasileiro proíbe a saída de atletas do País, pela proximidade das Olimpíadas.

A isso a obrigação do caráter oficial dos Jogos, que fazem parte das festas comemorativas do V Centenário do Infante D. Henrique e que contará, inclusive, com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek. Apesar disso, o COB proibiu a ida de atletas brasileiros para aqueles jogos.

TELEGRAMA

Diante da proibição, o Sr. João Havelange, Presidente do COB, telegrafou ao Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, médico paulista José Pereira dos Santos, tentando a revogação daquela medida. O telegrama foi passado, depois de uma reunião, na CBD, a portas fechadas, na qual tomaram parte todos os Presidentes das entidades que mandaram atletas a Lisboa.

Embora a proibição seja, em princípio, muito justa — é uma precaução com o estado físico dos atletas nas vésperas da maior competição esportiva amadora mundial — o Comitê Olímpico Brasileiro, está, evidentemente, diante de um caso de exceção. O Sr. José Pereira dos Santos, proximamente, já está negociando dois outros amistosos para os dias 18 e 23, tendo cada um Cr\$ 250 mil.

que aos três jogadores que estão sem contrato, procurando regularizar a situação de todos para o Rio-São Paulo. Com Belini já se vê que dificilmente haverá acordo.

Quanto a Almir, sua vontade é sair mesmo do Vasco, pois quer conseguir os 30%, a que tem direito sobre o preço de venda do seu passe, que provavelmente representará um bom dinheiro. Almir conversou ontem, particularmente, com o Sr. Antenor Martins, futuro Vice-Presidente de Futebol, mas não se falou em qualquer acordo. O caso de Dêlm parece ser o mais simples.

JANTAR

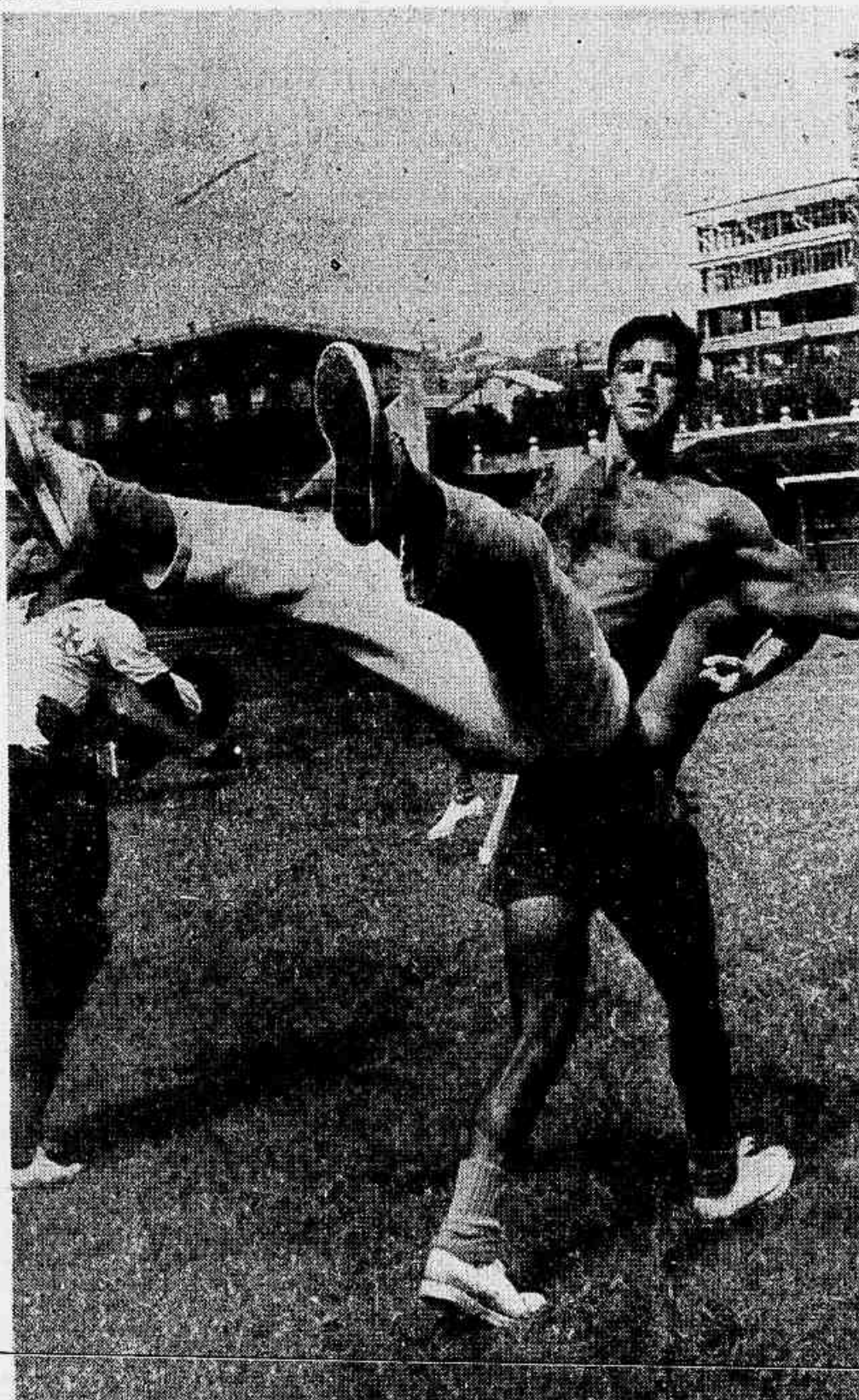
Cada um pagando sua conta, os dirigentes do Vasco que deixam seus postos jantam hoje na sede da Lagoa, numa despedida da direção. Alguns dirigentes dizem que, quando do requieito do Calabouço, aproveitarão para passar seus cargos.

O TREINO

O Vasco fez ontem um ensaio individual, seguido de treino de dois toques, com todos os jogadores presentes. O exercício foi puxado. Yutrich só escala definitivamente hoje cedo o quadro que jogará amanhã contra o Campo Grande. Um treino de conjunto entre profissionais e aspirantes encerra os preparativos e entre os que deverão jogar estão Salazar, Pinga, Russo, Dario, Valdemar, Peniche, Amauri, Joaquinzinho, Viana, Brito, Miguel, Ronaldo e Barbozinha.

Além desse jogo, que é amistoso e no qual o Vasco tirará só o dinheiro para gratificar os jogadores, já está programado dois outros amistosos para os dias 18 e 23, tendo cada um Cr\$ 250 mil.

NO AR



Vasco dá 60 e Belini quer 80: tudo continua na incerteza

Portuguesa vai trocar de pontas

Para o jogo contra o Flamengo, amanhã, a equipe da Portuguesa já tem uma modificação garantida: o extremo-esquerda Bibi, sairá do ataque, deixando a vaga para o outro ponta, Jair, enquanto na direita entrará o reserva Helio.

Na defesa, a equipe paulista tem outra mudança em vista: a entrada de Murilo no lugar do zagueiro central Dilton, caso este, até esta tarde, não apresente melhoras do machucado que sofreu no choque com Valdo, durante o jogo de quinta-feira.

SAUDADES

Já há uma semana no Rio (chegaram no sábado passado) os homens da Portuguesa esperam com ansiedade a hora do jogo contra o Flamengo, pois desejam voltar para São Paulo o mais depressa possível. Única coisa que fizeram até agora, foi ir, no cinema jogar e treinar futebol — disse o centro-avante Servílio. Fora disso temos ficado no hotel, sem nada para fazer. Estou torcendo para ganharmos do Flamengo, pois com o dinheiro pago uns cachorros que comprarei no Rio e volto para casa satisfeito.

INDIVIDUAL

Esta manhã, na pista do Fluminense (o campo está em conserto), a Portuguesa vai fazer um leve treino individual, com bate-bola e ginástica.

Em princípio, o técnico Oto Vieira escalou a seguinte equipe para o jogo com o Flamengo: Chamorro; Hermínio, Dilton (Murilo), Vilela e Juths; Odorico e Didi (Silvio); Helio, Ociimar, Servílio e Jair.

Além da equipe que jogará — Castilho; Marinho, Pinheiro, Clóvis e Altair; Edmilson e Paulinho; Maurinho, Valdo, Jair Francisco e Escrinho — a delegação do Fluminense viajara formada com os seguintes homens: Vitor Gonzales, Edil, Jair Santana, Romeu, Hercúles e Wilson Bauri. Na direção, aguarda a chegada de um atacante chamado Pelé — dizem que é pela qualidade de seu futebol. O rapaz, vindo de Aracaju, traz quinze referências e se agrada ao técnico Moacir Aguiar, nos treinos, poderá entrar na equipe ainda nesse Torneio Rio-São Paulo.

O adversário do América, hoje, é o São Paulo. O jogo está marcado para as 16 horas, no Pacaembu. Além das ausências de Antoninho e Calazans, o América estará desfalcado do meio Leônidas e do zagueiro central Ricardo. O time foi escalado pelo técnico Moacir Aguiar, com: Art; Jorge, Dêlm, Djalma e Ivá; Jailton e José Carlos; Vitor (Raba), Amauri, Wilson Santos e Nêo.

A equipe carioca embarcou para São Paulo, ontem, no meio-dia, num ônibus que foi apanhá-la na sede da Rua Campos Sales, na Capital paulista. O América está hospedado no Palace Hotel e só hoje, pela manhã, lá chegará o dirigente Alvaro Bragança, que vai assumir a chefia da delegação. Paulo, que minutos atrás chegou, ontem, o Sr. Bragança declarou que, apesar dos desfalques, espera que seu time esteja vencendo, por quinto round, o campeão da Guiana, Inglês, Ivelaw Stephens.

Para a próxima semana, o América aguarda a chegada de um atacante chamado Pelé — dizem que é pela qualidade de seu futebol. O rapaz, vindo de Aracaju, traz quinze referências e se agrada ao técnico Moacir Aguiar, nos treinos, poderá entrar na equipe ainda nesse Torneio Rio-São Paulo.

— O azar dele — disse o técnico — é que havia três de Fluminense, sempre em cima, para marcá-lo.

BICHO: CR\$ 3 MIL

Pela vitória sobre a Portuguesa, o Fluminense fixou o prêmio de seus jogadores em Cr\$ 2 mil, que serão pagos esta manhã.

— A que havia três de Fluminense, sempre em cima, para marcá-lo.

BICHO: CR\$ 3 MIL

Pela vitória sobre a Portuguesa, o Fluminense fixou o prêmio de seus jogadores em Cr\$ 2 mil, que serão pagos esta manhã.

— A que havia três de Fluminense, sempre em cima, para marcá-lo.

BICHO: CR\$ 3 MIL

Pela vitória sobre a Portuguesa, o Fluminense fixou o prêmio de seus jogadores em Cr\$ 2 mil, que serão pagos esta manhã.

Último chute custou caro a Telê: não vai jogar contra Corinthians

O último chute no jogo com a Portuguesa, na quinta-feira, custou a Telê uma séria distensão muscular que o afastará do jogo de amanhã, contra o Corinthians, no Pacaembu.

Sem Telê, o ataque do Fluminense jogará com Maurinho, Paulinho, Valdo, Jair Francisco e Escrinho. O embarque da delegação tricolor está marcado para às 7h30m de amanhã, no Aeroporto Santos Dumont.

ÚLTIMO INSTANTE

No último minuto da partida com a Portuguesa, Telê tentou chutar a bola de primeira e ao dar impulso à perna direita, sofreu uma lesão na coxa. O apito final, do juiz Anacleto Pletrobem, sequer deixou o atacante saber a extensão do machucado. Só depois, examinado pelo Dr. Nilton Pais Barreto ficou provado que Telê não poderia jogar contra o Corinthians, tendo, por isso, de ficar no Rio, em repouso, só voltando aos treinos na próxima semana.

TREINO HOJE

Para esta manhã, Zéze Moreira marcou o último treino de seus jogadores, que será um individual curto, pois, segundo o próprio técnico informou ao JORNAL DO BRASIL, o interesse da reunião é comentar a última partida, contra a Portuguesa, e instruir a todos sobre o horário e ponto de encontro para a viagem de amanhã.

DELEGAÇÃO

Além da equipe que jogará — Castilho; Marinho, Pinheiro, Clóvis e Altair; Edmilson e Paulinho; Maurinho, Valdo, Jair Francisco e Escrinho — a delegação do Fluminense viajara formada com os seguintes homens: Vitor Gonzales, Edil, Jair Santana, Romeu, Hercúles e Wilson Bauri. Na direção, aguarda a chegada de um atacante chamado Pelé — dizem que é pela qualidade de seu futebol. O rapaz, vindo de Aracaju, traz quinze referências e se agrada ao técnico Moacir Aguiar, nos treinos, poderá entrar na equipe ainda nesse Torneio Rio-São Paulo.

O adversário do América, hoje, é o São Paulo. O jogo está marcado para as 16 horas, no Pacaembu. Além das ausências de Antoninho e Calazans, o América estará desfalcado do meio Leônidas e do zagueiro central Ricardo. O time foi escalado pelo técnico Moacir Aguiar, com: Art; Jorge, Dêlm, Djalma e Ivá; Jailton e José Carlos; Vitor (Raba), Amauri, Wilson Santos e Nêo.

A equipe carioca embarcou para São Paulo, ontem, no meio-dia, num ônibus que foi apanhá-la na sede da Rua Campos Sales, na Capital paulista. O América está hospedado no Palace Hotel e só hoje, pela manhã, lá chegará o dirigente Alvaro Bragança, que vai assumir a chefia da delegação. Paulo, que minutos atrás chegou, ontem, o Sr. Bragança declarou que, apesar dos desfalques, espera que seu time esteja vencendo, por quinto round, o campeão da Guiana, Inglês, Ivelaw Stephens.

— O azar dele — disse o técnico — é que havia três de Fluminense, sempre em cima, para marcá-lo.

BICHO: CR\$ 3 MIL

Pela vitória sobre a Portuguesa, o Fluminense fixou o prêmio de seus jogadores em Cr\$ 2 mil, que serão pagos esta manhã.

— A que havia três de Fluminense, sempre em cima, para marcá-lo.

BICHO: CR\$ 3 MIL

Pela vitória sobre a Portuguesa, o Fluminense fixou o prêmio de seus jogadores em Cr\$ 2 mil, que serão pagos esta manhã.

— A que havia três de Fluminense, sempre em cima, para marcá-lo.

BICHO: CR\$ 3 MIL

Pela vitória sobre a Portuguesa, o Fluminense fixou o prêmio de seus jogadores em Cr\$ 2 mil, que serão pagos esta manhã.

— A que havia três de Fluminense, sempre em cima, para marcá-lo.

BICHO: CR\$ 3 MIL

Córdoba: Brasil 73 x Chile 45

CÓRDOBA - Argentina (AP-UPI)

O Brasil conseguiu sua terceira vitória seguida no Campeonato Sul-Americano de Basquetebol, vencendo o Chile por 73 a 45, ontem à noite, e mantendo sua invencibilidade. No primeiro tempo, os brasileiros, que começaram o jogo com Amauri, Valmir, Rosa Branca, Jatir e Édson, venciam por 36 a 19.

PRELIMINAR

Na preliminar, o Paraguai ganhou o Equador por 67 a 60, num a vitória apertada, depois de marcar 38 a 36, no primeiro tempo

Pan: Costa Rica está em festas

São José, Costa Rica (AP-UPI) — A vitória da Costa Rica, sobre o Brasil, por 3 a 0, na noite de ontem, foi comemorada como um dos maiores acontecimentos desta nação centro-americana; ao final do jogo, enquanto o público entusiasmado jogava animadas no gramado, Hernán Alvarado, goleiro costarricense, era considerado como "o herói nacional n.º um".

As atuações das equipes de México e da Costa Rica, jogando de igual para igual, frente ao Brasil e Argentina (que venceu de 3 a 2), deram ao III Campeonato Pan-Americano uma feição de atrante equilíbrio, não esperado. Para o último round do torneio, a Costa Rica x México, o jogo será disputado no Estádio Nacional de São José já está esgotada.

VENTO AJUDOU

Argentina e Costa Rica lideram o campeonato, com uma vitória e um empate; Brasil e México têm um empate e uma derrota. A seleção costarricense, empatando por 0 a 0 com a Argentina e vencendo o Brasil por 3 a 0, tornou-se a grande favorita do Pan-Americano. Ela tem surpreendido seus adversários jogando com uma velocidade impressionante e com grande entusiasmo. O Brasil não conseguiu conter o leve ataque da Costa Rica e tampouco penetrar em sua defesa bem armada. E as oportunidades que teve foram destruídas pelas defesas seguras e espetaculares do goleiro Alvarado.

Os costarriguenhos apareceram em campo adotando um sistema a sul-americano, que se poderia classificar de 4-3-3, enquanto os brasileiros se firmavam num 4-2-4. Os locais jogavam com rapidez e segurando a bola no chão, evitando, desta forma, a ação do vento, sempre muito forte. Neste estilo venceram por várias vezes a defesa brasileira e obtiveram a Ifo fazer boas intervenções.

Após 14 minutos o extrema-direita Guillermo Valenciano atirou de longe para marcar o primeiro gol; aos 28, quando os brasileiros procuravam empatar reagindo fortemente, Quesada fez novo gol para Costa Rica.

VIROU VINGANÇA

No segundo tempo os costarriguenhos contriveram a maior técnica brasileira jogando com grande entusiasmo e viram sua vitória assegurada aos 32 minutos: Ullon deu curto para Rojas, que atirou firme e marcou 3 a 0. A torcida explodiu em manifestações, gritando e aplaudindo, e atirou as almoçadas dos assentos ao campo: os costarriguenhos ainda se lembram da derrota de há quatro anos, também num Pan-Americano, realizado no México, que o Brasil lhes impôs por 7 a 1.

Enquanto a grande figura do quadro da Costa Rica foi o goleiro Alvarado, o Brasil teve o seu melhor no zagueiro central Airtón. O juiz argentino Luis Ventre dirigiu de forma moderada a partida, permitindo alguns lances de forte brutalidade.

Dirigentes do Real e Atlético desmentem volta de Didi e Vavá

Madrid (UPI) — As diretorias do Real e do Atlético, de Madrid, desmentiram, ontem, rumores de que seus jogadores brasileiros, respectivamente, Didi e Vavá, fossem ser transferidos para outros clubes.

O Sr. Manuel Morales, diretor do Atlético, falando à UPI, declarou que Vavá estará preso àquele clube até o dia 30 de junho de 1961 e não houve até agora a menor intenção de vendê-lo, por parte de seus colegas de diretoria. Por outro lado, o Sr. Raimundo Saporta, diretor do Real Madrid, disse que o atacante Didi só será vendido quando um clube interessado procurar antes a diretoria do Real e chegar a um acordo na questão de preço.

Por ora, disse o Sr. Saporta, os rumores sobre a venda de Didi não têm qualquer fundamento.

É OUTRO



Para Bria, Flia tem alma nova para entrar em nova fase

Bangu jogará amanhã em Ituiutaba: MG

Belo Horizonte, (SP-IB) — A equipe de profissionais do Bangu, do Rio, que minutos atrás chegou a Uberlândia, na cidade do mesmo nome, por 2 a 0 com gols de Arnelho e Luis Carlos, jogará amanhã na cidade de Ituiutaba, contra a seleção local.

Para a próxima semana, o América aguarda a chegada de um atacante chamado Pelé — dizem que é pela qualidade de seu futebol. O rapaz, vindo de Aracaju, traz quinze referências e se agrada ao técnico Moacir Aguiar, nos treinos, poderá entrar na equipe ainda nesse Torneio Rio-São Paulo.

Maria Ester

vence em
Pôrto Rico

San Juan de Pôrto Rico (FP) — Com a espetacular reação, a partir da metade do segundo set, a tenista brasileira Maria Ester Bueno acabou derrotando a norte-americana Barbara Davidson, no jogo realizado na noite de quinta-feira, pelo Torneio de San José.

Maria Ester começou a partida jogando com muita firmeza, tanto no ataque como na parte defensiva. Nesse período, Barbara Davidson soube explorar bem as falhas da rival e venceu o set por 6-2.

Só na metade do segundo set, inspirada por uma sequência de saques felizes, a brasileira Ester Bueno passou a dominar o jogo e venceu os dois últimos sets, respectivamente, por 6-4 e 6-3.

A campanha de Wimbledon, com essa vitória, passou à série semifinal do Torneio e é apontada como favorita no seu próximo jogo, contra a inglesa Anna Hingdon.

SEM ASA



O goleiro que nasceu de uma fantasia voz e sonha: Mauro

Russo reclama contra
vagas dadas à América
para a Copa de 1962

Moscou (UPI) — O comentarista esportivo do Pravda — o maior jornal da URSS — A. Soskin fez severas críticas contra a distribuição de vagas para a Copa do Mundo de 1962, no Chile, reclamando que os países americanos ficaram com um número relativamente muito superior ao dos europeus.

Além de classificar o sistema de distribuição como injusto, o jornalista soviético acusou os organizadores da Copa do Mundo de se deixarem influenciar pela pressão dos países sul-americanos.

DOIS DIREITOS

A reclamação do "Pravda" visa principalmente a América do Sul, onde o Brasil e o Chile, por direito de conquista, têm suas vagas garantidas, sem precisarem disputar eliminatórias. O Brasil, pelo fato de ser o atual campeão, e o Chile, por ser o patrocinador do certame, estão automaticamente incluídos nas oitavas de final da Copa de 1962. A essas duas vagas somam-se as quatro habitualmente concedidas aos países americanos, o que dá um total de seis vagas para as Américas, contra as 10 restantes a serem disputadas pelos países da Europa, Ásia e África.

E DIFÍCIL

Num trecho de seu comentário, Soskin afirmou que os homens da FIFA não tinham necessidade de se submeter às pressões dos americanos, já que para os europeus será muito difícil chegar a Santiago, enquanto para os vizinhos do Chile a disputa se tornou mais fácil. Como exemplo, o jornalista citou o caso da Irlanda, Tchecoslováquia e Escócia, que incluídos no mesmo grupo eliminatório terão de empunhar-se ao máximo para ganhar o direito de ir ao Chile, enquanto a Argentina, sem concorrentes à sua altura, garantirá lugar entre as seis vagas, sem esforço algum.

OS FAVORITOS

O comentarista do "Pravda" apontou como principal motivo para a

Emissário
argentino
vem aqui

Buenos Aires, 11 (F.P.) — A Associação de Futebol da Argentina decidiu enviar um delegado ao Brasil, a fim de ultimar os pontos em relação às condições de disputa da Copa Roca. A Argentina insiste em disputar o troféu, que disputa tradicionalmente com o Brasil, nos dias 27 e 30 de julho. Por outro lado, a Associação autorizou as equipes do Boca Juniors e do River Plate de Buenos Aires a disputar partidas contra o Alianza e o Universitario de Lima, nos dias 12, 16, 19 e 23.

M. Américo conversou
com o Botafogo e vem
mesmo: 30 mil por mês

Trinta mil cruzeiros por mês, além dos prêmios por jogo, eis a base do entendimento havido anteciente (que JB noticiou ontem) para admissão do massagista Mário Américo no Botafogo. O famoso massagista tem novo encontro com o Sr. Brandão Filho na próxima segunda-feira para o acerto final.

A contratação de Mário Américo corresponde a um pedido do técnico Paulo Amaral antes de embarcar para a temporada do Botafogo nas Américas.

UM TELEFONEMA

Anteciente à tarde, o massagista Mário Américo telefonou ao Sr. Brandão Filho, Diretor de Futebol do Botafogo, indagando do real interesse do Botafogo. Os dois se encontraram no mesmo dia, à noite, na saída do Maracanã, depois do jogo Portuguesa x Fluminense.

atitude dos organizadores da Copa do Mundo, a garantia de lucros, pois com maior número de concorrentes sul-americanos, o certame do Chile terá considerável aumento de público.

Quanto às possibilidades dos times na próxima Copa, Soskin apontou o Brasil e o Chile como principais favoritos, ressaltando também as qualidades da Suécia, Alemanha Ocidental e Itália, que têm grandes chances de ganhar o torneio.

Regata Darke de Matos
amanhã será atração
haja ou não muito barco

— Mesmo que o número de participantes não seja grande, a Regata Darke de Matos, por seus vários atrativos, será tão animada quanto foram as outras já corridas. Esta é a opinião do starista Argemiro Cunha, um dos mais antigos velejadores da Classe Star no Rio de Janeiro, sobre a prova que será corrida amanhã.

Segundo prevêem estatistas da classe, pelo menos 20 barcos estarão presentes no percurso, que tem como background a praia de Copacabana.

EM TODAS

Componente da Classe Star desde a sua organização, em 1944, Argemiro Cunha, proprietário do Siribu, tomou parte em todas as Darke de Matos até agora realizadas e tem, por isso, opinião formada a respeito da prova que é um clássico da Star Class e da vela carioca. — Na minha opinião, o sucesso que sempre tem a regata não está propriamente na quantidade de barcos que nela correm. Seus atrativos, sim, e que são os fatores que atraem para o êxito da competição. Entre estes, aponto o percurso ao longo da Praia de Copacabana, a grande influência da sorte nos resultados da prova, o grande número de prêmios e o tradicional almoço de confraternização. Também o fato de ser a prova de abertura do nosso calendário é um detalhe importante.

— Amanhã — continuou Argemiro Cunha — o número de concorrentes andará por aí também. Muitos staristas, visando às Eliminatórias das Olimpíadas que começarão no próximo domingo, estavam ou ainda estão com seus barcos em obras, pintura ou ajustes técnicos. Acredito que isto impedirá a presença de vários companheiros meus na regata de amanhã, apesar de todos estarem trabalhando por solucionar seus problemas em tempo. Hoje à tarde a atividade nesse sentido deverá ser bem grande no nosso hangar.

CONSERVADOR

O latista Argemiro Cunha define sua posição nessa prova de amanhã declarando:

— Sempre vou para as regatas visando antes de tudo divertir-me. Logicamente me interesso pelo resultado, porém, isto para mim não é tudo. Provo isto e o meu velho Siribu, em obras, pintura ou ajustes técnicos. Acredito que isto impedirá a presença de vários companheiros meus na regata de amanhã, apesar de todos estarem trabalhando por solucionar seus problemas em tempo. Hoje à tarde a atividade nesse sentido deverá ser bem grande no nosso hangar.

Em princípio, Mário Américo considerou satisfatória a proposta feita pelo Botafogo de lhe pagar salário mensal de 30 mil cruzeiros. Como tinha de viajar em seguida para São Paulo, M. A. pediu que marcassem uma conversa final na próxima segunda-feira, sabendo, assim, o tempo necessário para dar as explicações ao time a que pertence, no momento, a Portuguesa.

FICO



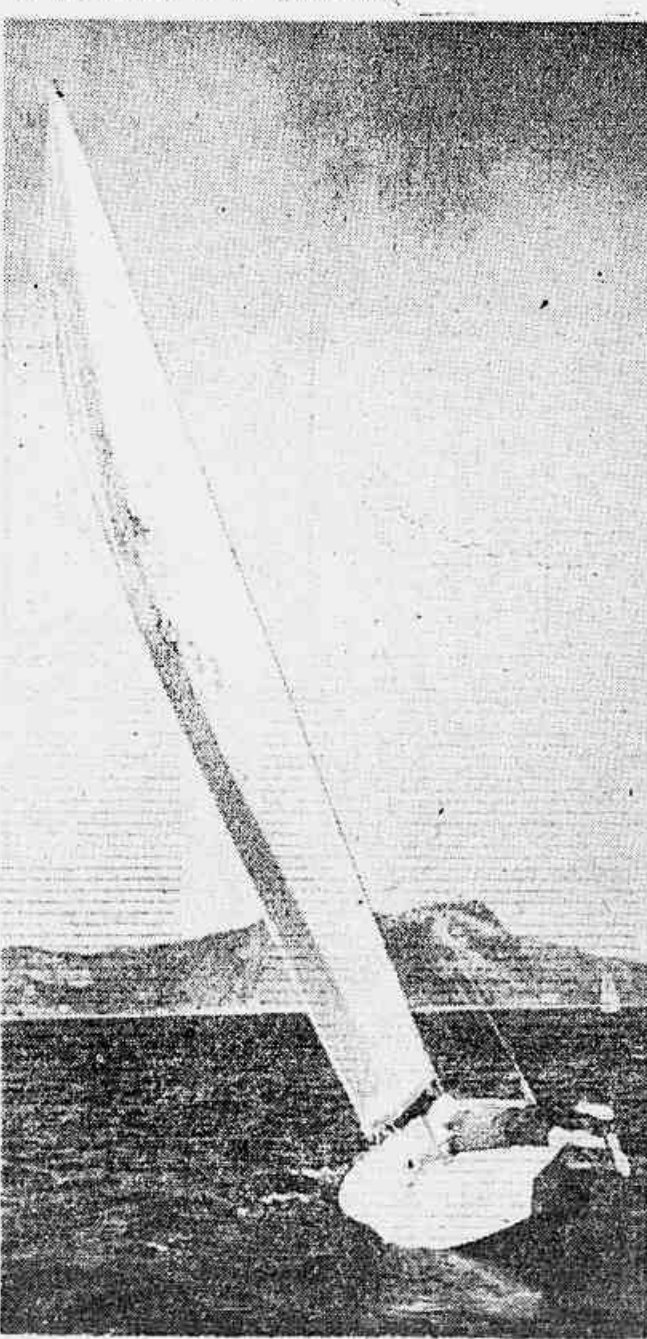
Zezé Moreira não deu resposta ao convite do Vasco: fica no Fluminense

Édson já
está
no Boca

Buenos Aires (UPI) — Edson, antigo zagueiro central de seleções brasileiras, do America, do Rio, e do Palmeiras, de São Paulo, chegou a Buenos Aires para se integrar no Boca Juniors.

Edson ocupará o posto de zagueiro central da equipe titular do Boca Juniors.

O HOMEM E O BARCO



Argemiro Cunha e seu barco Siribu estarão amanhã disputando mais uma regata Darke de Matos

Vasco ofereceu e Zezé
recusou 125 mil por
mês a partir do Rio-SP

O Sr. Soares Calçada, conselheiro do Presidente Alá Batista, mandou oferecer ao técnico Zezé Moreira o salário de 125 mil cruzeiros mensais para dirigir o time do Vasco da Gama já no Rio-São Paulo.

Até agora, o Vasco não recebeu resposta, mas sabe-se que o treinador recusou o convite, feito, aliás, por intermédio de seu próprio filho, o jogador Wilson Moreira.

SOB OBSERVAÇÃO

A despeito do noticiário dos dois últimos dias, estamos em condições de informar que o Vasco da Gama ainda não resolveu o problema do técnico principal de sua equipe. No âmbito havido há dias e de que participaram a nova diretoria do Vasco e o técnico Yustrich, não se tratou, nem de leve, da permanência do atual treinador. O encontro teve apenas o sentido de um contato do novo Presidente com Yustrich, que não se conhecem senão superficialmente.

A posição real da nova diretoria do Vasco é de expectativa e, segundo informação de um alto funcionário, o clube observará de perto o técnico Yustrich durante o tempo de contrato que lhe resta (até fins de abril próximo). Só então o Sr. Alá Batista decidirá se renova ou não o contrato do atual treinador.

LORENZINI NA PAUTA

Até agora, ainda não se afastou a possibilidade de vir o Vasco a contar com o treinador Lourival Lorenzini, que pertence ao Madureira. Se Yustrich não continuar, um dos nomes em foco para substituí-lo é o técnico Lorenzini, cujo trabalho no Madureira e na Portuguesa tem sido exaltado nas conversas dos principais processos do Vasco da Gama.

Boca quer

Grillo e

Milão vende

Milão (AP) — Um dirigente do Clube Milão declarou ontem que o Boca Juniors de Buenos Aires quer comprar o atacante Ernesto Grillo e se chegar a um acordo na questão do preço poderá levar o jogador logo no fim da temporada de 1960. O dirigente não disse quanto o Milão deseja pela posse de seu atacante.

Grillo, que é argentino, foi campeão da Independiente de Buenos Aires há três anos e se destacou como um dos melhores jogadores do mundo do Milão durante a temporada que disputou na Itália.

Mauro: Rio-São Paulo
pode realizar sonho
de um "team" de botão

O goleiro Mauro, que nos tempos de criança era reserva de Barbosa no futebol de botão, é, hoje, no futebol de verdade, titular do Flamengo à espera do Rio-São Paulo para conquistar a sua maior meta: a seleção brasileira.

— Tenho fé em Deus que hei de jogar nesse torneio bastante para mostrar que posso entrar no scratch — diz o goleiro Mauro, falando com uma confiança de quem já desafiou e venceu a fantasia, transportando para a vida um destino que só existia nas brincadeiras de infância quando se escalava no gol de um team de botão.

"CHANCE" DE MAURO

Mauro conta que tinha um team de botão: o goleiro era uma caixa de fósforos que se chamava Barbosa. Quando, por qualquer motivo, o titular não entrava (às vezes, Barbosa se machucava, às vezes, o próprio suplente se impunha a escalção), Mauro recolhia de uma caixa de sapatos um bolinha menor, menos técnico e o enfiava debaixo das traves. Ninguém conseguia imaginar com que emoção Mauro escalava aquela reserva: aquele reserva se chamava Mauro.

Muitas vezes, técnico e dono do team que era, viu-se tentado a barrar Barbosa, dando o lugar ao jogador do seu time. Por dever de justiça, entretanto, não ousou jamais fazer a substituição. Achava que ainda era cedo e que o reserva ainda tinha muito que aprender. Tinha que lutar, lealmente, pela posição.

O "MENININHO"

Começou a luta, aos 10 anos, nas peladas de bola de meia da Rua Alacim, em Vicente de Carvalho. Fazia as traves com dois tijolos, punha-se na posição e começava o jogo, de goleiro para goleiro.

Pelo que se lembra, Mauro não perdia para ninguém e com isso ia ganhando curtas, muito embora só viesse a jogar sob baliza aos 15 anos, quando, acompanhando seu irmão José Augusto, que jogava pelos Filhos de Iguçu, recebeu um convite para substituir o goleiro do segundo team que faltava. O menino, como Mauro foi logo chamado pela torcida adversária, tentando ridicularizá-lo, com o correr do jogo mostrou que era goleiro de verdade. Fez o gol, diz ele.

Desse dia em diante, todo domingo, lá estava Mauro no gol do segundo quadro dos Filhos de Iguçu. Em pouco tempo, passou para o team de cima e era considerado o único que não podia faltar em dia de jogo.

PRIMEIRO CLUBE

Uma vez, o técnico Pelagril, que dirigia os juvenis do Vasco, viu Mauro jogar. No fim da partida, chamou-o de lado e fez-lhe um convite para que ele desse um pulo ao clube de São Januário, pois gostaria de testá-lo. Foi ao treino do Vasco e ficou. Em 1954, jogou uns cinco ou seis meses no quadro que ao final do campeonato foi campeão. Na temporada seguinte firmou-se como titular, mas em 56, segundo sua expressão, a coisa não andou bem para o seu lado, chegando até a se aborrecer com Marlim Francisco. Deixou o campeonato pela metade e

Mauro, que trazia bons ensinamentos de Zezé Moreira, agradeceu ao técnico paraguaiense que o contratou e disse-lhe: — Paga o que lhe indicar, que você tem condições de ser um grande goleiro, inclusive não leve em conta que o Flamengo tem Fernando e Ari na sua frente. O seu dia chegará. Mas não cheguei, enquanto Solich esteve na Gávea, se bem que Mauro tinha apurado com ele sua técnica de futebol. Somente no segundo turno do campeonato de 1959, no jogo contra o Olaria, é que Mauro subiu para o quadro titular. Era a oportunidade que esperava. Aproveitou-a bem e ali hoje não deu mais vez aos outros. Passou de segundo reserva a titular.

Agora, às vésperas do torneio Rio-São Paulo, que, na sua opinião, representa para o bom jogador a ante-sala da seleção, Mauro está mais entusiasmado do que nunca: o sonho que começou no futebol de botão poderá se tornar realidade.

CBD pode perder Gosling
para o "team" do Santos
ou para a seleção sueca

A CBD deve perder a qualquer momento a assistência do médico Hilton Gosling, que está colocado entre duas propostas realmente tentadoras: uma da Federação Sueca de Futebol, que lhe quer pagar cerca de três mil dólares por mês e outra do Santos F. C. de 150 mil cruzeiros mensais.

A proposta sueca será estudada pessoalmente pelo médico quando a seleção chegar a Estocolmo, em maio próximo. Desde a Copa do Mundo que a Suécia procura contratar o médico da seleção brasileira.

CERCO ANTIGO

Os entendimentos com o Santos F. C. também não são de hoje: há algum tempo, o Sr. Modesto R. ma vem cercando o médico da CBD com proposta de um contrato fabuloso que inclui, além de salário de 150 mil, um lugar num dos hospitais da Cidade de Santos.

O Dr. Hilton Gosling ganha 30 mil cruzeiros da CBD, é funcionário da Prefeitura do Distrito Federal e recentemente instalou clínica particular no centro da Cidade.

Quando o Botafogo esteve na Suécia, ano passado, o Dr. Hilton at-

ling pronunciou duas conferências sobre medicina esportiva a convite das autoridades do futebol sueco. Na ocasião, foi-lhe renovado o convite para assumir a direção médica da seleção sueca. O Dr. Gosling declinou do convite e apenas admitiu a possibilidade de administrar um curso de seis meses em Estocolmo.

O sucesso pedrino também ao Dr. Gosling não se limitou ao futebol. Ele também atuou na Copa do Mundo de 56, pois atribuiu ao médico um papel de grande selecionador na preparação do selecionado brasileiro campeão do mundo.

Temporada do Botafogo
termina hoje contra
o Boca em Buenos Aires

Fechando a temporada que iniciou há dois meses e meio no Equador, o time do Botafogo joga hoje à noite contra o Boca Juniors, em Buenos Aires, e chegará ao Rio na próxima segunda-feira (19 horas, no Galeão).

Sem contar o jogo de logo mais em Buenos Aires, o quadro do Botafogo teve, nessa excursão, 11 vitórias, um empate e duas derrotas.

ELOGIO DO "TEAM"

O empresário Maresca escreveu a Diretoria do Botafogo, congratulando-se com o clube pela campanha da equipe que qualificou de admirável tanto do ponto-de-vista disciplinar quanto do ponto-de-vista técnico. Disse que o Botafogo conquistou enorme prestígio nos países por onde passou exibindo um estilo de jogo altamente expressivo do valor do futebol brasileiro.

Conseja o empresário Maresca que o ponto alto das experiências do Botafogo está nas vitórias de Lima, contra o Alianza e o Universitario, no México, quando derrotou duas vezes a seleção nacional e na Colômbia, nos jogos contra o Santa Fé, o Millonarios e o Austria, de Viena.

HOMENAGENS

A Diretoria do Botafogo vai oferecer festiva recepção a seu time, segunda-feira à noite e quer homenageá-lo no dia seguinte, em cerimônia na sede do clube.

CARREIRÃO DE INDÔMITA NA RETA FINAL DA GRAMA

Indômita fez, ontem, um exercício de reconhecimento da pista de grama da Gávea. Montada pelo cavalheiro Pinga Fogo, a alazã de Cidade Jardim desceu a reta no tapete em 39", sempre a meio de raia e com muita facilidade, sem qualquer preocupação de tempo.

Aprontos cronometrados para a reunião de amanhã (na manhã de ontem) vão a seguir:

1.º PAREO
Mi Noche, L. Santos — 600 metros em 35" 2/5 — Reta oposta.
Zununga, F. G. Silva — 700 metros em 45".

Icangá, D. Moreira — 600 metros em 40".
Zangá, J. Marinho — 560 metros em 25".
Promessa, J. Ramos — 600 metros em 39" 2/5.

Kina, H. Cunha — 700 metros em 41" 1/5.
Xininha, A. Ricardo — 700 metros em 41" 2/5.
Kao Kao, A. G. Silva — 700 metros em 41" 2/5.

Saint Emilion, A. Hodecker — 600 metros em 38" 2/5.
Xanto, J. Marchant — 700 metros em 45".
Ná, J. Ramos — 360 metros em 23".
Mar Cáspia, A. Ricardo — 800 metros em 51" 2/5.

360 metros em 21" 2/5 — Grama.
Zula, H. Cunha — 360 metros em 23".
Flamme Enchantée, J. Ramos — 600 metros em 37".
Ilustrada, C. Dias — 360 metros em 21" 2/5.
Vancouver, M. Silva — 360 metros em 23".
Cleclara, A. Ricardo — 360 metros em 21" 3/5.
Floramour, I. Sousa — 360 metros em 23".

JORNAL DO BRASIL informa para hoje—retrospecto

1.º PAREO - 1 500 metros - Cr\$ 70 000,00 - Cr\$ 21 000,00 - Cr\$ 14 000,00 - As 13 h 55 m - Recorde: Temível 89" 3/5

PISTA DE GRAMA

ANIMAIS — JOQUEIS	St.	Kg	POSSIBILIDADES	TRATADOR	ÚLTIMA "PERFORMANCE"	Dist.	Tempo	Pista
1-1 Xanca, J. Ramos	7	56	Há muita fé. Chance	C. Cabral	1.º para Octávia-Clavina	1 600	103" 2/5	A.L.
2-2 Afamada, D. P. Silva	6	56	Melhor na areia. Perigosa	A. P. Silva	5.º para Ocara-Darga	1 400	89" 2/5	A.L.
3-3 Cleclara, A. Ricardo	3	56	Responde bem movida. Pule boa	P. Schneider	6.º para Ocara-Darga	1 400	89" 2/5	A.L.
4-4 Juncal, L. Santos	1	56	Cuidado que pode dar passeio	P. Schneider	8.º para L. Rose-Hagra	1 200	76" 2/5	A.L.
5-5 Lena, A. Reis	2	56	Trabalhou muito bem	S. d'Amore	8.º para Xininha-Dama Negra	1 300	81"	A.L.
6-6 Kasilid, J. Tinoco	4	56	Regular auxílio	S. d'Amore	5.º para L. Rose-Hagra	1 300	76" 2/5	A.L.
7-7 Zangá, J. Marinho	4	56	Turma forte. Difícil	M. Araújo	2.º para L. Rose-V. Tropical	1 400	76" 2/5	A.L.
8-8 Agatara, C. Paranhos	5	56	Difícil, por enquanto	O. Lopes	U.º para Usanga-Dama Negra	1 500	95" 2/5	A.P.
9-9 Octávia, A. Hodecker	3	52	Parece indigesto	O. Pinto	6.º para Didática-Lasiandra	1 300	86"	A.P.
PONTA: AFAMADA			DUPLA: 11 — XANCA		"PLACE": LENA			

2.º PAREO - 1 400 metros - Cr\$ 60 000,00 - Cr\$ 18 000,00 - Cr\$ 12 000,00 - As 14 h 25 m - Recorde: Tzarina 82" 2/5

PISTA DE GRAMA

1-1 Sinfonia, L. Santos	3	54	Em qualquer raia é força	E. Freitas	1.º para Juncal-Violeta	1 400	90" 2/5	A.P.
2-2 Boa Son, A. Hodecker	8	56	Muito irregular	C. Pereira	7.º para L. de France-B. Vista	1 300	83" 2/5	A.P.
3-3 Portão, L. Sousa	3	50	Na grama é perigoso	G. Morgado	4.º para Ubatim-Palladium	1 600	104"	A.U.
4-4 Jazairah, A. G. Silva	7	54	Muito batido. Pule alta	A. Rosa	5.º para L. France-B. Vista	1 300	83" 2/5	A.P.
5-5 Duque, L. Santos	3	56	Em forma. Muita chance	P. Morgado	1.º para Tejo-Baccarat	1 400	90" 2/5	A.P.
6-6 Eole, A. Ricardo	4	50	Com este peso... Cuidado	M. Canjeiro	3.º para Ubatim-Palladium	1 600	104"	A.U.
7-7 Il de France, M. Hen	1	50	Não acreditamos	J. Andrade	1.º para B. Vista-Javelin	1 300	83" 2/5	A.P.
8-8 Ibanex, L. Santos	2	50	Vem de fracasso	P. Campos	U.º para Ubatim-Palladium	1 600	104"	A.U.
PONTA: DUQUE			DUPLA: 33 — EOLE		"PLACE": SINFONIA			

3.º PAREO - 1 400 metros - Cr\$ 70 000,00 - Cr\$ 21 000,00 - Cr\$ 14 000,00 - As 14 h 55 m - Recorde: Urge 84" 4/5

1-1 Opaline, A. Ricardo	9	56	Tinindo. Em qualquer pista	J. Morgado	3.º para Didática-Lasiandra	1 300	86"	A.P.
2-2 Lasiandra, L. Santos	10	56	Não acreditamos	M. Canjeiro	5.º para Dúda-Didática	1 400	90" 2/5	A.P.
3-3 Lasiandra, L. Santos	3	56	Melhor na areia	C. Gomes	2.º para Didática-Opaline	1 300	88"	A.P.
4-4 Orizana, A. Cardoso	6	56	Difícil, não impossível	S. d'Amore	6.º para Didática-Lasiandra	1 300	86"	A.P.
5-5 Samoa, J. Ramos	2	56	Pode surpreender. Chance	E. Cardoso	6.º para Didática-Lasiandra	1 300	86"	A.P.
6-6 Amoreuse, L. Rizoni	5	56	Não acreditamos	M. Araújo	5.º para Lasiandra	1 300	86"	A.P.
7-7 Cleclara, A. Ricardo	7	56	Se fosse grama...	C. Pereira	3.º para Nance-Octávia	1 600	103" 2/5	A.P.
8-8 Unah, L. Santos	4	56	Mala aguçada. Perigosa	M. Mendes	4.º para Didática-Lasiandra	1 300	86"	A.P.
9-9 Octávia, A. Hodecker	4	56	Melhor aqui. Place	O. Pinto	6.º para Didática-Lasiandra	1 300	86"	A.P.
10-10 Juncal, L. Santos	2	56	Vem de fracasso. Pule alta	C. P. Filho	U.º para Didática-Lasiandra	1 300	86"	A.P.
11-11 Domani, A. M. Camin	1	56	Tem bons trabalhos	A. Rosa	8.º para Didática-Lasiandra	1 300	86"	A.P.
PONTA: OPALINE			DUPLA: 12 — LASIANDRA		"PLACE": UNIAK			

4.º PAREO - 1 800 metros - Cr\$ 60 000,00 - Cr\$ 18 000,00 - Cr\$ 12 000,00 - As 15 h 30 m - Recorde: Marco 112" 3/5

1-1 Nice Boy, L. Rizoni	5	54	Em grande forma	J. Morgado	1.º para L. Affair-Intrometido	1 600	100" 1/5	A.L.
2-2 Boa Son, A. Hodecker	7	56	Não acreditamos	O. Lopes	3.º para Carpentier My Onw	1 400	103" 2/5	A.P.
3-3 Love Affair, A. Ricar	6	54	Pode repetir. Desencabulou	P. Schneider	1.º para Chianti-Cabochon	2 200	142" 3/5	A.L.
4-4 Cocoi, L. Sousa	4	50	Depende da pista. Perigoso	C. Torres	11.º para Intrometido-Ajax	1 600	100" 4/5	A.L.
5-5 Encouraçado, J. Ramos	2	56	Na distância e adversário	J. Morgado	4.º para Bicho-Kermann	1 400	87"	A.L.
6-6 Cleclara, A. Ricardo	3	56	Difícil, por enquanto	J. Burioni	7.º para Carpentier-My Onw	1 400	103" 2/5	A.P.
7-7 Cabochon, G. Queiroz	3	50	Volta bem. Há fé	C. Pereira	2.º para L. Affair-Chianti	2 200	142" 3/5	A.L.
8-8 Cleclara, A. Ricardo	9	56	Não acreditamos. Difícil	A. Garcia	3.º para L. Affair-Chianti	2 200	142" 3/5	A.L.
9-9 Santeiro, J. Boffica	1	52	Vai fechar raia	N. Pires	9.º para Bicho-Kermann	1 400	87"	A.L.
PONTA: CABOCHON			DUPLA: 21 — LOVE AFFAIR		"PLACE": NICE BOY			

5.º PAREO - 1 800 metros - Cr\$ 200 000,00 - Cr\$ 60 000,00 - Cr\$ 40 000,00 - As 16 horas - Recorde: Relang 108" 2/5

PRÊMIO "SEIS DE MARÇO"

1-1 Arlechino, L. Rizoni	5	60	Força. Responde bem	P. Morgado	1.º para Glenmore-Mercúrio	1 600	97"	G.L.
2-2 My Eye, D. Moreira	3	56	Turma forte. Vai esperar	A. Barbosa	5.º para Julliana-Virtude	1 400	83" 4/5	A.M.
3-3 Valence, M. Silva	3	55	Pode apertar o cara branco	E. Freitas	1.º para Zanza-Clematis	2 000	123" 2/5	G.L.
4-4 Temível, não corre	2	63	Perigoso, mesmo no peso	E. Freitas	ESTREANTE			
5-5 Mercurio, W. Andrade	8	55	Perigoso, mesmo no peso	E. Caminha	4.º para Iabino-Zombeteiro	1 400	88" 2/5	A.P.
6-6 Sismos, A. Bolina	9	55	Não acreditamos	M. Araújo	6.º para Farvel-Lobengrim	2 000	121" 2/5	G.L.
7-7 Gleamore, D. P. Silva	4	55	Difícil, muito difícil	C. Feljo	U.º para Iabino-Zombeteiro	1 400	88" 2/5	A.P.
8-8 Macon, M. Henrique	6	56	Turma forte. Pode surpreender	J. Andrade	4.º para Carpentier-My Onw	1 400	103" 2/5	A.P.
9-9 Zambal, A. Ricardo	10	55	Não acreditamos	L. Pereira	1.º para Armendarez-Rison	1 600	101"	A.M.
10-10 Ivante, não corre	5	53	Aqui não pode ser	W. Sousa	5.º para Volpi-Expresso	1 500	93" 2/5	A.U.
PONTA: ARLECHINO			DUPLA: 14 — ZAMBI		"PLACE": VALENCE			

6.º PAREO - 1 500 metros - Cr\$ 85 000,00 - Cr\$ 25 500,00 - Cr\$ 17 000,00 - As 16 h 30 m - Recorde: Temível 89" 3/5 (Betting)

PISTA DE GRAMA

1-1 Clélia, A. Ricardo	11	55	Melhor na leve	L. Ferreira	1.º para Candoca-Vancouver	1 400	88" 2/5	A.L.
2-2 Zula, A. Marçal	15	55	Ótimo auxílio	L. Ferreira	4.º para Vancouver-Joile Fête	1 300	83" 2/5	A.P.
3-3 Pato, E. G. Silva	7	55	Em forma. Pule alta	W. Sousa	U.º para M. Port-Vancouver	1 300	81" 4/5	A.L.
4-4 Palomita, A. Bolina	12	55	Turma forte. Vai esperar	A. Moraes	U.º para C. Luna-Damigella	1 800	117" 2/5	A.P.
5-5 Temerária, A. Cardoso	9	55	Em forma. Forte adversária	M. Sousa	1.º para Conciliação-Zana	1 400	91" 1/5	A.U.
6-6 Martineza, A. Hodec	10	55	Melhor na areia. Pode ser	A. Moraes	6.º para Vancouver-Joile Fête	1 350	83" 2/5	A.P.
7-7 Pato, E. G. Silva	7	55	Não acreditamos	Rd. Continho	10.º para Cleoncia-Fugitiva	1 400	84" 2/5	G.L.
8-8 Estorada, J. Tinoco	3	55	Perigosa e pule boa	A. Feljo	8.º para Reinalda-Gamela	1 600	104" 1/5	A.L.
9-9 Pea-Nut, D. P. Silva	6	55	Veloz e com chance	A. P. Silva	1.º para Perdita-Passion	1 500	97" 1/5	A.L.
10-10 Inquinta, W. Andrade	2	55	Aqui é mais difícil	J. L. Filho	5.º para Vancouver-Joile Fête	1 300	83" 2/5	A.P.
11-11 Unah, M. Henrique	4	55	Sempre fixa e nada	G. Costa	1.º para F. Bieu-Mayflower	1 200	77"	A.P.
12-12 Bonica, G. Queiroz	13	55	Pule um pouco	G. Feljo	1.º para Piazza-Ma Grise	1 200	79" 2/5	A.P.
13-13 Cleclara, A. G. Silva	3	55	Atropeladora. Cuidado	M. Gil	4.º para Padia-Intuila	1 600	105" 1/5	A.P.
14-14 Zina, M. Silva	8	55	Tem contra a partida. Se largar...	P. Morgado	2.º para Vancouver-Joile Fête	1 350	83" 2/5	A.P.
15-15 Anália, M. Henrique	16	55	Aqui não pode ser	S. d'Amore	7.º para Vancouver-Joile Fête	1 300	83" 2/5	A.P.
16-16 Tramosa, A. Reis	13	55	Tem trabalhado bem					
PONTA: CLÉLIA			DUPLA: 12 — TEMERARIA		"PLACE": PEANUT			

7.º PAREO - 1 600 metros - Cr\$ 70 000,00 - Cr\$ 21 000,00 - Cr\$ 14 000,00 - As 17 h 05 m - Recorde: Garça 94" 3/5 - (Betting)

PISTA DE GRAMA

1-1 Benghazi, L. Rizoni	1	54	Chance em qualquer raia	M. Sousa	2.º para Volpiel-Zangado	1 500	95" 2/5	A.P.
2-2 Cibi, A. Ricardo	1	50	Em forma. Pule alta	W. Sousa	U.º para Comanche-Dorico	1 300	81"	A.L.
3-3 Lord Caron, J. Tinoco	4	50	Cuidado em este	G. Ferreira	5.º para Iabino-Cursor	1 400	95" 2/5	A.P.
4-4 Bela, não corre	3	54	Se facilitarem...	N. Gomes	NAO CORRE			
5-5 Seival, M. Silva	3	54	Muita chance. Perigoso	C. Feljo	5.º para Gong-Benghazi	1 800	110" 1/5	G.L.
6-6 Donatello, A. Hodec	7	54	Gosta de correr na pista	C. Pereira	3.º para Orenoco-Benghazi	1 900	122" 4/5	A.P.
7-7 Ofendebach, L. Santos	5	50	Vem de duas vitórias. Pule alta	A. P. Silva	1.º para Canzoniere-Dorico	1 300	83" 3/5	A.P.
8-8 Dignet, E. Marinho	6	50	Vem embalsado de S. Paulo	A. Cavalh	7.º para Herzo-Ogan	1 800	111" 3/5	G.L.
9-9 Obesidade, C. Dias	2	50	Não acreditamos	J. Perz	U.º para Orenoco-Zequinha	1 800	113" 2/5	G.L.
PONTA: BENGHAZI			DUPLA: 12 — LORD CARON		"PLACE": CIBI			

8.º PAREO - 1 200 metros - Cr\$ 90 000,00 - Cr\$ 27 000,00 - Cr\$ 18 000,00 - As 17 h 40 m - Recorde: Okayama 77" - (Betting)

PISTA DE GRAMA

1-1 Expresso, A. Bolina	9	53	Força da carreira	C. Pereira	2.º para Volpiel-Zangado	1 500	95" 2/5	A.P.
2-2 Bica, não corre	10	53	NAO CORRE	W. Sousa	U.º para Comanche-Dorico	1 300	81"	A.L.
3-3 Palomita, W. Andre	3	53	Para uma revanche	R. Freitas	5.º para Iabino-Cursor	1 400	95" 2/5	A.P.
4-4 Volpi, M. Silva	3	53	Nada tem feito. Pule alta	A. Araújo	2.º para Boreas-Estilhaco	1 300	82" 2/5	A.L.
5-5 Dinah, L. Santos	1	51	Se facilitarem...	P. Morgado	3.º para Zanza-Zangado	2 000	123" 2/5	G.M.
6-6 Alibi, M. Henrique	11	53	Volta bem. Perigoso	A. Correa	7.º para Lord-Volpiel	1 400	84" 2/5	A.L.
7-7 Cavallaria, J. Tinoco	7	53	Há alguma fé. Chance regular	F. Schneider	3.º para Zanza-Epico	1 300	82" 2/5	A.P.
8-8 Damian, A. Ricardo	8	53	Deu um pule	M. Mendes	U.º para Vagabundo-Pasteur	1 300	82" 2/5	A.L.
9-9 Cav, A. Hodecker	4	53	Ótimo trabalho. Azar viável	M. Sousa	1.º para Dinah-Estilhaco	1 300	82" 2/5	A.L.
10-10 Boreas, L. Rizoni	6	53	Na leve, pode vencer	E. Castilho	7.º para Vagabundo-Pasteur	1 300	82" 2/5	A.L.
11-11 Zando, L. Santos	5	53	Melhora na grama	R. Morgado	4.º para Robie-Zangado	1 400	87" 4/5	A.M.
12-12 Expresso, A. G. Silva	2	53	Difícil, não impossível					
PONTA: EXPRESSO			DUPLA: 12 — VOLPI		"PLACE": BOREAS			

2.º PAREO

Cartagena, A. G. Silva — 360 metros em 22" 2/5 — Grama.
Fogosa, L. Rizoni — 600 metros em 36" — Grama.
Foca, D. P. Silva — 600 metros em 36" — Grama.
Otília, M. Silva — 360 metros em 21" — Grama.
Nagli, W. Andrade — 360 metros em 25" — Grama.

3.º PAREO

Antígona, L. Santos — 800 metros em 52" 1/5.
Usanga, F. G. Silva — 600 metros em 38" 2/5.
Urupema, M. Silva — 600 metros em 39".
Xêia, J. Marchant — 700 metros em 45".

4.º PAREO

Zêlo, J. Marchant — 700 metros em 44" 1/5.
Ambar, L. Rizoni — 600 metros em 37" 2/5.
Banquete, D. Moreno — 600 metros em 38".
Vizir, M. Silva — 600 metros em 36" 2/5 — Grama.
Verdun, L. Sousa — 600 metros em 39".
Fair Jealous, W. Andrade — 700 metros em 45".
Fair Jet, L. Santos — 600 metros em 39".
Guerrilheiro, J. Tinoco — 600 metros em 36" 2/5.
Saxofone, H. Cunha — 600 metros em 37" 2/5.

5.º PAREO

Açoriano, P. Fontoura — 600 metros em 39".

6.º PAREO

Conciliação, M. Silva — 700 metros em 45".
Tarma, D. Moreira — 360 metros em 22".
Passion, J. Tinoco — 600 metros em 38" — Grama.

7.º PAREO

Indômita, Lad — 600 metros em 39" — Grama.
Zarni, D. P. Silva — 600 metros em 37" 4/5.
Paddy, W. Andrade — 600 metros em 39" 1/5.
Excêntrica, L. Rizoni — 600 metros em 36" — Grama.
Gigi, P. Gomes — 360 metros em 22".
Elisabeth, P. Fontoura —

8.º PAREO

Travante, F. G. Silva — 800 metros em 51".
Agrimex, I. Sousa — 600 metros em 38".
Zulu, J. Marchant — 700 metros em 45".
Dublin, A. Marçal — 600 metros em 40".
Anjou, A. Ricardo — 600 metros em 33".
Dengo, J. Marinho — 700 metros em 44" 2/5.
Luar do Sertão, J. Negrel-lo — 700 metros em 43" 2/5.

RODA ALEGRE



Benedito Marinho chegou de S. Paulo com Manuel Cavalheiro e formou-se uma roda alegre para festejar o acontecimento. O modesto Maxie é querido na Gávea. Rubens Carrapito, Adalton Santos, Ivo Garritano e Pedro Gomes divertem-se no grupo, com o Benedito à esquerda

Campanha da favorita dos 1 000 metros de amanhã: 6 vitórias em 13 corridas

Campanha de Indômita, vedeta dos 1 000 metros de amanhã, é muito boa. Em 13 apresentações, a alazã irmã paterna de Garça obteve seis vitórias, 1 segundo lugar e dois terceiros, além de dois quartos lugares.

Resumo da campanha de Indômita é o que se segue:

CAMPANHA
S. P. 22-2-59 — 1.º Prêmio Eleuterio Prado — Cr\$ 120 000,00 — 1 000.
S. P. 12-4-59 — 6.º Clássico Luis Alves — Cr\$ 120 000,00 — 1 200.
S. P. 17-5-59 — 4.º Clássico

ASSUNTOS FEMININOS

Marlene continua desafiando o tempo

"Quando Raf Vallone fala de Marlene Dietrich, parece contar uma fábula maravilhosa. E quando a famosa atriz fala no jovem ator italiano sua voz se torna mais suave, seus olhos brilham."

Assim escreveram os jornais após a chegada de Raf e de Marlene a Roma. Naturalmente, isso autorizou os boatos sobre um romance sentimental entre os dois. Mas a Vallone os ecos de um idílio com a "avó que perturba ainda os homens" não agradaram.

Dementiu enérgicamente: "Trata-se de invenções de pessoas que não sabem o que é a verdadeira amizade e recíproca admiração artística." Marlene, a estrela com 57 anos, para a qual o tempo parece não passar, freqüente, nestes dias, a magnífica casa que o ator possui nos Montes Parioli, o bairro mais elegante de Roma. "Trabalhamos juntos, Raf e eu — disse Marlene — para a versão teatral do romance O Descanso do Guerreiro, de Christiano de Rochefort. Trata-se de um trabalho difícil, em dois atos."

Raf será o protagonista; Marlene, ao que parece, um personagem secundário. O drama será representado antes no Teatro Antoinette de Paris onde Raf Vallone teve um êxito enorme durante as quinhentas representações de O Panorama Visto da Ponte, e, em seguida, num teatro italiano.

Os dois atores trabalham juntos no apartamento dos Parioli; à noite Marlene volta ao hotel. Cronistas e fotógrafos esperam horas a fio a sua saída do prédio. Assim nasceu o boato de um flerte. Não é a primeira vez que se atribuem a Vallone amores inexistentes. Há alguns tempos disseram que estava apaixonado por Brigitte Bardot. Ele desmentiu.

A mãe do ator protestou: "Raf é um marido apaixonado e afetuoso. Entre ele e Helena tudo é ainda como nos primeiros dias do casamento. Além disso, agora eles têm as suas maravilhosas crianças." Se Brigitte Bardot não conseguiu afastar Vallone da família, mais difícil ainda é admitir que o consiga uma mulher que, teoricamente, poderia ser sua mãe.

Todavia, ninguém se admira que se atribuem ainda romances sentimentais à inesquecível intérprete do Anjo Azul de há 33 anos. Em Paris, durante as suas recentes exibições no Étoile os jornalistas cuidaram de controlar as me-



Marlene Dietrich e Raf Vallone saem do hotel romano em que a célebre vovó está hospedada, para ir trabalhar em casa do ator, em Montes Parioli.

das da vovó comparando-as com aquelas de há mais de 30 anos. Elas são mais ou menos as mesmas. Até há um mês Marlene ganhou em Paris um milhão e meio de francos por noite. A um empresário de Milão que a convidou para representar no seu teatro, pediu dois milhões.

A história desta mulher é rica de fascínio e aventuras como uma lenda. Chamava-se ainda Maria Madalena Von Losch, quando seu pai, oficial prussiano, morreu chefiando um esquadrão da morte, na frente russa. Marlene, então, tomou o nome da mãe, Dietrich, e dedicou-se à vida artística. Considerava-se uma boa violinista mas um dia caiu, quebrou o pulso e não pôde tocar mais. Dedicou-se ao teatro após ter freqüentado a Academia

de Max Reinhardt. Em seguida, ao cinema. No mundo do cinema encontrou o primeiro marido, o diretor Rudolph Sieber que se tornou também seu procurador.

Isto aconteceu há 35 anos. Hoje Sieber, que é um homem sábio e calmo, vive numa fazenda não longe de Hollywood, cria galinhas e vende ovos. De certa maneira, ele e Marlene se querem ainda, embora vivendo separados. Sieber não tem mais ciúmes dela, como no passado. "Marlene é uma esposa fiel", declara. Não obstante sabe que nesses 35 anos ela teve muitos amores; homens como Von Sternberg, Willy Forst, Douglas Fairbanks, Remarque, Michael Wilding, Yul Brynner passaram por sua vida, deixando-a sempre decepcionada. Após cada tempestuo-

Rosita



sa aventura sentimental ela procurava o velho fiel Rudolph, o homem que nunca a decepcionou, para pedir-lhe afeto, consólio e compreensão.

Sieber nunca quis o divórcio. Pelo contrário, toda vez que Marlene se achou em dificuldades financeiras ajudou-a a superar a crise. Ainda hoje é o administrador da esposa e Marlene tem confiança somente nele.

Quando as primeiras películas alemãs de Marlene chegaram à América, a bela atriz foi convidada a Hollywood onde estreou com Gary Cooper em Marocco. Gary Cooper, como Sieber, tem hoje o rosto cansado, os olhos sepultados num mar de rugas. Não tem netinhos mas poderia arcar, no cinema, com papéis de avô. Marlene, não. Possui ainda uma atração juvenil que chama a atenção dos homens, até mesmo jovens.

Não faz regimes particulares, come batatas e chocolates, indiferentemente, dedica à maquiagem não mais de 7 minutos, lava o rosto com água e sabão, não usa cremes, não faz massagens. "Minha mãe — declara — ensinou-me a ser muito severa comigo mesma. Quando fiquei órfã e não tínhamos o que comer, ela me disse que não devia queixar-me, nem manifestar meus sentimentos nem minhas fraquezas." Quando não há nada para comer, deve dizer-se ao estômago: hoje não se come. É inútil resmungar. Marlene teve sempre uma invulgar força de vontade. Diz que as tentações às quais as moças não sabem resistir, são a causa principal da velhice precoce.

A verdadeira felicidade, na sua opinião, consiste em ter um caráter forte e em não desanimar. Ela nunca desanima. Há dois anos Marlene tem uma curiosa incumbência na tv americana: responder às perguntas de duas mil moças que cada semana lhe expõem seus

problemas. Suas respostas são sinceras, às vezes bruscas, porém sempre ajuizadas e afetuosas.

Marlene é jovem porque, como diz ela mesma, "vive para o presente". É uma vovó-môça que não gosta mais das películas que interpretou no passado e que a tornaram célebre. Aprecia a música de Elvis Presley e odeia muitos trechos e pormenores do Anjo Azul. Quando, recentemente, no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, resolveram organizar um festival das suas películas, convidada para a escolha não quis que se representasse nem uma só fita completa.

"Por que querem aborrecer assim os jovens? Nem mesmo eu compreendo essas películas. E menos ainda as compreenderiam eles." Escolheu somente trechos e quis ela mesma explicá-los aos jovens espectadores. No fim do espetáculo declarou que rejuvenescera.

Sómente quando os projetos cedem lugar às lembranças, chega a hora de retirar-se. Mas para Marlene, por enquanto, os projetos superam, pelo número e a intensidade, as recordações.

Talvez este seja o segredo da sua juventude perene.

NOVO PENTEADO



A atriz francesa Nicole Courcel apresenta um novo e curioso penteado que, por sinal, está sendo muito divulgado na França.

CINTURA UM POUCO BAIXA



Bem esportivo, este modelo, da coleção Primavera-Verão 1960, de Guy Lussac, em retim de nylon, todo abotoado na parte da frente. Mangas-quimono, saia em pregas, cintura um pouco baixa. André Bercher utilizou um tecido de lã listrado na confecção deste modelo para sua coleção de Primavera-Verão 1960. Gola redonda, mangas três-quartos e cintura também um pouco baixa.

VIRGÍNIA

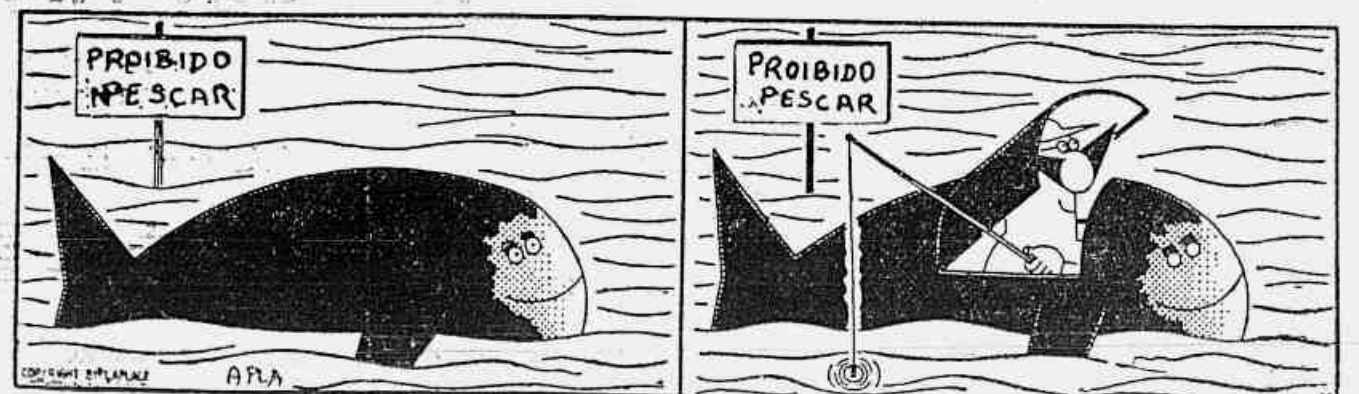
AL-CAPP e BOB LUBBERS



LAR DE VALDEMAR



DR. FOCA



CINEMA

MOVIMENTO

PARIS, 3 (ANSA) — Sofia Loren divulgou os seus imediatos projetos cinematográficos.

A atriz italiana, que aperfeiçoou profundamente o seu francês, tem em programa, entre outros, um filme sob a direção de Henri Georges Clouzot.

Antes de interpretar o seu primeiro filme francês, Sofia Loren filmará La Ciociara, com Vittorio De Sica, extraído do romance de Moravia, e em seguida irá a Hollywood, a fim de interpretar outro filme.

I DELFINI DE FRANCESCO MASELLI

ROMA, março (ANSA) — I Delfini é o novo título do filme de Francesco Maselli, Provincia Amara.

A película, que será produzida por Franco Cristaldi para o Lux-Vides, narra a história de um grupo de jovens da boa burguesia de província e das suas tentativas de evadirem-se do mundo fechado onde vivem.

I Delfini será iniciado nos interiores de Cinecittà.

ROBERT ALDRICH: PRODUTOR E DIRETOR

NOVA IORQUE, março (ANSA) — Robert Aldrich produzirá e dirigirá o filme Now we know, extraído de uma breve novela do John O'Hara, que terá como protagonista feminina Katherine Hepburn.

O cenário está aos cuidados de Halst Eud Welles.

FRANCO ROSSI EM 100 PARA ODISEIA NUA

ROMA, março (ANSA) — O Diretor Franco Rossi deixou Roma, rumando para Hollywood, onde efetuará numerosas provas para a escolha da atriz à qual será dado o principal papel do filme Odiseia Nua.

Enrico Maria Salerno será, com toda a probabilidade, o intérprete masculino.

Em seguida, Rossi se dirigirá a Honolulu e Taí, em companhia do produtor Goffredo Colonna e do cenarista Ottavio Alessi, a fim de escolher os exteriores.

EM POLICIAL DE AGATHA CHRISTIE NA TELA

PARIS, março (ANSA) — Um outro romance policial de Agatha Christie será levado à tela e uma das partes principais será, com toda certeza, confiada a Miti Gaynor.

O filme, extraído do livro The spider's web (A Teia de Aranha), será rodado em Elstree pelos irmãos Danziger.

FILMES SOBRE A VIDA DE CHURCHILL

LONDRES, março (ANSA) — A projeção da série de filmes pela televisão sobre a vida de Churchill durará seis anos: será iniciada em 1961 e concluída em 1967.

Foi o que anunciou o produtor Jack L. Veen, o qual comprou da própria Churchill o material usado para a realização dos filmes.

A série enquadrará o período da Primeira Guerra Mundial até nossos dias e se compõe de 235 filmes.

As transmissões não poderão ter início neste ano, como se esperava, devido às dificuldades da ordem técnica.

EM FILME QUE CUSTARÁ TRÊS MILHÕES DE DÓLARES

NOVA IORQUE, março (ANSA) — Rock Hudson, Kirk Douglas e Sandra Dee serão os intérpretes do filme Quando a Poetisa Falou, cujo

filmagem terá início no México no princípio deste mês.

A película custará, mais ou menos, três milhões de dólares.

Sandra Dee está concluindo a filmagem de Romanoff e Julieta, no qual faz o papel da heroína, no lado de John Gavin.

ATORES FRANCÊSES PARA VISCONTI

PARIS, março (ANSA) — Annie Girardot e Roger Hanin interpretarão em Milão, no lado de Alain Daffa, Roque e os Seus Irmãos, o novo filme de Luchino Visconti.

DE LAURENTIS E MONICELLI NA AMÉRICA

ROMA, março (ANSA) — Deixaram o Aeroporto de Ciampino, com destino aos Estados Unidos, o produtor Dino De Laurentis e o diretor Mario Monicelli.

Além de autores do único filme italiano candidato ao Oscar deste ano, eles foram a Hollywood e Nova Iorque para acordos referentes ao programa produtivo, anunciado dias atrás por Dino De Laurentis.

O produtor italiano escolherá, no decorrer de sua viagem, o diretor e os atores dos filmes Barabara e Os Dois Corações, enquanto que o diretor Mario Monicelli entrará em contato para o filme sobre os indianos da América, também este uma produção do Dino De Laurentis Cinematográfica.

COMITÊ DES 52 PARA FILMES FRANCÊSES

PARIS, março (ANSA) — Os filmes franceses destinados a serem apresentados nos maiores festivais internacionais serão escolhidos por um Comitê des 52, designado pela Gazette Officielle.

Figuram entre outros: René Clair, Marcel Carné, Jean Renoir, Jean Cocteau, Louis Malle e Georges Henri Clouzot.

SALA DE PROJEÇÃO PARA FILMES DE CURTA METRAGEM

FLORENÇA, março (ANSA) — Uma pequena sala cinematográfica de Florença, a Progressifilm, de propriedade de uma firma florentina, será utilizada como sala de projeção para filmes de curta metragem.

Serão instituídas curtas especiais para seis projeções.

As curtas metragens se baseiam em diversas matérias, como: escultura, pintura, ciências, música, esporte, arquitetura etc.

O programa estabelece duas reservas às projeções de películas com dobragem para o italiano, inglês, francês e outros idiomas.

NOVO FILME DE LEOPOLDO SAI'ON

ROMA, março (ANSA) — O cineasta Leopoldo Sai'oni e o diretor de produção Antônio Grieco partiram rumo à Iugoslávia e Grécia, a fim de escolherem as lugares onde serão rodados os exteriores do filme O Triunfador da Olimpíada.

A fita, realizada por Franco Caruso, será filmada em técnico e technirama.

O início dos trabalhos está previsto para a segunda quinzena de maio.

PELICULA SOBRE AS FOSSAS ARDEATINE

ROMA, março (ANSA) — O produtor de documentários Benedetto Benedetti noticiou sua intenção de realizar um filme sobre as Fossas Ardeatine, dirigido por Michele Gandini.

A fita será uma evocação do massacre de judeus da parte dos nazistas no ano de 1944.

A película será rodada em cores para tela panorâmica.

Gerald Queiroz

CARTAZ TEATRAL

No Teatro Ginástico

HOJE ÀS 20 E 22h30m

"ROMANOFF e JULIETA"

de Peter Ustinov

A COMEDIA DO ANO

Bilhetes à venda — Reservas: 42-4521 (P)

TEATRO DE BOLSO

Telefone 27-3122

8 meses de sucesso — 320 Representações

8 últimos dias de

"Infidelidades em Petit-Comité"

Comédia de Aurimur Rocha

HOJE, ÀS 16.15, ÀS 20.30 E ÀS 22.15 HORAS. As 5.ªs, sábados e domingos, vespertais às 16.15 horas. A preços reduzidos DIA 25: Estreia de "ESQUINA PERIGOSA", de Priestley (P)

TEL. 57-9789

fredy tudo é vinícius

ZOÉ MAGNO e BALLET

HOJE E TODAS AS NOITES

TEATRO DE ARENA

(DE SÃO PAULO)

SÓ 8 DIAS PARA VER

"CHAPETUBA F. C."

de Oduvaldo Vianna Filho

HOJE, ÀS 20 E ÀS 22.30 HORAS

Dia 23: — Estreia de "Revolução na América do Sul" (P)

Teatro MESBLA O STUDIO A

SOCIETY EM BABY-DOLL

De HENRIQUE PONGETTI

IMPRETERIVELMENTE SO ATE AMANHÃ

2 ÚLTIMOS DIAS

HOJE, ÀS 20 E ÀS 22.15 HORAS — AMANHÃ, último dia, vespertal, extra às 16 horas, e à noite, às 21 horas. Reservas pelo tel. 22-7622 — Ar refrigerada (P)



6 MESES EM CARTAZ

Batendo todos os records em São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Curitiba e agora no Rio!

José Vasconcelos

em

"EU SOU O ESPETACULO"

HOJE, ÀS 16 E ÀS 21 HORAS

TEATRO RIVAL — Bilhetes à venda

Boates

ARPEGE — Rua Gustavo Sampaio, 740 — Telefone 57-4024 — Teatro revista — Apresentação de Carlos Machado.

ALFAMA — Praia de Botafogo, 340 — Bar-Danceteria. Atração: Booker Pittman e orquestra.

AT BOM GOURMET — Avenida Mendonça, 3 — Copacabana, 292 — Música: 27-7357 — Cantor: Tulinho.

BOATE 13 — Bar-Restaurante — Rua Francisco Sá, 12 — Atração: Computos Os Modernists — Cantor: Lena Luzzi.

BACCARAT — Rua Duvidier, 37-B — Música e Drink — Plano de Chuca-Chuca e Gigi no acordeão.

BLACK HORSE TAVERN — Av. N. S. de Copacabana — Posto 21.

ANGUERO — Rua Fernando Mendes, 3 — Arriço: Lígia Drummond.

CHUROS — Rua Duvidier — Posto 2 — Música e Danças.

COPACABANA PALACE-MEIA-NOITE — Tel. 57-1815 — Música e Danças.

DANCE — Rua Carvalho de Mendonça, 13-B — Música e Danças.

DRINK — Av. Princesa Isabel, 13 — Tel. 57-7043 — Cantor: Djalma Ferreira.

FAPA LEMOS — Rua Rodolfo Donatas, 91-B — Bar-Danceteria — Com Fapa Lemos e seu violão mágico.

FRED'S — Tel. 57-9739 — Atração: Show de Art. Barroso.

HAWAI — Avenida Atlântica, 977-B — Restaurante e Música em High-Fidelity — Consumo mínimo de 10 horas.

HI-PI — Bar-Restaurante — Av. Princesa Isabel, 13-B — Música e Danças.

JIRAU — Bar-Danceteria — Rua Rodolfo Donatas, 90-Atração: Joe Joe Veiga.

LITTLE CLUB — Rua Carvalho de Mendonça, 29 — Música e Danças.

KATYOMBE — Na Galeria — Atração: Jean Pierre.

ALASKA, Copacabana — Música e Danças.

LITTLE CLUB — Rua Duvidier, 37 — Tel. 57-6064 — Música e Danças.

MA GRIFE — Tel. 57-7671 — Rua Duvidier, 37 — Música e Danças.

MAXIM'S — Bar — Av. Atlântica, 302-B — Música e Danças.

MICHEL'S BAR — Posto 21 — Música e Danças.

NAZARE — Av. Otaviano Cruz, 61-B — Música e Danças.

NOVA IORQUE — Bar — Av. Atlântica, 302-B — Música e Danças.

NOVA IORQUE — Bar — Av. Atlântica, 302-B — Música e Danças.

NOVA IORQUE — Bar — Av. Atlântica, 302-B — Música e Danças.

NOVA IORQUE — Bar — Av. Atlântica, 302-B — Música e Danças.

NOVA IORQUE — Bar — Av. Atlântica, 302-B — Música e Danças.

NOVA IORQUE — Bar — Av. Atlântica, 302-B — Música e Danças.

NOVA IORQUE — Bar — Av. Atlântica, 302-B — Música e Danças.

NOVA IORQUE — Bar — Av. Atlântica, 302-B — Música e Danças.

TEATRO

TENACIDADE

Vimos acompanhando com viva simpatia, de longa data, a trajetória de um dos nossos grandes artistas, André Villon, para conseguirmos um teatro onde possam continuar a temporada de sua obra, que já vai ao 21.º ano, com a peça de Henrique Pongetti Society em Baby-Doll, e que mantém no cartaz, em pleno sucesso.

Obtivemos os festejados artistas-empresários que Sérgio Cardoso lhes concedesse mais alguns dias de permanência no teatro, atenuando, isso sim, sua programação, que ficou marcada para o dia 21. Todavia, o público continua a afuir em multidões ao teatro, quase forçando o elenco a prosseguir com as representações da obra de Pongetti.

Dai a corrida dos empresários do Estúdio A, buscando por toda parte um palco para sua Companhia. E preciso aproveitar a oportunidade, atender a sorte, satisfazer o público e, também, a prosperidade da empresa.

Várias portas têm sido forçadas, sem, contudo, lograrem os dois temidos artistas abrir uma sala. E os revêres, as desilusões não os abatem, ao contrário, parece que com mais força os impulsiona a luta, para a conquista da honesta objetividade.

Continuam pelejando, pois.

Agora voltam-se para o Teatro São Jorge, no Rio do Cateiro, arredando no ator-empresário Jeca Valadão, que, por seu turno, o cedeu por prazo longo ao Teatro do Rio, grupo de jovens idealistas, que fazem teatro pelo amor ao teatro, já tendo apresentado notáveis espetáculos. Neste momento, o conjunto encontra-se em S. Paulo, realizando curta temporada, tendo em cartaz A Ratoeira, de Agostinho Christie, que aqui alcançou real sucesso. Os esforços do Estúdio A se desdobram em torno do S. Jorge. Jeca Valadão e o Teatro do Rio já foram procurados, consul-

todos, apertados. Nenhuma decisão, no entanto, foi tomada, pelo menos conhecida até este instante.

E os dias correm, registrando grandes recuadas na bilheteria do Estúdio A, e marcando, também, a aproximação do fim da carreira do grupo no Mesbla, onde ainda se encontram, porque encontraram em Sérgio Cardoso um colega camarado, dos mais compreensivos.

Não perderam ainda a esperança os infatigáveis senhores do Estúdio A. Bem sabem que o trabalho de Pongetti ainda lhes pode render mais. Dotados de experiência de palco, de apuro, se não, souberem escolher para a inauguração das atividades do conjunto peça de tão alto nível artístico.

Society em Baby-Doll, segundo diz o nosso prezado contrade R. Magalhães Júnior, foi escrita com o nome de Tragédia Sem Lágrimas, para uma Companhia que surgiu no Teatro Ginástico, e da qual era primeira figura a atriz Alma Flor, atualmente em Portugal. Não foi, todavia, a coisa, por isso que a Companhia freou, cerrando as portas ao teatro.

Caridade pelo autor durante muito tempo, foi no ano passado lançada em S. Paulo, registrando durante sua permanência no cartaz, a elevada cifra de Cr\$ 249.000. Aqui, vivida pelo elenco de André Villon e Gila Costa, se impôs à simpatia do público. Simultaneamente, em Lisboa, foi apresentada pela nossa patricinha Maria Dela Costa e seus companheiros, com a denominação de A Sociedade em Canis, sendo calorosamente festejada.

Excelente sátira à sociedade, será aplaudida sempre, em qualquer platéia.

Oxalá consiga o Estúdio A vencer esta dificuldade, encontrando, afinal, o palco para o prosseguimento de seu trabalho.

Cinemas

A UM PASSO DA ETERNIDADE — São Luiz, Rex, Presidente Leblon, Santa Alita e Colben. Representação Americana. Drama de Guerra. Direção de Fred Zinnemann. Com Budt Lanchester, Montgomery Clift, Deborah Kerr, Frank Sinatra e Donna Reed. Imp. até 18 anos. Horário: 14 h — 16 h 30 m — 18 h — 21 h 30 m.

A FLOQUE NÃO MORREU — Metro Passeio, Metro Copacabana, Metro Tijuca, Pax, Rikamar, Palácio Higienópolis, Brasília e São Bento. Produção Americana em cores. Aventura e Romance nas Selvas. Direção de Mel Ferrer. Com Audrey Hepburn e Anthony Perkins. Livre. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

AMANTES EM FERIAS — Palácio Rex, e Central (Niterói). Produção Americana, em cores. Musical. Direção de Henry Levin. Com Clifton Webb, Jane Wyman, Jill St. John, Carol Lynley, Paul Henreid, Gary Crosby, Nico Milandros e José Greco. Livre. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

ASCENSOR PARA O CABA-FALSO — Pathe, Caruso, Para Todos, Mauá e Grill. Produção Francesa. Drama. Com Jeanne Moreau e Maurice Ronet. Imp. até 18 anos. Horário: 12 h — 13 h 40 m — 15 h 20 m — 17 h e 21 h 40 m. Choro: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

A MÚSICA — Odeon, São José, Copacabana, Miramar, Politeama, Madri, Monte Castelo, Mica Baita e Odeon (Niterói). Produção Americana em cores. Drama de Horror. Direção de Terence Fisher. Com Christopher Lee e Yvonne Furneaux. Imp. até 18 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

A ESPERANÇA MORRE CONOSCO — Ipanema e Ideal — Produção Americana. Representação Americana. Com Ethel Barrymore, Cecil Kellaway e Carolyn Jones. Livre. Horário: 13 h 30 m — 16 h 45 m e 20 h.

MAI LACIA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.

MATEMÁTICA O AMOR 10 — Fôrtica (Copacabana), Produção Nacional em Ultracolor. Direção de Carlos Hugo Cristóbal. Com Suzanne, Gilda e Alberto Ruzich. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h. Livre.

HEROES O GRANDE — Vitória. Produção Americana, em cores. Direção de Arnold Gordon. Com Edmund Purdon e Sylvia Lopez. Imp. até 10 anos. Horário: 14 h — 16 h — 18 h — 20 h e 22 h.</

DOR
para trabalhar na Es-
tado, 730, galpões
apresentar quem
Tratar com o Sr.

MÓVEIS
E:
ROS
ORES
ORES
documentos, na Av.
(P)

COS
um impressor para má-
margem para má-
Lopes de Almeida, 15.
das 7 às 10 horas.

ca de um bom
Contabilidade
e, oferecemos boa re-

competentes e experi-
instrução e empregos
nária deste Jornal.

G A S

MECÂNICO
LANTERNEIRO
Federal, Rua Carlos

Comércio
casado, conhe-
cino nos vários se-
cargo de responsa-
reiro — Chefe de
— de Contêres de
— Cobranças — Crê-
portaria deste Jornal.

REFRIGERAÇÃO
ICA

ISTA
tenha no mínimo 5
caminhões pesados,
ate de Carvalho, 730,
se apresentar quem

E-OBRA
em Brasília e no Rio,
umara, ao lado do n. 186,

UICO
manutenção com conhe-
soida elétrica e oxigê-
nio mais, dependendo da
Carbonic Industries S/A.
Acari — Distrito Federal.

Carros pesados
o-pintor
Filomena Nunes

ROUGHS
ra máquina modelo
contáveis. Bom sa-
8 413, na portaria

R I.B.M.

il necessita de operador
no equipamento Stan-
integral. Salário a com-

funcionários têm conheci-
do detalhes, para 71 336,

DADE
 TORES LTDA., EDI-
 TA" — BRASIL, SUA
 O, tradicional veículo
 tração nos meios ins-
 e o Brasil e Exterior,
 agentes locais e via-
 um prática de vendas,
 porte pago e pré-
 ulat-se a Filial-Rio:
 R." andar, s. 905-5-7
 iz: Rua Barão de Ita-
 Paulo, para inscrição,

OS SERÃO SUBME-
ONHECIMENTOS,
O INICIAL, DE
CAPACIDADE
ADA.

[illegible]

APARTAMENTO DE LUXO — Aluga-se com 2 quartos, sala e dependências de empregada, 2 banheiros, na 7ª Conde de Bonfim, 59.

ALUGA-SE um bom quarto mobiliado, com um sem refeições, 2 banheiros, 2 varas, 2 varais, valhetos ou rapazes que trabalhem fora. Tratar a Rua Araruaçu, 11, largo da Segunda Feira.

ALUGO — 1.º. Locação, 600, 600, em edifício 5 pilotas, de 4 e 5 andares, 2 de 1.º, 1 de 2.º e 2 de 3.º, cor. etc. Aluguel 14 mil, 1.º e 2.º qts. sep. dep. 300. Tratar na local. dir. Info. 38-8507.

ALUGA-SE ap. 2 qts., 1 sala, banheiro em cor, pendências e dependências de empregada. Tratar, Tel. 48-4997.

ALUGA-SE espaço quarto, podendo cozinhar, a Rua Aristides, 15, 1.º andar, de 1.º andar.

ALUGA-SE apartamento 110 da Rua Chichorro, 29, sala, 2 quartos, cozinha, banheiro completo, aceza dependências de empregada, 2 banheiros, 2 varas, 2 varais.

ALUGA-SE apartamento térreo com sala, quarto, cozinha, privada, 2.º e último quintal; a R. N. de 1.º andar, 2.º andar, 3.º andar, 4.º andar, 5.º andar, 6.º andar, 7.º andar, 8.º andar, 9.º andar, 10.º andar, 11.º andar, 12.º andar, 13.º andar, 14.º andar, 15.º andar, 16.º andar, 17.º andar, 18.º andar, 19.º andar, 20.º andar, 21.º andar, 22.º andar, 23.º andar, 24.º andar, 25.º andar, 26.º andar, 27.º andar, 28.º andar, 29.º andar, 30.º andar, 31.º andar, 32.º andar, 33.º andar, 34.º andar, 35.º andar, 36.º andar, 37.º andar, 38.º andar, 39.º andar, 40.º andar, 41.º andar, 42.º andar, 43.º andar, 44.º andar, 45.º andar, 46.º andar, 47.º andar, 48.º andar, 49.º andar, 50.º andar, 51.º andar, 52.º andar, 53.º andar, 54.º andar, 55.º andar, 56.º andar, 57.º andar, 58.º andar, 59.º andar, 60.º andar, 61.º andar, 62.º andar, 63.º andar, 64.º andar, 65.º andar, 66.º andar, 67.º andar, 68.º andar, 69.º andar, 70.º andar, 71.º andar, 72.º andar, 73.º andar, 74.º andar, 75.º andar, 76.º andar, 77.º andar, 78.º andar, 79.º andar, 80.º andar, 81.º andar, 82.º andar, 83.º andar, 84.º andar, 85.º andar, 86.º andar, 87.º andar, 88.º andar, 89.º andar, 90.º andar, 91.º andar, 92.º andar, 93.º andar, 94.º andar, 95.º andar, 96.º andar, 97.º andar, 98.º andar, 99.º andar, 100.º andar, 101.º andar, 102.º andar, 103.º andar, 104.º andar, 105.º andar, 106.º andar, 107.º andar, 108.º andar, 109.º andar, 110.º andar, 111.º andar, 112.º andar, 113.º andar, 114.º andar, 115.º andar, 116.º andar, 117.º andar, 118.º andar, 119.º andar, 120.º andar, 121.º andar, 122.º andar, 123.º andar, 124.º andar, 125.º andar, 126.º andar, 127.º andar, 128.º andar, 129.º andar, 130.º andar, 131.º andar, 132.º andar, 133.º andar, 134.º andar, 135.º andar, 136.º andar, 137.º andar, 138.º andar, 139.º andar, 140.º andar, 141.º andar, 142.º andar, 143.º andar, 144.º andar, 145.º andar, 146.º andar, 147.º andar, 148.º andar, 149.º andar, 150.º andar, 151.º andar, 152.º andar, 153.º andar, 154.º andar, 155.º andar, 156.º andar, 157.º andar, 158.º andar, 159.º andar, 160.º andar, 161.º andar, 162.º andar, 163.º andar, 164.º andar, 165.º andar, 166.º andar, 167.º andar, 168.º andar, 169.º andar, 170.º andar, 171.º andar, 172.º andar, 173.º andar, 174.º andar, 175.º andar, 176.º andar, 177.º andar, 178.º andar, 179.º andar, 180.º andar, 181.º andar, 182.º andar, 183.º andar, 184.º andar, 185.º andar, 186.º andar, 187.º andar, 188.º andar, 189.º andar, 190.º andar, 191.º andar, 192.º andar, 193.º andar, 194.º andar, 195.º andar, 196.º andar, 197.º andar, 198.º andar, 199.º andar, 200.º andar, 201.º andar, 202.º andar, 203.º andar, 204.º andar, 205.º andar, 206.º andar, 207.º andar, 208.º andar, 209.º andar, 210.º andar, 211.º andar, 212.º andar, 213.º andar, 214.º andar, 215.º andar, 216.º andar, 217.º andar, 218.º andar, 219.º andar, 220.º andar, 221.º andar, 222.º andar, 223.º andar, 224.º andar, 225.º andar, 226.º andar, 227.º andar, 228.º andar, 229.º andar, 230.º andar, 231.º andar, 232.º andar, 233.º andar, 234.º andar, 235.º andar, 236.º andar, 237.º andar, 238.º andar, 239.º andar, 240.º andar, 241.º andar, 242.º andar, 243.º andar, 244.º andar, 245.º andar, 246.º andar, 247.º andar, 248.º andar, 249.º andar, 250.º andar, 251.º andar, 252.º andar, 253.º andar, 254.º andar, 255.º andar, 256.º andar, 257.º andar, 258.º andar, 259.º andar, 260.º andar, 261.º andar, 262.º andar, 263.º andar, 264.º andar, 265.º andar, 266.º andar, 267.º andar, 268.º andar, 269.º andar, 270.º andar, 271.º andar, 272.º andar, 273.º andar, 274.º andar, 275.º andar, 276.º andar, 277.º andar, 278.º andar, 279.º andar, 280.º andar, 281.º andar, 282.º andar, 283.º andar, 284.º andar, 285.º andar, 286.º andar, 287.º andar, 288.º andar, 289.º andar, 290.º andar, 291.º andar, 292.º andar, 293.º andar, 294.º andar, 295.º andar, 296.º andar, 297.º andar, 298.º andar, 299.º andar, 300.º andar, 301.º andar, 302.º andar, 303.º andar, 304.º andar, 305.º andar, 306.º andar, 307.º andar, 308.º andar, 309.º andar, 310.º andar, 311.º andar, 312.º andar, 313.º andar, 314.º andar, 315.º andar, 316.º andar, 317.º andar, 318.º andar, 319.º andar, 320.º andar, 321.º andar, 322.º andar, 323.º andar, 324.º andar, 325.º andar, 326.º andar, 327.º andar, 328.º andar, 329.º andar, 330.º andar, 331.º andar, 332.º andar, 333.º andar, 334.º andar, 335.º andar, 336.º andar, 337.º andar, 338.º andar, 339.º andar, 340.º andar, 341.º andar, 342.º andar, 343.º andar, 344.º andar, 345.º andar, 346.º andar, 347.º andar, 348.º andar, 349.º andar, 350.º andar, 351.º andar, 352.º andar, 353.º andar, 354.º andar, 355.º andar, 356.º andar, 357.º andar, 358.º andar, 359.º andar, 360.º andar, 361.º andar, 362.º andar, 363.º andar, 364.º andar, 365.º andar, 366.º andar, 367.º andar, 368.º andar, 369.º andar, 370.º andar, 371.º andar, 372.º andar, 373.º andar, 374.º andar, 375.º andar, 376.º andar, 377.º andar, 378.º andar, 379.º andar, 380.º andar, 381.º andar, 382.º andar, 383.º andar, 384.º andar, 385.º andar, 386.º andar, 387.º andar, 388.º andar, 389.º andar, 390.º andar, 391.º andar, 392.º andar, 393.º andar, 394.º andar, 395.º andar, 396.º andar, 397.º andar, 398.º andar, 399.º andar, 400.º andar, 401.º andar, 402.º andar, 403.º andar, 404.º andar, 405.º andar, 406.º andar, 407.º andar, 408.º andar, 409.º andar, 410.º andar, 411.º andar, 412.º andar, 413.º andar, 414.º andar, 415.º andar, 416.º andar, 417.º andar, 418.º andar, 419.º andar, 420.º andar, 421.º andar, 422.º andar, 423.º andar, 424.º andar, 425.º andar, 426.º andar, 427.º andar, 428.º andar, 429.º andar, 430.º andar, 431.º andar, 432.º andar, 433.º andar, 434.º andar, 435.º andar, 436.º andar, 437.º andar, 438.º andar, 439.º andar, 440.º andar, 441.º andar, 442.º andar, 443.º andar, 444.º andar, 445.º andar, 446.º andar, 447.º andar, 448.º andar, 449.º andar, 450.º andar, 451.º andar, 452.º andar, 453.º andar, 454.º andar, 455.º andar, 456.º andar, 457.º andar, 458.º andar, 459.º andar, 460.º andar, 461.º andar, 462.º andar, 463.º andar, 464.º andar, 465.º andar, 466.º andar,

[illegible][illegible]

Todo bom romance é um anti-romance



Sebastião de França
(Via Panair do Brasil)

1. Objetivo de "L'Ère du Soupçon"

Escrevi-o para esclarecer a mim mesma a razão por que minha forma de escrever era diferente da dos outros. Outra coisa: um escritor tem tendência a se prender a influências. Evitei isso escrevendo um livro — que também é uma posição em face das idéias em curso, tais como antipsicologismo, formalismo, realismo socialista, literatura neokafkiana. Chamei o livro L'Ère du Soupçon porque me pareceu estar vivendo um período de crise tal que uma parte de escritores se alinhava à repetição de formas tradicionais, outra procurava novos caminhos — ensaiando, tateando — como foi meu caso e de alguns outros, e isso me causou a impressão de que o romance tradicional não coincidia mais com nossos conhecimentos e que havia um grande afastamento entre aquilo que nós sabemos — aquilo que o leitor sabe — e o romance. Meu panfleto é uma defesa patente da psicologia.

Hemingway? Não gosto do romance americano, sobretudo Hemingway.

Penso que a verdade é demasiado sutil para ser traduzida sem a participação do autor. Ele nunca me interessou.

2. O isolamento

Senti-me isolada até 1956. Depois, Alain Robbe-Grillet nos agrupou e tomamos uma posição, face ao desinteresse do público pela literatura de vanguarda. Grillet, chefe do grupo? Não, não é verdade. A única coisa que me ligou ao grupo foi

a preocupação pela renovação de formas. Ademais, a característica essencial das nossas conversas foi sempre a independência. Éramos 6 ou 7.

3. A solidão

Excelente para todo o mundo — mas na medida. Em dose exagerada, ela leva muita gente a escrever maus livros.

4. Os monstros

Li os monstros de quem tanto falam. Não considero a coisa fundamental para um escritor. O que conta é uma visão pessoal — do mundo. Agora: o que nos interessa ao ler Proust, Flaubert, Joyce, Kafka, é um confronto entre a visão que eles tinham e a que nós temos. Isso evita retornos e põe em relêvo, na consciência do escritor, a importância das pesquisas. Li Kafka em 1946, por indicação de Sartre. Não me senti chocada nem impressionada.

O de que eu gosto em Proust é da desintegração de sentimentos e o estudo microscópico do universo. Já em Joyce: as coisas se desenvolvem em formas rítmicas. Gosto dessa gente, mas dum modo geral eles não me satisfazem. Questão de ter mundo próprio a exprimir.

5. O mundo próprio: tropismo

Eu me expesso, partindo de um projeto concreto: tropismo. É o desenvolvimento contínuo de uma ação, refletida através de uma série de movimentos próprios da natureza humana, em direção a qualquer coisa. Chamo a isso de movimentos profundos — quase sempre inconscientes, mas que se tra-

duzem por atividades e gestos reveladores. Para mim o tempo não existe. A intenção é revelar essas tendências. Depois, eu as organizo e as disciplino através de uma ação dramática contínua. Mais ou menos assim:

1. Tropismo = estímulo
2. Personagem = grupo de tropismos
3. História = grupo de personagens
4. Ação = Contatos em cadeia e destruição de personagens.

6. Contatos em cadeia

São movimentos contínuos, estimulados por minúsculos dramas. Quero mostrar que eles continuam, subsistem, começam outra vez — isso vai assim — ininterruptamente. Uma cena tanto pode ser última, primeira ou intermediária. É um todo sem tempo. Por isso dei ao meu livro o nome Planetarium. Um pequeno universo calafetado de valores que eram imitações de outros valores e que, talvez, sejam verdadeiros. Eles se transformam em outros pequenos universos — pôsto que eu os multiplico para que se sintam protegidos. Mas se trata de falsos planétas, se você quer — tudo é de falsa aparência. Isso significa para mim uma sorte de conflito, revelado por diálogos, lutas surdas e absurdas. Através dos contatos em cadeia os tropismos desenvolvem uma ginástica — a minha ginástica.

7. Personagens

Não tenho interesse especial por personagens. Eu os crio para encontrar seus movimentos profundos. Depois — destruo-os. Quando eu

os encontro (movimentos) é sinal de que os personagens começaram a se desintegrar.

8. O novo-romance e as descobertas no domínio da Psicanálise

As descobertas dos psicanalistas profissionais não me interessam. Eles falam de acontecimentos convencionais. Para mim os verdadeiros exploradores nesse setor, foram Proust, Flaubert, Dostoiévsky, Joyce. São, por assim dizer — os pioneiros.

9. Sartre, escrevendo o prefácio do Retrato de um Desconhecido, definiu-o como anti-romance.

Não concordei com ele. Para mim era um simples romance. Guardando as proporções, Proust foi um anti-romance em relação a Paul Bourget; Don Quixote foi anti-romance em relação aos romances de cavalaria. Mais tarde serão escritos romances que serão anti-romances dos romances que escrevemos hoje. Estou convencida de que isso será assim. O romance que procura avançar no tempo é sempre o anti-romance de qualquer outro.

10. Da gente

Para mim, há uma grande incompreensão entre as pessoas. Isso se desenvolve quanto mais forte sejam os sentimentos que as ligam. A gente é imensamente só — reinam solidão e aparência. Há uma ignorância completa daquilo que o outro sente e pensa em relação a nós e é esse exatamente o nosso estado habitual. Isso de compreensão é sempre uma coisa ilusória e que na realidade existe muito pouco em mim. Se conseguíssemos penetrar no interior de uma consciência — o que eu tento sempre fazer — ficaríamos estupefatos pela falta de coincidência entre duas pessoas.

11. Do amor

É outra espécie de relação complexa. Não se pode defini-lo com palavras. Amor talvez seja um esforço de criação. Há que contar também a base de acasos e reencontros. Talvez seja isso no fundo — a base do amor.

12. Literatura em progresso

Sim, há sempre um motivo novo para escrever.

Nathalie Sarraute

Nasceu em Ivanova — Rússia.
Diplomas: Letras e Direito.
Viveu um ano em Oxford.
Estudou Filologia em Berlim.

Escreveu

L'Ère du Soupçon -- (Critique)

Romances:

Tropismes
Portrait d'un inconnu
Martereau
Le Planetarium



S

d j b

t a b e l a

Mário de Andrade

Dia 25 de fevereiro passado, Mário de Andrade completou 15 anos de morto. Foi isso motivo de inúmeros artigos publicados na imprensa do Rio e de S. Paulo, tendo mesmo o SL de O Estado de S. Paulo dedicado o seu número de 27-2-60 integralmente ao assunto. Da leitura desses artigos depreende-se a seguinte observação: a figura de Mário de Andrade é ainda polêmica, senão agora sob o aspecto do escândalo e da novidade, mas no que se refere a um juízo preciso sobre sua obra de escritor. Wilson Martins escreve no SL de O Estado de S. Paulo: "quando os estudos sobre essa grande figura estiverem mais adiantados, poderemos compreendê-lo melhor". Antônio Bento diz no SL do Diário Carioca: "Quinze anos depois de sua morte, não se pode ainda fazer um julgamento crítico seguro da influência de Mário de Andrade sobre as gerações que lhe sucederam". Se o julgamento crítico da influência ainda não se pode fazer com precisão, quase todos os artigos que agora aparecem admitem que essa influência continua, senão óbvia, pelo menos indireta e difusa. Outro ponto comum entre alguns desses artigos é o que associa de modo inalienável a figura de Mário ao movimento modernista, a ponto de afirmar Temístocles Linhas (ESP) que "seria estulta presunção querer separar Mário de Andrade do movimento modernista". Para TL há exageros na obra de MA, "mas os exageros eram também do Modernismo, de quem não desejo separá-lo, embora ele a considerasse muito sua".

Anatol Rosenfeld, que também associa estreitamente a compreensão de MA à do Modernismo, mas levantando aí o problema da busca de uma sinceridade total, comum a todos os movimentos de índole romântica. A língua brasileira de Mário seria consequência de uma questão mais íntima que o nacionalismo: "a descoberta da própria identidade através da procura da identidade nacional". Acrescenta, adiante, AR: "Sem dúvida, essa língua não é pura e genuína e sim uma criação artificial, estilizada; sua virtude não é a transparência, mas riqueza tamanha que os próprios brasileiros, para entendê-la, precisam de dicionário especial". No entanto, diz AR, essa língua é sintoma e parte de uma crise, ela como que a precipitou e desta forma contribuiu para que essa crise fosse superada. Já, nesse mesmo suplemento, Adolfo Casais Monteiro aborda o problema da unidade da obra de MA, que, para uns, é crítico, para outros poeta, para alguns romancista etc. Vê nessas opiniões uma restrição, como se alguma lei oculta impedisse a um escritor ser a um mesmo tempo todas essas coisas. Mas a culpa disso — diz ACM — está nas próprias declarações feitas por Mário, que insistia

na utilidade de sua obra. Ou quando afirmava: "Mais eis que chego a este paradoxo: tendo deformado toda a minha obra por um antiindividualismo dirigido e voluntarioso, toda a minha obra não é mais que um hiperindividualismo implacável". ACM não aceita essa autocritica de Mário, que lhe parece antes ser a penitência do autor pela dádiva admirável que fez à literatura brasileira. E acrescenta: "Não, à literatura universal". Uma coisa, porém, é certa: pela sua obra, pela sua influência, pela sua entrega à literatura e às artes brasileiras, Mário de Andrade continua vivo e presente, como um exemplo de inconformismo e inquietação que é a chama de toda cultura realmente viva. Essa é, pelo menos, uma das lições de Mário de Andrade.

Línguas

Em entrevista publicada no SL do Diário Carioca (28-2-60), Otto Maria Carpeaux critica os divulgadores do new criticism no Brasil, primeiro, por apresentá-lo como um bloco monolítico ("Existem, sim, profundas incompatibilidades entre diversos representantes da nova crítica anglo-americana"). Diz Carpeaux que "aqueles divulgadores monolíticos podem escolher entre não posuir a necessária inteligência para perceber e explicar as divergências e, por outro lado, só querer esmagar o leitor brasileiro empregando uma erudição de empréstimo para fins de cabotinismo literário". No que se refere ao rodapé de crítica, acredita que não voltará tão cedo, mas não atribui esse fato a uma vitória dos inimigos do rodapé, "pois um dos novos continua escrevendo rodapés dos mais comuns". Atribui a raridade do rodapé aos editores que preferem o anúncio de graça nas colunas. Quanto ao interesse dos escritores brasileiros traduzidos no exterior, acha que o motivo principal desse interesse é o exotismo. "Sucesso real no estrangeiro — diz Carpeaux — tem a mistura espertamente confeccionada de exotismo, erotismo e revolta social, esta muito mal estudada. O resto deve a divulgação ao Itamarati, cujos critérios são conhecidos".

J. Realismo

No SL do Correio da Manhã (27-2-60), Edmundo Muniz estabelece um paralelo entre o romantismo do século XVIII e o surrealismo do século, apresentando um e outro como reação não apenas aos estilos literários, mas também como negação do modo de vida burguês. O romantismo teria sido um produto de burguesia, mas, também, um protesto contra ela, "uma expansão livre e espontânea de uma época que se viu traida pela razão". O movimento surrealista, deflagrado depois da Primeira Guerra Mundial, tem suas raízes no romantismo e no simbolismo (Nerval, Hoelderlin,

Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud tiveram grande influência sobre os surrealistas). Mais que uma escola literária e artística, o surrealismo é uma concepção do mundo, uma atitude em face da vida, atitude essa que procura base científica e filosófica na psicanálise e no materialismo dialético. Por isso mesmo, os surrealistas tomaram posição no movimento revolucionário comunista, tendo mais tarde se pronunciado contra a expulsão de Trotsky. A luta entre o trotskismo e o estalinismo levou os surrealistas a uma cisão interna, tendo Aragon e outros adotado o realismo socialista, que EM considera, com razão, "produto da contra-revolução estalinista". Conclui, então, EM afirmando que "o surrealismo tem como finalidade libertar o escritor do despotismo da razão. Mas não o faz como o fizeram o romantismo e o simbolismo, de forma empírica e superficial, sem a noção exata do que tinham em vista". "As grandes correntes literárias e artísticas do mundo moderno — diz EM — refletem a decadência da burguesia, porque a arte é sempre um reflexo da sociedade, mas não representam esta decadência, porque também refletem o espírito revolucionário de nosso tempo". Acrescenta-se que a limitação do surrealismo estava em que sua posição é ainda dualista, de oposição entre o subjetivo e o objetivo. Hoje, quando o surrealismo já cumpriu a sua formidável missão, os artistas descobrem os direitos de uma nova objetividade, que não se confunde com o racionalismo crítico, mas que procura integrar numa síntese os impulsos contraditórios do homem.

Populário

Conta-nos Willy Lewin (SL, Jornal do Comércio, 28-2-60) que, há muito tempo, uma revista americana promoveu um inquérito para saber quais os autores mais enfadonhos de todas as épocas, de acordo com a opinião generalizada ou popular. Um dos escritores apontados como enfadonhos foi Cervantes, e a revista concluiu que os clássicos são impopulares. WL considera tal conclusão apressada, pois na sua opinião "achar que Cervantes é cacete denunciaria, de preferência, a marca do paradoxo requintado, do esnobismo high-brow. Um leitor da tal revista, escreveu uma carta à direção, dizendo que clássico impopular lhe parecia algo contraditório em seus termos, pois os clássicos merecem esse nome precisamente porque foram e continuam a ser aceitos pela maioria dos leitores. Cita adiante WL, um trecho de Les Fleurs de Tarbes, de Jean Paulhan, onde se lê: "Já se chamou, por vezes, o século da crítica (refere-se ao século XIX). Por antifrase, sem dúvida: é o século em que todo bom crítico entende mal os escritores do seu tempo. Fontanes e Planche arrasam Lamartine; Nisard, Victor Hu-

go. E não se pode ler sem corar o que Sainte-Beuve escreve a propósito de Balzac e Baudelaire; Brunetière, sobre Stendhal e Flaubert; Lemaitre, sobre Verlaine e Mallarmé; Faguet, sobre Nerval e Zola; Lasserre, sobre Proust e Claudel". E observa: "Todos, mas todos, deixam passar em silêncio, Cros, Rimbaud, Villiers, Lautréamont". Passa WL à época atual e nos lembra que T.S. Eliot reabilita Gautier, enquanto a crítica redescobre Herman Melville, e aumenta o interesse geral pelo autor de Moby Dick. Termina assim WL: "E aqui teríamos uma lição para os defensores do engagement pôto em nível excessivamente jornalístico, segundo o qual o artista não deve apenas refletir, mas analisar, estar em consonância imediata com os anseios dos seus contemporâneos". E arremata: "Os clássicos sabiam, por instinto, o que faziam quando apelavam para a posteridade como instância suprema. Não buscavam em muitos casos, a torre de marfim, o isolamento mas, ao contrário, a finalidade, ainda artística, da comunhão, embora futura". Na verdade, só há crítica para o que está feito, e os críticos tornaram-se muito eruditos e orgulhosos demais para admitir que um simples poeta, romancista ou contista — pobres ignorantes! — proponham alguma coisa que escape às estipulações manuais...

Busoni

A propósito de Feruccio Benvenuto Busoni, escreve Moacir Padilha (SL, Jornal do Comércio): "Busoni falhou como formulador de novas idéias estéticas sobre sua arte" e considera precisa a opinião de Alfred Einstein, segundo o qual Busoni tentara "uma síntese impossível entre Bach-Mozart-Liszt e sua própria orientação". Afirma MP que as premissas teóricas de Busoni deveriam tê-lo conduzido como criador a uma posição avançada no seu tempo (1866-1924) mas, embora partindo de um núcleo de idéias de vanguarda, acabou por condicioná-las a tantos preconceitos que parou num meio caminho. "Essa incoerência — diz MP — faz com que Busoni esteja hoje entre os combatidos e aplaudidos quer como passadista quer como vanguardista. Os que examinam sua obra, criticam sua subserviência às formas do passado.

Os que lêem seus escritos, identificam-no como um dos autores intelectuais da libertação da música contemporânea dos excessos esterilizantes desse mesmo passado". Na verdade, Busoni afirmava teoricamente que o criador não deve aceitar uma lei tradicional: "E' preciso que considere seu trabalho de criação como coisa excepcional a opor a tudo o que existe". Mas, em carta de 1922, o mesmo Busoni — diz MP — advertia contra os perigos do procedimento de certos críticos que não fazem diferença entre o valor de uma peça e sua tendência: "rejeitam boas coisas porque procedem de tendência clássica e exaltam más produções, porque seriam engendradas pelo espírito moderno". Não obstante, pelo menos uma parte da pregação de Busoni influiu poderosamente sobre as novíssimas gerações, e esta parte é a que se refere — diz MP — ao material sonoro.

Correspondência

M.F. - D.F. — É o próprio Croce quem diz ser a arte uma forma de conhecimento. Se, é ainda Croce quem diz, o problema gnoseológico compreende duas formas de se atingir a verdade, pela razão e pela intuição, achamos que o artista está mais preso à segunda do que à primeira. Mas esse tipo de discussão tem um alcance prático muito limitado. Mais do que as teorias com que se defendem as obras falam elas mesmas. Seus resultados ainda estão aquém de um padrão mínimo exigível para publicação. Seu verso livre é cambaleante, as rimas interitas, pobres. As suas pretensões, pelo que nos deixa entrever este exemplo, só poderão ser atingidas se você prestar atenção constante a essas componentes formais de seu poema. Caso contrário ele fica enraquecido, desinteressante, precário.

G.P.L. - São Paulo — Raras vezes as poetisas assumem a condição de mulher quando pretendem uma poesia maior. Tentam, inutilmente, fugir dessa condição o que só lhes traz prejuízos. Procure ler os dois livros de Lídia Coelho Frota, por exemplo, para que você tenha uma noção mais exata do que nós estamos tentando dizer. Quando se lê o *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, poema que pretende o levantamento de todo o drama daquele episódio, não se pode fugir à certeza de se tratar de uma poesia tipicamente feminina, por maior vigor que possua.

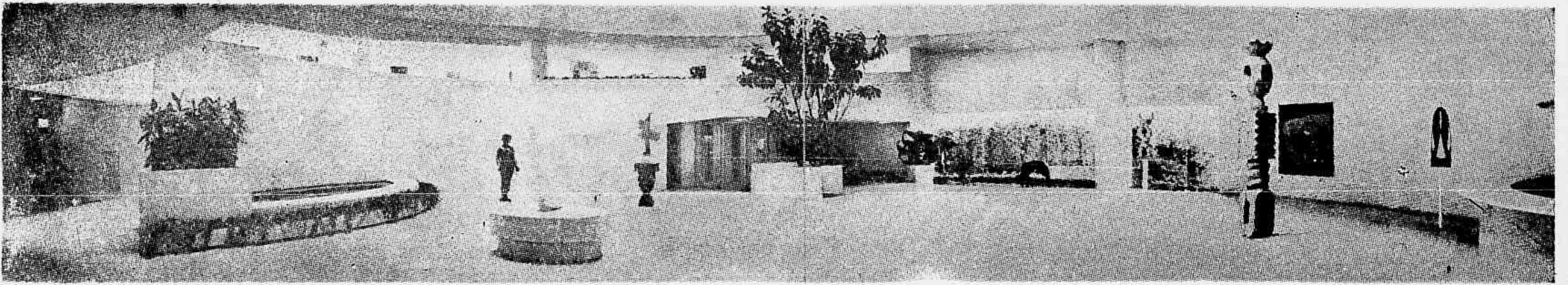
A.M. - D.F. — Você metrificou uma linguagem de prosa. Isto é o pior que lhe poderia acontecer. É mais. Além de você tentar uma linguagem seiscentista, método perfeitamente discutível para a quem deseja fazer uma poesia *virtual* e *oníspacial*, para usarmos a sua terminologia, você está tomando emprestado frases inteiras do *Tratado Descritivo do Brasil*, conforme pudemos verificar.

R.P. - D.F. — Sua poesia continua apresentando sinais evidentes de evolução, depurando-se. O último poema que você nos enviou sairá publicado neste SD, nos próximos números. Aguarde.

J.B. F. F. - Ribeirão Preto — Recebemos o seu artigo sobre Mário de Andrade com a transcrição do Klaxon. Obrigado. Quanto ao programa, nós o remeteremos para Ferreira Gullar, que dele se incumbirá.

R.C. - Niterói — Sua prosa é deficiente. Para que se enfrente um tema como o que você entendeu é necessário que se tenha, mais do que coragem, competência para fazê-lo. Evidentemente há alguns momentos razoáveis mas o todo ainda é totalmente ingênuo. Quando saímos de um conto com a impressão de termos lido um crônica, alguma coisa anda errada.

P.R.D. - Porto Alegre — Fundamentalmente estamos inteiramente acordes. Não concordamos apenas é que de uma posição política válida se faça uma arte precária, porque, por mais que se deseje uma participação, ela só poderá prejudicar a evolução do homem para o Homem. Concordamos com você com relação a Chakov, Camus, mas não com Jorge Amado; concordamos com Poe e Chaplin, mas não com Jules Dassin. Este é o perigo: de entregar ao homem uma obra de Jorge Amado como se fosse um Sartre. Mais uma coisa em que concordamos: a abstração. Fora com ela e com o stalinismo. Por enquanto ficamos apenas na carta. Os outros comentaremos depois.



Vista interior do Museu Guggenheim, última obra de Frank Lloyd Wright

Hugh Downs — Pode enumerar-nos algumas das coisas que sejam fundamentalmente invenções suas na arquitetura?

Frank Lloyd Wright — Bem, seria tedioso e além do mais muito longo; talvez longo demais para esta ocasião. Em primeiro lugar surgiu esse novo sentido do espaço, como *realidade* do edifício, e em seguida veio o aspecto desse novo sentido de espaço, que é mais ou menos o que chamei aerodinâmico. Precisamente essa palavra entrou para o idioma aproximadamente àquela época, graças a meus esforços. Depois veio o plano aberto, isto é, a construção deixava de ser uma série de caixas e caixas dentro de caixas, para tornar-se mais aberta, mais consciente do espaço, com um exterior que entrava cada vez mais enquanto o interior saía progressivamente. Isso desenvolveu-se até nascer praticamente um novo plano de construção, que se costuma chamar de *plano aberto*. Esse foi um resultado direto. Acrescenta-se naturalmente as consequências estruturais, a que nos referimos há pouco, de um edifício que tenha tenacidade em lugar de outro que não a tenha, e que poderia cair aos pedaços. Os edifícios construídos segundo este plano, servem durante trezentos anos, segundo cálculos. Bastante tempo.

Nessa distribuição estrutural apareceram muitas características novas, e talvez a mais importante delas seja o calor radiante (calor do piso), caso em que a calefação fica debaixo do assoalho, em caixas de água quente, embutidos em argamassa. Dessa forma, com um tapete grosso, tem-se um depósito de calor sob os pés. As pessoas podem estar comodamente sentadas, com os pés aquecidos, e se poderão abrir as janelas sem nenhuma preocupação. As crianças podem brincar sobre uma superfície de calor agradável. Se têm o corpo e os pés aquecidos, não se sentirão mal. Oh, creio que a janela de esquina é uma coisa que se deve mencionar ao falar das inovações, e além do mais poderemos demonstrar com ela o que se deu com muitos outros progressos arquitetônicos. A janela de esquina é resultado de uma idéia que me ocorreu nos primeiros anos de trabalho. Pensei então que a *caixa* é um símbolo fascista, e que a arquitetura da democracia e da liberdade necessitava de algo basicamente melhor que isso. Por essa razão, comecei a destruir a caixa como vivenda. Pois bem, a janela de esquina nasceu com todo o significado que se havia dado a essa eliminação da caixa. Agora a luz entrava aonde nunca havia chegado, e aumentou-se o raio visual. As cortinas substituíam as paredes, ou seja, as paredes deixavam de ser parede, e a caixa desaparecia como tal. A janela de esquina, como detalhe de construção, deu volta ao mundo, mas a intenção com que a descobri não a acompanhou. A libertação do espaço convertem-se numa janela, e não na libertação de todo um sentido da estrutura, uma mudança radical na idéia da construção.

D — Atribui-se a você a iluminação indireta.
W — Sim. Faz muito tempo que fiz as primeiras tentativas do que se denominou iluminação indireta. Calculei que se passaram já cinquenta anos, de lá até cá. Coloquei as luzes atrás das estantes, iluminei o teto pondo as luzes no piso, e depois as oculte em diversos pontos do teto, obtendo assim uma iluminação das paredes com focos dissimulados. Suponho que fiz então o que se faz agora. Não conheço nada decididamente novo nesse campo.

D — Recentemente você construiu uma nova igreja, que não se parece em nada com as que conhecemos. Pode explicar-nos a razão disso?

W — Trata-se de uma igreja Unitária. O unitarismo de meus antepassados encontrou a expressão na construção através de um de seus descendentes. Como o nome o indica, a idéia desta religião é a unidade. Os unitários creem na unidade de todas as coisas. Procurei construir um edifício que, acima de tudo, expressasse esse sentimento de unidade. Como vê a concepção é triangular. O teto tem essa conformação, e dessa triangulação (aspiração) obtém-se a expressão de reverência sem necessidade do campanário. O edifício em si mesmo, ao cobrir tudo, tudo no todo e cada parte do todo, expressa o que exprime o campanário ou a torre, mas com maior reverência, segundo creio, tanto na forma como na estrutura. Não me agradava erguer uma igreja na cidade. Tratei de levá-la para o campo, e torná-la antes um *country-club* em seus diversos aspectos, para fazê-la mais interessante e acolhedora à congregação. Por isso, persuadei as pessoas que me tinham encarregado do trabalho a distanciarmos-nos da cidade. Mas não nos distanciámos o suficiente, pois antes que tivéssemos terminado a construção, a cidade se expandiu, colocando-nos numa situação suburbana e não campestre. Agora, se se quer descentralizar, deve-se ir longe e com rapidez, já que tudo caminha

Artes plásticas

Ferreira Gullar

Frank Lloyd Wright: uma conversa II

a passos de gigante. Pode-se observar hoje em dia como a descentralização aumenta em toda parte. Observem como as fábricas se afastam para o interior. E também o comerciante, premido pelos problemas do trânsito, distancia-se da cidade. Creio que a estação de serviço foi o primeiro sinal de descentralização. Tudo isso está acontecendo, quer se queira quer não. Mas também esse processo de descentralização deve ser planejado, já que do contrário se realizaria na mesma forma desordenada como cresceram as cidades. Por exemplo, Nova Iorque não é mais que uma aldeia que se desenvolveu de modo excessivo e alucinado, do ponto-de-vista da planificação. E isso é mais ou menos o que se deu com todas as nossas grandes cidades. O que se supõe ser o crescimento da cidade, não será na verdade senão a morte dela.

D — Se você fosse encarregado de planejar a edificação de uma cidade inteira, incluindo os elementos de proteção, trabalho, diversão e comércio, de que há pouco falamos, que resultados procuraria obter?

W — Em primeiro lugar procuraria utilizar e me adaptar à situação dada, de acordo com a natureza do terreno, ao objetivo dos habitantes ou da cidade e, naturalmente, não deixaria de levar em conta o caráter da população. Noutras palavras, seria uma obra autônoma e natural. A arquitetura orgânica tem que ser natural. Uma arquitetura natural. Que se pode entender por isso? Não poderia ser quaisquer ecletismos, qualquer coisa que por motivo de gosto alguém escolheu em determinado lugar e aplicou às circunstâncias. Deve-se fazer um estudo da natureza das circunstâncias e obter assim os resultados adequados, não acha? Isso se aplicaria a uma povoação, a uma cidade ou ao planejamento de qualquer coisa.

D — Também a uma fábrica? Quero dizer... também quando se constrói uma fábrica?

W — Especialmente neste caso.

D — E quais são os fatores mais importantes na construção de uma fábrica?

W — Creio que são os valores humanos implicados nela, ou seja, a vida dos operários. Não entendo por que não será mais conveniente tornar felizes essas pessoas. Se são felizes, produzem mais. Foi o que descobrimos ao construirmos o edifício para as oficinas Johnson: o meio ambiente traz como consequência a eficiência dos empregados. Se se sentem orgulhosos do meio em que trabalham, e felizes de estar ali, e se esse meio lhes dá algum orgulho e dignidade, tudo resulta em benefício no que se refere à produção.

O pessoal da Johnson sabe disso. Essa empresa adota um sistema de participação dos empregados nos lucros, e quando eles entraram no novo edifício uma das primeiras consequências foi que passaram a tomar o seu chá no próprio local de trabalho, sem pressa de voltar para casa. Agradavam-lhes permanecer nas oficinas, chegavam cedo, admiravam-nas, passeavam por outras dependências atrativas desse meio ambiente agradável e interessante. E o resultado final foi *benéfico*. Poderíamos dizer que se trata de um bom investimento, não é exato? E não são por acaso os lucros que em nosso país decidem de todos os investimentos? Pois bem, ainda desse ponto-de-vista, um meio ambiente sadio e cômodo do qual os trabalhadores se sintam orgulhosos, dará lucros.

D — Wright, durante muitos anos a imprensa norte-americana, e mesmo seus companheiros de profissão, não foram muito amáveis com você. Quer dizer alguma coisa a respeito disso?

W — Claro, Hugh, não vejo por que teriam eles que tratar-me com amabilidade. Declarei-me contrário a tudo em que eles acreditavam, e no fim quem tinha razão era eu. Por que teriam de ser gentis comigo? Tratava-se de um problema de sobrevivência: ou eu ou eles. Você bem sabe o que ocorre em tais circunstâncias. Há sempre uma reação, e ainda agora continua a haver, embora tenha menos importância. Não obstante, o certo é que nossas realizações são mais bem apreciadas nos países europeus e no Oriente, mais que em nossa própria Pátria. Atualmente, aqui, a educação não está em boas relações com a cultura, e não temos

perspicácia para dar valor ao que nós mesmos fazemos. Sempre consideramos que a cultura vinha do exterior, e isso era certo, de modo que nossa culpa não é muito grande. Nosso povo não queria ouvir falar do que se passava aqui, entre os altos pastos de nossos campos do Oeste. Não havia emoção nisso, e até certo ponto desagradava ouvir qualquer menção a isso. Eis por que, quando nossas realizações chegaram ao Velho Continente e os europeus as trouxeram de volta, foi fácil para eles vendê-las aos norte-americanos. O que estes não quiseram aceitar de mim, compraram aqueles.

D — No curso de sua vida, grandes mudanças se verificaram no mundo, no terreno econômico, social e ideológico. Houve anos de guerra e de paz, épocas de grandes esperanças ou de perspectivas desastrosas para a humanidade. Essas mudanças influíram em seu trabalho e em seu modo de pensar?

W — Não, e é lamentável que meu trabalho não tenha podido influir nessas mudanças. Provavelmente, se o trabalho tivesse sido tomado em melhor conta, poderia eu ter influido benéficamente nessas transformações. Mas não posso dizer que elas deixaram marcas em meu trabalho. Meu ideal estava bem definido, estava muito seguro do terreno que pisava e de minha estrela. Na juventude tive ocasião de escolher entre a arrogância honesta e a humildade hipócrita. Escolhi a primeira, e nunca encontrei razões para mudar. Através de todas essas transformações seguimos a mesma linha de pensamento, e com o em que os princípios de nosso trabalho tornem-se verdadeiramente a idéia da democracia. Se esta chegar a ter algum dia uma arquitetura livre, quero dizer, se alguma vez chegar a ter liberdade, e a possuir uma cultura própria, a arquitetura será seu efeito básico e sua condição. Sim, creio que temos a verdadeira coluna vertebral de uma grande arquitetura, uma arquitetura natural para a liberdade e a democracia.

D — Entre outras coisas, Wright, você é um professor, um mestre. Em sua longa experiência, a que conclusões chegou acerca das tarefas e dos deveres do professor e dos estudantes de arquitetura?

W — Tenho que responder a essa pergunta, não é verdade? Não sou um professor. Nunca quis ensinar, e não creio que se possa ensinar uma arte. Uma ciência, sim, está certo; um negócio também; mas não se pode ensinar uma arte. O mais que se pode fazer é inculcá-la. Pode alguém ser um exemplo, pode criar uma atmosfera na qual pode a arte desenvolver-se. Mas creio que, se é assim, chamá-me-iam de professor apesar de mim mesmo. De modo que aceito que use essa palavra.

D — Cre que a arquitetura norte-americana progrediu, digamos... nos últimos anos?

W — Temo que não. Creio que se têm procurado efeitos, multiplicado efeitos, mas o *porquê* do efeito, a verdadeira causa e a chama de vida dessa arquitetura definhou. Se os estudiosos honestos tivessem dominado o princípio fundamental, ter-se-ia obtido uma infinita variedade, e ninguém teria sido levado a copiar os outros. Minha maior desilusão é sempre defrontar-me com a imitação e não com a emulação.

D — Em sua longa vida de realizações práticas e artísticas, qual considera a sua melhor obra?

W — Ora, meu amigo, a próxima, naturalmente. O próximo edifício que eu construa.

D — Muito bem, e qual será esse?

W — Não sei, mas qualquer que seja será o maior de todos os meus êxitos.

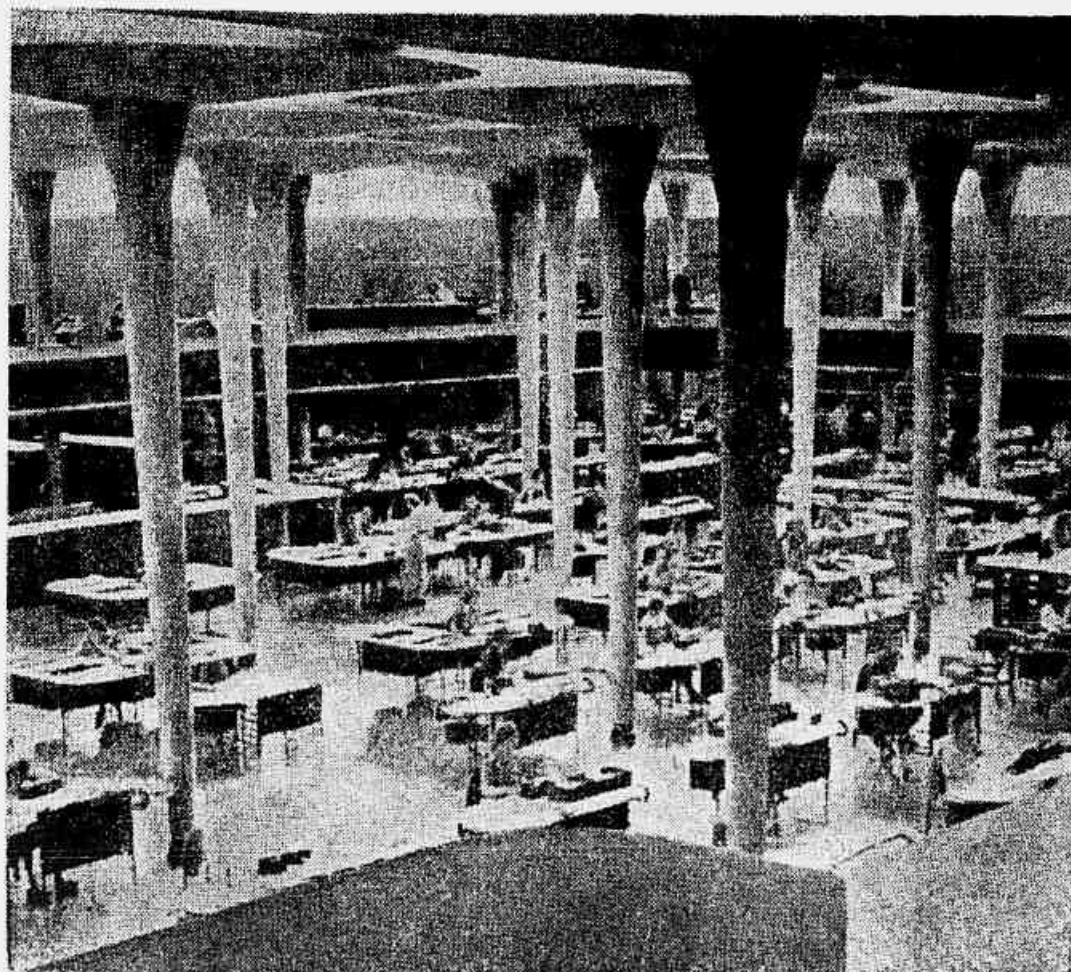
D — E qual é a maior desilusão de sua carreira?

W — Creio ter-me referido a ela há dois minutos, quando afirmei que em lugar da emulação sempre defrontei com a imitação. Imitações feitas pelos imitadores da imitação.

D — Não será esse o preço que pagou por caminhar demasiado adiante de sua época?

W — Tenho-me feito essa pergunta muitas vezes nestes últimos anos. E olhando para trás verifico que é assim: que sempre se dá com isso a que chamamos progresso. Sempre foi assim, embora em nossos dias a coisa torne-se mais evidente devido às condições comercializadas, onde cada um se encontra na absoluta liberdade de fazer o que possa, sempre que efetivamente possa fazê-lo, e saiba conseguir disso o melhor resultado. Portanto, não creio que agora seja pior do que antes, e talvez tenha que ser sempre assim.

Talvez seja essa a maneira pela qual as grandes idéias triunfam: pelo abuso. Mas trata-se de algo discutível, e não acredito que possa ser resolvido agora, nem que seja eu a pessoa indicada para



Um golpe de boa sorte

SEGUNDA PARTE

— O fundador da Flórida! — Ruby respondeu brilhantemente.

— Foi um espanhol! — Mr. Jerger arrematou excitado. — Você sabe o que ele estava procurando?

— A Flórida, suponho. — Ruby respondeu.

— Ponce de Leon estava procurando a fonte da juventude — Mr. Jerger fechou os olhos.

— Oh! — Ruby murmurou.

— Uma certa fonte — Mr. Jerger continuou — cuja água dava uma perpétua juventude para quem a bebesse. Em outras palavras, estava querendo se tornar sempre jovem.

— E ele a encontrou? — Ruby perguntou.

Mr. Jerger fez uma pausa e tinha os seus olhos ainda fechados. Depois de um minuto disse:

— Você acha que ele a encontrou? Você acha isso? Você pensa que ninguém mais teria bebido dessa água se ele a tivesse encontrado? Você acredita que haveria neste mundo uma só pessoa que não tivesse bebido dela?

— Eu não tinha pensado! — Ruby disse.

— Ninguém pensa nunca. — Mr. Jerger disse num tom de queixa.

— Preciso ir andando. — Observou Ruby.

— Mas ela foi achada. — Mr. Jerger disse.

— Onde? — Ruby perguntou.

— Eu já bebi dessa água...

— Em que lugar você a encontrou? — Ela perguntou e inclinou-se mais um pouco para ele e recebeu uma bafada tão quente como se tivesse colocado o seu nariz debaixo de um aquecedor.

— Dentro do meu coração. — Ele respondeu e deitou uma mão sobre o peito.

— Oh! — Ruby exclamou movimentando-se para trás. — Preciso ir. Penso que o meu irmão já chegou... — E atravessou a soleira da porta.

— Pergunte ao seu marido se ele sabe que grande data o dia de hoje representa. — Mr. Jerger disse, olhando para ela, recatadamente.

— Está bem. Eu perguntarei. — Ela esperou até ouvir a porta fechar-se. Depois olhou para trás para ver se a porta estava, realmente, fechada e então suspirou profundamente, quedando-se a olhar para aquele negro precipício de degraus que ainda lhe restavam para subir. "Deus onipotente!" E os degraus pareciam-lhe cada vez mais negros e imgrementes.

Depois de subir cinco sentiu que a sua respiração desaparecia novamente. Entretanto, cheia de coragem continuou subindo mais um pouco. E soprava sempre. Então, resolveu parar. Uma dorzinha qualquer surgiu-lhe no estômago.

Uma dor semelhante a alguma coisa lá dentro, puxando outra coisa. Há alguns dias atrás ela sentira esta mesma dorzinha. Tremou assustada. Havia pensado na palavra câncer, mas, horrorizada, afastou-a imediatamente do espírito.

Agora, sentindo novamente aquela mesma dor, a palavra voltou-lhe terrível à mente. Dividiu a palavra em duas, lembrando-se do que lhe dissera Madame Zolceda: isto acabará em boa sorte. Dividiu mais uma vez em duas e mais outra vez, até só restarem peças isoladas que não podiam ser reconhecidas. Ia parar agora, no próximo andar — "Deus! Se conseguisse chegar até lá!" — e falar com Laverne Watts. Laverne Watts era a moradora do terceiro andar, a secretária de um pedicuro e uma amiga muito especial de Ruby.

Ela chegou lá, agônica e sentindo como se os seus joelhos estivessem numa furiosa efervescência. Bateu na porta de Laverne com a corinha do revólver de Hartley Gilfeet. Encostou-se ao lado da porta para descansar um pouco e súbito o chão aos seus pés pareceu abrir-se em dois. Tudo escureceu e Ruby sentiu-se cambaleante, sufocada no espaço, apavorada diante daquele terrível buraco aos seus pés. Viu ainda a porta abrir-se a uma grande distância e Laverne com apenas 4 polegadas de altura, de pé.

Laverne, uma jovem alta de cabelos cor de palha, abriu-se numa gargalhada e estremeceu toda, como se, ao abrir a porta, tivesse se deparado com a representação mais cômica deste mundo.

— Este revólver! — Ela gritou — Este revólver! Esta aparência...

Laverne caminhou para trás em direção ao sofá, cambaleando de tanto rir e deixou-se cair nele, erguendo suas pernas acima dos seus quadris até rolar desamparadamente sobre o soalho com barulho.

O chão parecia aproximar-se, agora, para onde Ruby pudesse vê-lo novamente. Mas permanecia ainda um pouco abaixo, como a oscilar. Com os olhos terrivelmente fixos, ela, com todo cuidado, tentava baixar os pés no chão.

Ruby examinou a cadeira no quarto e encaminhou-se para lá, colocando seus pés, cuidadosamente, um antes do outro.

— Você devia estar num desses *shoes* do Oeste! — Laverne Watts disse. — Você é formidável.

Ruby puxou uma cadeira e sentou-se. — Cale a boca! — Disse rouca.

Laverne endireitou-se no sofá, apontou para ela e novamente caiu para trás, tremendo de rir.

— Acabe com isso! — Ruby gritou — Deixe-se de brincadeiras. Estou doente.

Laverne ergueu-se e deu dois ou três passos largos pela sala. Depois inclinou-se um pouco para Ruby, olhando-a de frente com um olho meio fechado como se estivesse a examinar alguma coisa através de um buraco de fechadura.

— Você está um tanto arroxçada! — Laverne disse.

— Estou muito doente! — Ruby respondeu veemente.

Laverne permaneceu fitando-a e depois de dois segundos, com os braços encolhidos, empinou a barriga para a frente e começou a andar de cima para baixo.

— Que raios veio você fazer aqui com este revólver? Onde o achou?

— Sente-se lá. — Ruby ordenou fracamente.

Mas Laverne permaneceu passeando com a barriga para a frente e com uma expressão maliciosa na face.

Ruby sentou-se, agora, em posição horizontal na cadeira, de tal modo que podia olhar os próprios pés. O quarto estava quieto. Depois, ajoitou-se e olhou para os tornozelos. Estavam bem inchados! "Não irei a nenhum médico". Ela começou. "Não irei a nenhum deles. Não irei".

— Quanto tempo você julga que pode suportar? — Laverne murmurou e seu nenhum motivo voltou a rir.

— Não acha os meus tornozelos inchados? — Ruby perguntou.

— Eles estão hoje como sempre me pareciam. — Respondeu Laverne lançando-se no sofá outra vez — Um tanto gordos...

Ela ergueu os seus próprios tornozelos e desceu-os outra vez, descuidadamente.

— Que é que você acha destes sapatos? — Laverne perguntou.

— Penso que eles estão inchados. —

Ruby disse — Quando eu estava subindo o último lance de escadas senti uma terrível dor que me subiu como...

— Você deve procurar um médico...

— Não preciso de nenhum médico. — Ruby murmurou. — Eu posso cuidar de mim mesma. Não tenho estado doente há tanto tempo...

— Rufus está em casa?

— Não sei. Tenho me mantido longe de médicos toda a minha vida. Mantenho-me sempre... por quê?

— Por que, o quê?

— Você perguntou se Rufus estava em casa...

— Ele é simpático. — Laverne disse.

— Penso que vou perguntar a sua opinião sobre os meus sapatos.

Ruby sentou-se novamente na cadeira com uma expressão furiosa. Seu rosto parecia cor-de-rosa, de um rosa quase roxo.

— Por que Rufus? — Ela rosnou. — Ele não passa de um garoto. — Laverne tinha trinta anos — Ele não se preocupa com sapatos de mulheres.

Laverne ergueu-se e tirou um dos sapatos dos pés. Depois olhou-o dentro.

— Nove B — disse ela — Aposto que ele gostaria de saber o que significa isto.

— Rufus não é mais do que uma criança... — Ruby disse — Ele não tem tempo de estar olhando para os seus pés. Ele ainda não compreende esta espécie de tempo.

— Oh! Mas ele tem muito tempo!

— Eu sei. — Ruby murmurou e viu o irmão novamente, esperando, demorando o tempo pela frente, em algum lugar antes de nascer, justamente esperando para fazer sua mãe tão acabada...

— Creio que os seus tornozelos estão inchados. — Laverne observou.

— É verdade — Ruby respondeu procurando torcê-los um pouco. — É. Parecem duros. Senti uma dor horrível quando subi estas escadas há pouco, uma espécie de falta de ar, uma espécie de rigidez pelo corpo, uma espécie de... terrível...

— Você deve ir a um médico.

— Não.

— Você não tem ido?

— Levaram-me uma vez quando eu tinha dez anos. — Ruby disse — Mas escapei. Três deles me seguraram mas não conseguiram nada...

— De que se tratava, então?

— Por que você estava me olhando ainda há pouco daquela maneira? — Ruby indagou.

— Que maneira?

— Daquela maneira! — Continuou Ruby — Botando a barriga para a frente, daquela maneira.

— Eu perguntei outra coisa. — Disse Laverne — Que é que você tinha naquela vez quando lhe carregaram para o médico?

— Era um furúnculo. Uma negra que encontrei na estrada certa vez disse-me o que fazer e pronto. Foi-se o furúnculo.

Ruby sentou, agora, molemente, nas bordas de uma cadeira e fitava o espaço vazio como se estivesse recordando alguns anos atrás mais felizes.

Laverne, então, começou a dançar de um modo engraçado. E agitava-se para cima e para baixo, dentro da sala. Deu dois ou três passos vagarosos numa direção com os joelhos dobrados e depois voltou. Então, começou jogando uma perna vagarosa e dolorosamente sobre a outra. Depois iniciou uma cantiga com uma voz alta e gutural, rolando os olhos dentro das órbitas.

— Pouham-nos juntos e eles chamarão MAMAE! MAMAE!

E estendeu os braços como se estivesse num palco. A boca de Ruby abriu-se mas ficou silenciosa. A sua expressão de fúria desapareceu. Durante meio segundo ela ficou estupefata. Depois, deu um salto na cadeira.

— Não eu. — Ruby bradou — Oh! Essa não. Bill Hill tem muito cuidado com isso. Bill Hill é um homem cuidadoso. Bill Hill tem evitado isso já há cinco anos. Isto não me pode acontecer.

— Pois o velho Bill enganou-se há cerca de cinco ou seis meses mais ou menos, minha amiga. — Disse Laverne — Enganou-se no duro.

— Eu não acredito que você saiba alguma coisa sobre esse assunto. Você nunca se casou.

— Tem mais uma coisa: aposto que não é só um. Aposto como são dois. —

Flannery O'Connor

Tradução de Assis Brasil

Laverne disse — É melhor você ir logo a um médico para saber direito quantos são.

— Você está enganada. — Respondeu Ruby com a voz aguda. — "Essa moça se julga tão esperta! Ela não era capaz de conhecer uma mulher quando estava doente e, quando via uma, tudo o que podia fazer era olhar para os pés e mostrar os sapatos para Rufus. Mostrar os sapatos para Rufus e ele era uma criança e ela estava com trinta e quatro anos".

— Rufus é uma criança. — Ruby choramingou.

— Isto agora, fará dois. — Laverne arrematou.

— Deixe-se de falar nestas coisas. — Ruby exclamou dando com os braços.

— Fique quietinha agora mesmo. Não vou ter nenhum bebê.

— Ha Ha — resmungou Laverne.

— Não sei como você tem coragem de julgar que sabe alguma coisa sobre este assunto. — Ruby disse — Você é solteira. Se eu fosse solteira não vivia falando com as mulheres casadas sobre seus problemas.

— Não se trata só dos seus tornozelos. — Laverne acrescentou — Você está ficando toda inchada.

— Ahhh! Não vim aqui para ser insultada! — Respondeu Ruby e caminhou cuidadosamente para a porta, procurando manter-se ereta, não olhando para o seu estômago.

— Espero que você esteja melhor, amanhã. — Disse Laverne.

— É. Espero que o meu coração esteja melhor, amanhã. — Ruby disse — Mas espero mudar-me o mais cedo possível, daqui. Não posso continuar subindo estas escadas com este coração do jeito que está. — Acrescentou com um olhar cheio de dignidade. — Rufus não vai se preocupar com os seus pés destes tamanhos.

— É melhor você guardar este revólver.

— Disse Laverne — Antes que atinja uma pessoa.

Ruby bateu a porta nas costas e, rapidamente, olhou para o seu estômago.

Ele parecia-lhe grande, realmente, mas sempre fora assim. Seu estômago nunca fora pequeno. Francamente como ela não via nada diferente do que ele sempre fora antes. Era mesmo natural quando havia ganhado um pouco mais de peso, e Bill Hill não a estranhara só por vê-la um pouco mais gorda. Ele estava justamente mais feliz e não sabia por quê. Ruby viu a feliz fisionomia de Bill Hill rindo para ela com os olhos voltados para baixo, como sempre fazia quando a sua expressão era mais feliz. Ele não poderia se enganar. Passou a mão pelo vestido e sentiu uma certa permeabilidade, mas não tinha algumas vezes sentido a mesma coisa? Ora, se tinha! Isso era da saia. Vestira uma que estava um pouco apertada. Uma que não vestia frequentemente, aliás. Tinha... Bem, na verdade não pusera nenhuma saia apertada. Vestira uma larga. Mas não tão larga assim. Bolas, que diferença fazia? Estava justamente gorda.

Botou os seus dedos à altura do estômago, correu-os um pouco de cima para baixo e levantou-os rápido. Começou então caminhando em direção das escadas, vagarosamente, como se o andar estivesse se movimentando debaixo dela. Iniciou a subida, mas a dor voltou ainda bem não pusera o pé no primeiro degrau.

— Oh, não! Não! — Lastimou-se Ruby

— "Ora, isso não é nada". Apenas uma pequena sensação de alguma coisa dentro dela bulindo-se, nada sério mas que lhe apertava a respiração na garganta.

Nada em Ruby poderia fazê-la supor que estivesse mal.

— Apenas um degraú. — Ela sussurrou. — Apenas um e isso veio...

Não podia ser câncer. Madame Zolceda disse que tudo terminaria num golpe de sorte. Ela começou chorando e dizendo: "Apenas um degraú e isso veio". E depois caminhou em tal estado de torpor como se estivesse andando normalmente no chão. No sexto degraú sentou-se subitamente, sua mão segurando fracamente no próprio chão da escada.

— Não! — Ela soluçou e inclinou o seu rosto redondo nas varetas do corrimão.

Olhou, então, o grande buraco da escada que se estendia abaixo, numa funda caverna, e soltou um gemido que se alargou e ecoou bem profundamente lá nos primeiros degraus e lhe feriram depois os ouvidos como se alguém lhe estivesse respondendo. Ela segurou-se mais forte e apertou os olhos. Não. Não. Não podia ser uma criança. Não ia ter coisa alguma esperando para fazê-la sofrer.

Não. Ela não estava. Bill Hill não se podia ter enganado. Ele havia dito que tinha certeza. Que havia tido cuidado durante todo este tempo e que não podia ser isto. Ela estremeceu e suspendeu uma mão apertando-a contra a boca. E sentiu, neste momento, que a sua face estava horrível: dois que nasceram mortos, um que morreu no primeiro ano de idade e aquele outro esmagado como se fosse uma maça seca. Não. Estava apenas com 34 anos. Estava velha! Ora, Madame Zolceda lhe dissera que com ela não aconteceria a mesma coisa.

Madame Zolceda disse que isso lhe traria um golpe de sorte. Mudar-se-ia. Ela havia dito que tudo terminaria num golpe de boa mudança.

Lutou por fazer-se a si mesma calma.

Fêz-se a si mesma, depois de um minuto, quase calma e pensou como se transtornava tão facilmente. Ora, era tudo bobagens. Madame Zolceda nunca se enganara antes. Ela sabia mais do que...

Ruby estremeceu: Uma pancada violenta partiu de baixo das escadas. Um ruído atordoante que parecia evoluir do primeiro degraú para cima, estremecendo tudo, até mesmo onde ela estava. Ruby olhou então para baixo através das varetas do corrimão e viu Hartley Gilfeet com duas pistolas apontadas e galopando para cima numa barulheira infernal. Ouviu também uma voz furiosa que vinha de cima dela e se perdia na profunda caverna abaixo da escada.

— Hei, você, Hartley! Cale essa boca!

— Você está estremecendo o prédio.

Mas ele continuou subindo e tremia tudo. Passou pelo primeiro andar numa carreira desenfreada e surgiu no corredor do segundo. Ruby viu quando a porta de Mr. Jerger abriu-se e o velhote saltar com as mãos têsas e segurar uma canis que passava velozmente pela sua porta e que rodopiou e gritou bem alto de forma que todo o prédio pudesse escutar:

— Você, velho professor cara de cabra!

E subiu ainda mais as escadas que rugiam bem embaixo de Ruby. Neste momento Ruby sentiu algo estalar dentro dela e crescer cada vez mais através da sua cabeça e era como se ela rodasse e rodasse dentro de uma profunda escuridão. Firmou-se no degraú e segurou o corrimão até que a sua respiração voltasse aos poucos. O rodopio cessou. Abriu os olhos e olhou para baixo, para aquele buraco negro, bem para baixo até os primeiros degraus de onde saíra há tanto tempo! "Boa sorte!" Ela disse numa voz surda que ecoou até as profundezas da caverna. Baby.

— Boa sorte, baby. — Os três ecos espalharam-se. Então ela recordou novamente aquela sensação um pouco estranha. Mas era como se não fosse do seu estômago. Era como se fosse de alguma parte, fora de algum lugar, descansando e esperando, com muito tempo.

“Bossa Nova” no Cinema Brasileiro

Glauber Rocha

Querendo ou não, apesar de ser impossível uma conversa sobre *geração* ou *movimento* no cinema brasileiro, existe uma *bossa nova*, aparecida com os jovens cineastas que começaram a produzir depois do curto período industrial — Vera Cruz, Multifilmes, Maristela e outras companhias que faliram espetacularmente —: Nelson Pereira dos Santos, Válder Hugo Khury, Galileu Garcia, Roberto Santos, Carlos Alberto de Sousa Barros & César Memolo e Trigueirinho Neto estão na ponta da nova consciência que se toma, formando, lentamente, um processo que vai gerar um filme capaz de resistir e realizar, internacionalmente, as exigências de cultura, indústria e estética do cinema.

A velha geração de nosso cinema pensou em termos de individualismo e não colaborou, sequer, para deixar uma fonte de tradição. Tudo que hoje se faz, principalmente nos filmes que veremos adiante, nasce do zero, ou seja, nasce da *descoberta* esporádica que cada um desses rapazes faz e realiza, arrancando os cabelos da própria pele. Chamou a crítica, e continua chamando, *cinema sério*. Diríamos mais: o cinema novo do Brasil. Basicamente, há uma identidade inegável: as condições de produção são mínimas, os filmes realizados são de baixo orçamento e a pobreza técnica não impede que eles deixem de *dizer alguma coisa*, mesmo que esta coisa esteja respondendo ainda a realidades particulares, desprovidas de uma ligação que já resistisse ao selo de *movimento*. Em nascimento, este grupo, formado exclusivamente de paulistas (apesar de Nelson Pereira dos Santos trabalhar no Rio) agora, finalmente, parece descobrir realmente o que deseja. A consciência da necessidade de uma temática nacional é outro grande ponto de união. E mesmo Válder Hugo Khury, que se opõe ao cinema regional, já se condicionou historicamente a seu País, realizando *A Garganta do Diabo*, repousado sobre um episódio da guerra paraguaia e trabalhado sobre a plástica exuberante das cataratas do Iguaçu. Enquanto *A Garganta do Diabo* passa a significar a *descoberta* do Sul, Trigueirinho Neto e Nelson Pereira dos Santos fazem a *descoberta* do Norte, com *Bahia de Todos os Santos* e *Vidas Secas*, respectivamente. E já antes, Roberto Santos revelou a zona proletária de São Paulo (*O Grande Momento*), enquanto Carlos Alberto de Sousa Barros & César Memolo exemplificaram uma comédia eminentemente nacional *Osso, Amor e Papagaios* e Galileu Garcia trazia um drama telúrico *Casa de Fogo*, para contribuir no desenvolvimento daquela paralisada e magnífica tendência da escola mineira, via Humberto Mauro.

Todos estes filmes, e ainda *Estranho Encontro*, *Rio, Quarenta Graus e Rio*, *Zona Norte*, trazem, em maior ou menor escala *bossa nova*: Nelson Pereira dos Santos quebrou o tabu da produção, saindo às ruas para fazer filmes na *rua*, enquanto Válder Hugo Khury dava um *show* de habilidades artesanais, provando a capacidade de um cineasta brasileiro para jogar com a mais complicada das técnicas de encenação e montagem, que lhe foram legadas por Orson Welles, Fritz Lang, Ingmar Bergman e outros alemães e suecos. Se por um lado NPS acrescentou uma contribuição cultural e política, VHK pagou seu tributo à estética fílmica. No melhor sentido, surgiu, pela primeira vez (excluindo-se *Limite*), um cinema de *cultura*. Todavia, *Casa de Fogo*, *O Grande Momento*, *Estranho Encontro*, *Rio, Quarenta Graus e Rio*, *Zona Norte* pecam por desequilíbrio: todos seus realizadores possuem preconceitos exagerados, mesmo nas relações individuais. A tendência política de NPS está em choque frontal com a tendência *esteticista* de VHK. Sabe-se que ambos lideram, embora não organizadamente, determinados grupos no Rio e São Paulo. No grupo acima citado, Roberto Santos e Galileu Garcia estão mais na linha de NPS, enquanto Carlos Alberto de Sousa Barros, César Memolo e agora Trigueirinho Neto se comportam no meio-térmo, no equilíbrio: pelo menos é o que se deduz de *Osso, Amor e Papagaios* e deste novo *Bahia de Todos os Santos*, que jogará, de uma vez por todas, TN no centro da fogueira.

Unidos pela igualdade de juventude (variam de 30 a 35 anos), a divergência de concepções e práticas que os separa é necessariamente positiva para a consequência de outras experiências. Na realidade, enquadrados ainda na origem da carreira criativa, nenhum deles pode oferecer o filme exato, o filme necessário para nosso cinema. Mas podemos garantir que, destes exemplos, a *bossa novíssima* que surge vai aproveitar muito mais do que eles aproveitaram do passado, a não ser Galileu Garcia de Humberto Mauro.

A grande perspectiva do cinema brasileiro poderia ser o adiantamento e o encontro da *bossa nova* e a *bossa novíssima*. No Rio, em outros Estados, surgiu também jovens voltados para o problema, quebrando a eterna monotonia de gerações literárias e plásticas. Há uma nova geração de cineastas, já iniciados em curtas-metragens, dentre os quais, podemos citar Joaquim Pedro de Andrade (*Gilberto Freire & Manuel Bandeira*), Paulo César Seraceni (*Caminhos e Cabo Frio*), Luís Paulino dos Santos (*Rampa*) e mais outros como Marcos Farias, Miguel Borges, Leon Kirschman, Carlos Perez, já com roteiros prontos, planos na cabeça, à espera, apenas, das condições de produção, que estão sendo conseguidas dia a dia.

Os planos de Trigueirinho Neto e Nelson Pereira dos Santos, neste sentido, são os mais abertos e bem intencionados possíveis: pretendem lançar jovens diretores, produzindo obras novas, abrindo caminhos para a organização de mentalidade arejada. Na intenção dos dois *bossa nova*, está um exemplo máximo de como, pela colaboração mútua, poderemos atingir condições de produção originais no Brasil, facilitando filmes e criando, ao mesmo tempo, uma gran-

de equipe uma, fora, completamente, dos males habituais de chantage que caracterizam as produções das grandes *medalhas-mitos-incapazes* dos nossos desmoralizados bastidores cinematográficos. Na realidade, algo de verde está se processando: tanto os jovens ainda não iniciados em longa-metragem respeitam este grupo, como o grupo lançado confia e acredita nas possibilidades dos moços. Quando Nelson Pereira dos Santos produziu *O Grande Momento*, lançando na praça o nome do cineasta Roberto Santos, provocava aquilo que, no dizer de Alex Viany (o único *bossa nova* dos veteranos) era o melhor filme brasileiro de um estreante. E além disto, no Sul, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Nilton Nascimento trabalha, embora modestamente, para fazer alguma coisa nos Pampas: *O Negrozinho do Pastoreio* e *O Preço da Ilusão*, são exemplos da sua luta isolada, que também precisa entrar em conexão com o trabalho do Norte e do Centro. Não será pois, de indústrias espetacularmente montadas, como a Vera Cruz, que nosso filme vai nascer. Acreditamos neste processo orgânico de produtores independentes em intercolaboração, nesta produção pequena mas contínua de filmes cada vez melhores, na consciência de precisarmos de *cinema brasileiro*, custe o que custar. A solução industrial seria o suicídio. O vício dos *donos*, que levaram a Vera Cruz para o abismo, continuaria a dominar e todas as injunções políticas de degradante espírito de promoção, (alma da cultura brasileira) ir criar diretores tipo Carlos Thiré e Fernando de Barros, acompanhados, devidamente, do macarrônico *team* italiano. Apenas Lima Barreto, Alex Viany e Jorge Ili são veteranos com perspectivas — continuam moços e seus planos correspondem às nossas necessidades. A escola que pode surgir da *mentalidade paulista* (sem por isso ser responsável o grande *pêso-pesado* que é Paulo Emilio Sales Gomes) não será nada além dos moldes *nouvelle-vague*, ou seja *elucubrações sexuais* à base de um existencialismo mal absorvido e originário de caracteres débéis e sem a mínima vivência. O intelectualismo assassino do filme nacional não passa de um complexo irremovível de virgindade: esta é a origem de *Racina*, de *Apassionata*, de *Luz Apagada* e de toda a velha escola paulista de filmes.

O cachorro que não queria morrer

Roberto Bittencourt Martins

Estava muito estradinho, todo enlaidado em aparelhos, ponteiros por aqui e por ali, eletrômetro e galvanômetros, amarrado e bem seguro, as patas abertas, com um buraco no peito onde se via, vermelho, a coração a bater. O professor anunciou solenemente: "Vamos provocar fibrilação e ele vai morrer. Olhem bem." "Não tenho essa intenção" — ele protestou. "Meus projetos são bem outros." O professor sorriu de sua ingenuidade: "Ele não sabe que os cachorros não falam" — explicou confidencialmente. E enfiou-lhe novamente uma injeção.

"Vejam o efeito desta nova dose de adrenalina" — disse. A agulha, ligada às suas artérias, levantou-se, marcando uma sucessão de traços brancos no gráfico. "Destina dessa idôia" — avisou o cachorro, ainda sem fôlego. "Eu não pretendo morrer." O professor respondeu superiormente: "Fui, sim; vai ter uma síncope agora mesmo." O cachorro encorrou-se perplexo. Soninha, na primeira fila, cantolava baixinho: "Eu gosto tanto de cachorro vagabundo que anda sozinho no mundo sem coleira e sem patrão; gosto de cachorro de sarjeta que quando escuta corneta sai atrás do batalhão." "Como?" — perguntou-lhe o professor. "A senhoria manifestou alguma dúvida?" "Estava comentando com meu colega a inquietação expressa pelo ascenso da curva de pressão. É interessante" — mentiu ela com desfofegues e empinou a busto. "É o mecanismo do seio carotidiano" — falou o professor com um sem-número de intenções na voz. Soninha cutucou o colega no lado. "Interessante essa pressão" — ela prosseguiu. O professor alçou-a. "Vá-se que não deseja continuar." "Observem a morte do animal. Seu coração vai fibrilar e bater furiosamente até morrer" — comunicou. "Dúvida" — desafiou o cachorro. Era realmente muito maliciado e não sabia tratar um cadavérico com o respeito que lhe é devido. "Cale a boca!" — ordenou-lhe este, imperioso. "Morre de uma vez!" — apostrofaram dois ou três alunos, olhando ansiosos os relógios de pulso. Precisavam sair da sala rapidamente. "De qualquer maneira você vai acabar morrendo." "Os cachorros brasileiros são assim!" — o professor justificou-se, presenciando com desilusão o bater ininterrupto. "Aqui tudo é feito à base de improviso. A gente nunca sabe o que esperar. Nada obedece às leis da matemática francesa. Tudo é im-

previsível" — sintetizou. E meteu-lhe nova injeção. O ponteiro pulou no gráfico, levado pela subida de pressão em seu meio circulante, mas o cachorro nem ligava. Dor não sentia porque estava anestesiado; pelo contrário, parecia divertir-se muito em contrariar a todos. "Tem que morrer" — falou Soninha. "Meu bonitão está me esperando na cidade." O professor observava-o atentamente. "Está na hora" — disse. "Ai vem o João Maria." "Não adianta tentar me sugestionar com esses alarques de hipnotizador" — retrucou o cachorro. "O meu futuro é diferente." "É irritante este cão!" — explodiu o professor. "É desforçado." "Corte a língua dele" — Martin aconselhou. "Assim aprenderá a não se manifestar quando não for chamado." "Boa idéia" — aprovou o professor. E veloz, com uma tesoura, cortou-lhe a língua. "Não sinto nada porque estou anestesiado com clorofórmio" — gabou-se o cachorro. "E continuo falando. Minha boca não há quem fuja calar." "Que cachorro insuportável!" — exclamou Soninha. "Meu bem, quer fazer o favor" — ela pediu. "Só essezinho." "Mais dia, menos dia, você terá de morrer" — acrescentou o ajudante. "Quer queira, quer não." "A questão é que ele não quer" — vociferou o professor. "É evidentemente mal-intencionado e voluntarioso." "Mimado quando criança" — sentenciou Nat, versado em Freud, Adler, Jung e Melanie Klein. "Deve ter mamado até tarde na cadeira da sua mãe."

O professor perdeu a paciência: "Fou dar uma dose enorme nesse cretino." Olhou-o com provocação. "Quero ver se agora morre ou não." O ponteiro subiu, mas o cachorro, fôcino estendido, nem se abalou. "Acontece que eu não quero morrer. Querer é poder" — ele desafiou, cheio de antipatia. "Cachorro pretensioso" — falou Soninha. "É detestável!" "Canta para ele que ele morre logo" — Evandro murmurou com evidente intenção de ferir. "Evandro" — respondeu Soninha. "Vocês não tem sensibilidade artística. Não tem tipo de homem estético." "Quem pra falar em estética" — Evandro arremedou com ironia. "Ora, vejamos só!" "Ora, vejamos só a mulher que eu arranjei" — cantou Soninha. "Ela me faz carinhos até demais..." "Psim!" — fez o professor. "Ele vai morrer." O cachorro piscou os olhos e deu uma gargalhada. "Não é do meu jeito esse negócio de mor-

Nunca, na verdade, o interesse dos intelectuais brasileiros pelo cinema foi positivo; o eterno elogio do Expressionismo e da *avant-garde* e o preconceito dos nossos escritores e artistas contra os cineastas chegaram a tal ponto que, diante do crime *Orfeu* e do novo crime *Os Bauderantes*, o Sr. Rubem Braga dizia estar provada a falta de diretores no Brasil, sendo isto a causa da pobreza do nosso filme, porque temas e novelistas bons tínhamos de sobra. Alex Viany respondeu à altura o desafio. E deveria também responder sempre — com sua verve implacável — a todos os outros que prestigiam Marcel Camus, num vergonhoso e desonesto servilismo. Apostaríamos mesmo que qualquer destes escritores daria metade de sua responsabilidade cultural, para ver seus livros (alguns dignos) em letra de cinemascópio falados em franco-português, como procedeu Vinícius de Moraes, depois arrependido, quando viu a baboseira de *Monsieur Camus*. E é também sob este aspecto que os novos escritores e artistas brasileiros têm modificado o problema: a maioria deles está sabendo do que se passa entre os *bossa nova* do cinema nacional, prestigiando na medida do possível, haja vista a notícia (ainda não confirmada) de que Gianfrancesco Guarnieri iria produzir *Gimba*, sob direção de Roberto Santos, que o lançou no cinema em *O Grande Momento*. Ainda hoje, com o grande movimento do Teatro de Arena e de outros na meta do *teatro nacional*, a colaboração que um Francisco Pereira da Silva pode dar ao cinema é infinitamente maior e mais importante do que aquelas terríveis incursões de Joracy Camargo ou mesmo de Adolfo Celli, liquidando tema de possibilidade como *Caicara*.

Diante de tudo isto, nem mesmo os cineastas podem esconder suas *novas bossas*, cumprindo, de agora para diante, a epígrafe de Alex Viany em *Introdução ao Cinema Brasileiro*. Finalizando, quem não acreditar em nossas palavras, está desafiado para assistir a *A Garganta do Diabo*, *Bahia de Todos os Santos* e *Vidas Secas*, e depois responder se há ou não há, no Brasil material muito melhor do que *nouvelle-vague*. E é a partir destes três filmes surgidos em 1960 que devemos começar o pensamento e o trabalho da *bossa nova* no cinema brasileiro.

ter" — ele disse. Ameaçaram-no: "Quando a anestesia passar você vai estar todo doido. Machucado." "E daí? Doendo, mas vivo. A única coisa boa é estar vivo." "Tem o céu lá em cima" — Engrácia sussurrou persuasiva. "Já pensou, você no céu, todo com asinhas! Que amor!" O cachorro nem nada. Seus olhos brilhavam obstinados com malícia. "Isso é pra cachorro inglês ver. Bom mesmo é estar vivinho." O professor levava as mãos à cabeça. "Não é possível!" — exclamava. "Isto me faz perder a paciência! Você não compreende que deve morrer? Teoricamente já é um cadáver!" "É um cadáver" — apalparam todos. "Acreditamos plenamente." O Sr. pode acabar a aula. Todos nós atestamos que o cachorro morreu. "Estou aqui para ensinar e não para fingir que dou aulas. Os Srs. me ofendem. Pensam que sou o quê?" "Não, professor!" "Que esperança!" "De maneira alguma!" "E esse cachorro diabólico culpado de tudo. Ele nos ataca e fica aí, deitado, gozando, todo metido em coisas, furado por cânulas, seringas e borrachas. Atentem ao brilho satânico de seu olhar!" E dizendo isso, com hostilidade incontrolada, puxou os olhos do cão e atirou-os longe. "Toca mais adrenalina" — ordenou ao ajudante, guiando a agulha gigantesca no coração do cachorro. Mas ele nem se importava. "Não vou morrer" — provocou. "É inútil!" "Como que não?" — berrou furioso o professor. "É um desafio à Ciência, você vai morrer agorinha mesmo!" Com o bisturi, de uma só vez e vigorosamente, cortou-lhe a cabeça e jogou-a no balde. "Isso" — aprovou Soninha. "Só assim ele morre logo."

A visão do corpo decapitado acalmou o professor por alguns segundos. Mas nada. O tórax se mexia ritmicamente e o ar ia e vinha com estrépito pela abertura cortada da faringe. "Será possível? É uma campanha de descrédito!" E, outra vez, com mão firme, esboçou a seringa no interior do animal. "O coração continua batendo" — constatou o ajudante. "Não há música melhor do que escutar o barulho do próprio coração" — comentou o cachorro por sua cabeça no balde. "Que cachorro pedante" — bradaram todos ao mesmo tempo. "É um despropósito e um absurdo!" — lamentou-se, atropalhado, o professor. "Nunca pensamos que o Sr. fizesse tanta confusão com a matéria. Não entendemos nada de sua aula" —

continuou o côro de alunos. "Eu não tenho culpa" — procurava desculpar-se. "Tudo é possível num cachorro moribundo. Nem todos conseguem manter o controle e a ausência de espírito diante da morte." "Que aulas horríveis, sem planejamento, sem orientação! Que falta de didática!" — resmungou Ernesto. E Nat repreendeu o cachorro: "Você tem de se convencer de que morreu. Você está morto." "Essa, não!" — ele riu. "Gosto muito de andar por aí à toa. Gosto das ruas, das sarjetas, dos postes, da fome que às vezes passo. Viver é bom demais para que eu desista assim, sem que nem porquê." "Você tem de desistir" — aconselhou o ajudante. "É pelo bem da Ciência!" E Soninha completou com desdém: "Além disso já está completamente despedaçado!" O cachorro riu ruidosamente. "Vou extrair-lhe o coração!" — gritou o professor. "Assim acabo com essa arrogância!" Com gestos cuidadosos retirou-o do corpo que lançou ao balde onde jazia a cabeça. "Coração, governador da embrenção amor; coração, meu companheiro na alegria e na dor..." — cantolou Soninha. O cubo vermelho lá estava, à mesa, encolhendo e se dilatando com matemática frequência, desgastado de artérias e veias, ignorante de que não tinha sangue a impulsionar por corpo algum. *Sistole e diástole*, plaiqui, plaiqui, pum. "Até que enfim!" — suspirou com alívio o professor travando com prazer a agulha. "Uf!" — fez Soninha. "Meu bonitão já deve estar impaciente." O coração, porém, em delírio desordenado, contraía e alongava ventrículos e artírculos, absorvido no gozo de estar vivo.

"Cínico!" — vituperou-lhe o professor e, com fúria desmedida, agarrou e lançou longe o miocárdio fremente. "Está morto, está morto, morto! Fim da experiência! Fim da aula! Assim a lista de presença e não embora!" — dizia aos berros, ele próprio se retirando da sala. "Coração que não descança noite e dia, sempre aguardando uma alegria" — Soninha cantou alegremente, aproveitando-se da ausência do professor. "A felicidade procurada, logo; e a esperança é a última que morre..." Quando todos já haviam partido, o ajudante mandou ao servente: "Vá nos jogar fora. Ele está morto." No canto da sala o miocárdio pulava num desespero de fibrilações, partícula de vida, não querendo morrer. Não querendo morrer, não querendo...

ARTAUD 2

Os dezoitos segundos

(Cenário cinematográfico de Artaud — publicado no Cahiers de la Pleiade — Primavera — 1949)

Na rua, à noite, na beira da calçada, sob um bico de gás, um homem de negro. O olhar fixo. Bate a bengala, seguro na mão um relógio, o ponteiro marca os segundos.

— Close do ponteiro, marcando os segundos — Os segundos passam com lentidão infinita, na tela. Ao décimo oitavo segundo, o drama está terminado.

O tempo que se desenrola na tela é um tempo interior do homem que pensa.

Não é o tempo normal. O tempo normal é de segundos reais. Os acontecimentos que passarão sobre a tela constituem-se imagens interiores do homem. Todo o interesse no cenário reside no fato de que o tempo durante o qual se passam os fatos descritos, é realmente de dezoito segundos enquanto que a descrição destes acontecimentos exigirá uma hora ou duas de projeção.

O espectador verá desenrolar-se diante de si as imagens que, num momento dado, começaram a desfilar na mente do homem.

Este homem é um ator. Está a ponto de alcançar a glória, pelo menos num grande renome, e vai conquistar, igualmente, o coração da mulher que ele ama, há muito tempo.

Foi atingido por uma doença extravagante. Tornou-se incapaz de alcançar seus pensamentos; converteu sua inteira lucidez, mas, a qualquer pensamento que se lhe apresente, ele não pode dar mais uma forma exterior, isto é, traduzi-lo em gestos e em palavras apropriadas.

As palavras apropriadas lhe faltam. Não respondem mais a seus chamados e ele está reduzido a ver desfilar dentro de si somente imagens, uma sucessão de imagens contraditórias e sem grande relação uma com as outras.

Isto o torna incapaz de se misturar na vida dos outros e de se dedicar a uma atividade.

Visão do homem no consultório médico. Os braços cruzados, as mãos crispadas. O médico, enorme, olha-o de cima. Revela o seu diagnóstico.

Reencontramos o homem sob o bico de gás, no momento em que compreende intensamente o seu estado. Ele maldiz o céu, e pensa: — "É isto justamente no momento em que ia começar a viver, conquistar o coração da mulher que eu amo e que se entregou tão facilmente".

Visão da mulher, belíssima, enigmática, rosto duro e fechado.

Visão da alma da mulher tal como o homem a imagina — paisagens, flores, claridades magníficas.

Gesto de malícia do homem.

— "Oh! ser, não importa o quê. Ser este jornalista miserável e corcunda que vende os jornais da noite, mas possui verdadeiramente toda a extensão de seu espírito — ser verdadeiramente senhor de seu espírito. Pensar enfim".

Visão rápida do vendedor de jornais da rua.

Depois, no quarto, a cabeça entre as mãos, como se conservasse o globo terrestre. Aquela pelo menos possui verdadeiramente seu espírito. Pode esperar conquistar o mundo e está no direito de pensar que chegará a conquistá-lo realmente um dia. Ele possui inteligência. Não conhece as possibilidades de seu ser, pode esperar possuir tudo: o amor, a glória, o domínio. E esperando, trabalha e procura.

Visão do vendedor de jornais gesticulando diante de sua janela. As cidades que se movem e tremem a seus pés. De novo à mesa com livros. O

dado em risco. Asas de mulheres no ar. Tronos empilhados.

Que ele encontre apenas o problema central, aquele do qual os outros dependem, e ele poderá esperar conquistar o mundo.

Que ele não ache a solução do problema, mas saiba qual é o problema central, em que ele consiste e que consiga por fim apresentá-lo.

Ah! — e sua corcunda? Sua corcunda também, talvez, além do mais lhe seja tirada.

Visão do vendedor de jornais no centro de uma bola de cristal. Claridade à Rembrandt. E no centro, um ponto luminoso. A bola transforma-se no globo. O globo transforma-se no opaco. O vendedor de jornais desaparece e reaparece como um diabo, com sua corcunda. E ci-lo que parte à procura do problema. Encontra-se em espeluncas esfumadas, no meio de agrupamentos onde procuram, não se sabe que ideal. Ajustamentos. Rituais. O corcunda na mesa escutando, balançando a cabeça, ajustado do erro. No meio dos grupos uma mulher. Ele a reconhece: — é ela. Grita: — Segure-a, é uma espia. Tumulto. Todo mundo se levanta, a mulher foge. Ele é agredido e jogado na praça.

— Que fiz eu? Traí e a amo, diz ele.

Visão da mulher, em casa. Aos pés do pai: — "eu o reconheci, está louco".

Ele vai-se embora para mais longe, continuando a procurar. Visão do homem numa estrada com um bastão. Depois em sua mesa, remexendo livros. Aparece um em close — A Kabala. De repente batem à porta. Policiais entram, lançam-se sobre ele. Metem-lhe a camisa-de-força. Ele é levado para o hospício. Ele enlouqueceu realmente. Visão do homem debatendo-se contra as barras.

— Eu achari — grita — o problema central aquele do qual derivam todos os outros, como os frutos no cacho, e então.

Mais loucura, mais mundo, mais espírito e, sobretudo, mais nada.

Uma revolução varre as prisões. Os asilos abrem as portas. Ele é libertado. — És tu o místico? — gritam-lhe — És nosso mestre, vem — Humildemente ele diz — Não. — Mas arrastam-no. — Se rei — dizem e colocam-no no trono. Ele treme.

Retiram-se e deixam-no só.

Vasto silêncio. Mágica surpresa.

E de repente ele pensa — Eu sou o senhor de tudo, posso ter tudo.

Ele pode ter tudo, sim, tudo, salvo a posseção de seu espírito. Ele não é jamais senhor de seu espírito.

Mas o que é afinal o espírito? Em que consiste ele? Se a gente pudesse ser somente dono de sua pessoa física. Ter meios para fazer tudo de suas mãos, de seu corpo. E durante todo esse tempo, os livros se acumulam sobre sua mesa. E sobre eles adormece.

E, no meio desse sonho mental, vai-se introduzir um novo sonho.

Sim, pode fazer tudo, ser orador, pintor, ator, sim, mas ele já não é ator? Ele é ator com efeito.

E eis que se vê na cena com sua corcunda, aos pés da amante, que representa com ele. E sua corcunda também é falsa — ela é representada. E sua amante é sua amante verdadeira, sua amante da vida.

Uma sala magnífica repleta. O Rei no seu lugar.

Ora, é ele, também, que representa o personagem do Rei. Ele se excita e se vê ao mesmo tempo na cena. E o Rei não tem corcunda. Ele achou — o homem corcunda que está em cena não é mais do que a efígie dele mesmo, um traidor que lhe tomou sua mulher, que lhe roubou seu espírito.

Então se levanta e clama: Segurem-no. Tumulto.

Agitação geral. Os atores o interpelam. A mulher grita: — Não és mais, tu não tens mais tua corcunda, eu não te reconheço mais. Ele é louco. — Ao mesmo tempo as duas imagens se fundem uma na outra, na tela.

A sala inteira treme com suas colunas e seus lampadários. O tremor aumenta cada vez mais. E sobre este fundo trêmulo, passam todas as imagens trêmulas: do rei, do vendedor de jornais, do ator corcunda, do louco, do asilo, das multidões.

E ele se encontra na calçada sob o bico de gás, com seu relógio que pende de sua mão esquerda e sua bengala, agitada pelo mesmo movimento.

Dezoito segundos apenas se passaram. Ele contempla uma última vez seu destino miserável, depois sem hesitação, sem emoção alguma tira um revólver do bolso e dá um tiro no ouvido.

Terminamos hoje a apresentação de alguns trabalhos pouco conhecidos de Antonin Artaud, poeta surrealista, ensaísta (autor de *Le Théâtre et son Double*), ator de cinema, autor de argumentos cinematográficos e de peças teatrais. Um dos trabalhos é a última entrevista concedida por Artaud, poucos dias antes de morrer (1948), de um câncer no reto, no Hospital de Ivry. O outro é um argumento de cinema, anárquico e violento, feito nos moldes dos trabalhos de Dali, Buñuel e Cavalcanti.

Cláudio

Bueno

Rocha

Antonin Artaud

(Alguns dias antes de sua morte)

Entrevista de Claude Nerguy publicada nos

Cahiers de la Pleiade — Primavera — 1949)

Ivry... uma grade, um parque... nós estamos na casa de repouso. Eu ouvi falar de Artaud, de sua loucura, e li o *Théâtre et son double*. Ele marcou um encontro para este sábado entre 10 e 1 hora.

Uma jovem guardiã nos conduz através do parque coberto de neve e silencioso para uma construção quadrada em torno da qual damos uma volta antes de bater numa pequena porta.

— Sim? Entre! Quem esta aí. A voz inquieta e grave nos surpreende. Ela não é pausada.

Entramos e a guardiã nos apresenta. Jamais fiquei tão emocionado. Uma peça quadrada, grande, o assoalho manchado, a cama esburacada, um grande cepo de madeira, um canapé e duas poltronas. As persianas fechadas davam à peça uma impressão de abandono medonho. Artaud está diante da chaminé onde queima um fogo de lenha. Uma calça cinza escura, uma camisa suja e aberta na frente deixa ver um lenço vermelho amarrado em volta do pescoço, os cabelos sobre os olhos, ele nos parecia de uma magreza espantosa.

Artaud colocou dois dedos atrás das orelhas sobre um ponto que procurou muito tempo e começou a falar: tinha decorado minha carta!

— Acabo de publicar três livros: *Artaud-le-momo*, *Si-gi avec la culture indienne*. Estes, você não os tem, não os pode ter, pois são muito caros para você. Eu pedi ao editor para me fazer uma edição barata depois dessa edição de luxo. Não sei se ele o fará. O outro livro, *Van Gogh*, não é caro. Compre-o.

Virou-se para nós, com as mãos adiante, os cabelos de cada lado de sua fantástica fisionomia imberbe e sofredora, um rosto com a dor estampada e seus olhos pálidos azul-esverdeados esbugalhados fixavam o infinito.

— Meu verdadeiro público são os rapazes de sua idade, estudantes. Não são especuladores. Estes eu os odeio. Sentou-se perto do fogo.

— Você não leu nada além destes meus livros. Eu saí já há alguns meses de meus asilos... de meus asilos de loucos. Eu tenho as costas doloridas, os médicos me bateram com golpes de barra de ferro. Eu o olhava. Era extraordinário este rosto em nosso século. Um rosto alucinado, de apaixonado, um homem que seria, ao mesmo tempo, um demônio.

Levantou-se e apanhou um martelo. Minha amiga e eu começamos a ficar menos seguros que nunca e felizmente uma assistente nos acalmou com um sorriso. Artaud se aproximou do cepo, a íris dilatada, a pupila diminuída e negra. — Veja, é assim que dou ritmo aos meus poemas. Isto lhes dá mais força, poder, ênfase.

E ele começou a bater no bloco de madeira, os cabelos desgrehados, o ar de louco, os lábios úmidos, gritando um poema do qual eu não percebi senão a primeira palavra — Caim. Era inusitado, terrível. Este ser doloroso que batia com um martelo, este grito quase inarticulado, que tinha tudo de um

canto de guerra indígena, esta espécie de canto de vitória e de morte num quarto e, na parede em frente, um desenho que nos olhava...

Terminado o poema, ele parou esgotado, o martelo inútil pendia na mão, lascas de madeira muito finas espalhavam-se pelo assoalho.

Ele foi à escrivaninha, a mesa em desordem que lhe servia de escrivaninha e, remexendo nos papéis, viu se não lhe restava um exemplar da *Culture indienne* que me pudesse dar. Não encontrou nada mas voltou com um pequeno caderno de desenho de capa azul no qual se encontravam seus poemas.

— Eu desenho também. Os desenhos dão mais força. Veja, há desenhos aqui, lá, em todos os poemas. Deu-me o caderno azul e à minha amiga os desenhos, depois, retomando seu martelo, ele ritmou de novo durante longo tempo.

Voltando-se, tomou os poemas e os desenhos bruscamente e disse grave e docemente:

— Você olha os desenhos de cabeça para baixo.

Eu acreditei numa explosão e me afastei um pouco. Sua voz era estranha, com inflexões de grande senhor. Ele apanhou o caderno e... recolocou-o na mesma posição.

— Eis aqui um homem e a cadeia que o mata vindo do infinito... isto aqui é uma máquina voadora; tendo atravessado o espaço interplanetário, está parada, quebrada, esfrangalhada...

Depois, colocando-me diante dele, um dedo no meu peito, a mão esquerda segurando um desenho, me olhou:

— Eu tinha impressão de que ondas me atravessavam.

Guardou os desenhos e fez uma volta no quarto, cantarolando.

Dir-se-ia um animal na prisão à procura de uma saída, um assassino, e eu pensava no seu poema antigo.

— Ah dê-nos crânios...

Eu lhe estendi meu livro para que ele o assinasse e pegando minha caneta ele escreveu: "A Claude Nerguy sob condição que ele seja só, porque eu sou um inimigo da sexualidade, A. Artaud".

Apanhou um maço de cigarros e nos ofereceu um a cada um; depois, tirando de um envelope um pacote de cartões de visita, brancos, apanhou um, escreveu algumas palavras nele e me entregou.

— Venha segunda-feira à noite à audição radiofônica. É preciso terminar isto com o julgamento de Deus. — disse. — Este cartão é estritamente pessoal como eu escrevi nele, não haverá mais que trezentos lugares. Você, Senhorita, poderá ir lá oito dias depois, e lhe devolverão o convite.

Nós o deixamos e ele disse:

— Até segunda-feira.

Seus olhos brilhavam sempre com este brilho estranho, indefinível, olhos de vidente.

— Talvez ele morra ritmando um poema de morte no seu cepo — disse minha amiga. — Eu não ousou pensar nisso. — E, continuando — Ele não tinha olhos, mas raios:

TEATRO

Por que somos críticos?

Bárbara Heliodora

De algum tempo a esta parte os críticos teatrais, principalmente aqueles que são ligados à chamada *nova crítica*, andam sendo motivo de comentários e assunto de artigos, declarações. Com maior frequência ainda, têm sido também alvo de virulentos ataques, muitas vezes partidos da pena — ou da máquina de escrever — de quem se propala bom moço de quem se aponta equilibrado e benevolente, de quem se arvora em baluarte dos "pobres e infelizes profissionais de teatro" que são perseguidos pelos críticos que ousam dizer que um espetáculo ruim é um espetáculo ruim, que um texto deslavadamente comercial é um texto deslavadamente comercial, que um mau ator é um mau ator, que a situação teatral brasileira, tão cheia de problemas, é uma situação teatral tão cheia de problemas. Ora, temos de nós para nós, que crítico não é assunto de crítico: assunto de crítico é teatro, texto, direção, interpretação; assunto de crítico é o momento teatral brasileiro, um dos mais fascinantes que se possa imaginar, pois nosso teatro vive um momento decisivo; como realidade ponderável nos hábitos sociais do Brasil, somente agora o teatro começa a despontar no horizonte, um horizonte em que já despontaram, de há muito, e tomaram forma, a poesia, a prosa, a música, a pintura.

Por que somos críticos, então, nós que hoje procuramos um esclarecimento da arte teatral e dramática perante um público que começa a se formar? Qual o nosso interesse primeiro? Não nos parece, pessoalmente, que esse interesse seja a opinião pessoal de fulano, crítico do jornal A, sobre sicrano, crítico do jornal B, pois, acima de tudo, a essas opiniões o público se mantém soberanamente indiferente. E com toda a razão. Afinal de contas, o leitor individual compra o jornal que lhe apraz e lê a coluna teatral que melhor se coaduna com sua própria atitude perante o teatro e o que ele significa. Temos, por certo, críticos para todos os gostos e cada vez mais ficará provado que o único critério que poderá determinar o valor atuante de cada um destes será a capacidade individual de cada um de bem situar um espetáculo, um texto, uma direção, uma interpretação perante o público de nosso momento atual.

Nada mais clássico, mais surrado, mais sem graça, do que a velha *gracinha*: os críticos gostam do que o público não gosta e o público gosta do que os críticos não gostam. Para provar a gratuidade da frase, basta que seja relembrado, nos últimos tempos, o tipo de bilheteria que tiveram O AUTO DA COMPADECIDA, ELES NÃO USAM BLACK-TIE, CALÚNIA, O PANORAMA VISTO DA PONTE, O MAMBEMBE, ENTRE QUATRO PAREDES e outros mais. É claro que muita coisa puramente comercial que a crítica não considerou verdadeiramente digna do nome de teatro, teve muita bilheteria, mas, desde quando se espera que um especialista em qualquer assunto seja menos exigente do que o leigo em geral? Se o crítico é exigente, se tenta sempre reconduzir o teatro à sua verdadeira natureza de arte dramática, isso é exatamente a tarefa que lhe compete dentro de sua profissão. Um crítico não pode dizer de determinada atuação fraca que ela está ótima, porque nisso está sendo desonesto em dois sentidos: ilude o ator, que não terá de quem ouvir o fato de que é necessário que melhore sua qualidade de trabalho, e engana o possível espectador que porventura se queira orientar pela opinião do crítico. A função do crítico, parece-nos, não é a de agradar a gregos e troianos, assim como também não é a de atacar a tudo e a todos pelo simples prazer de destruir o trabalho alheio: sua função é árdua, justamente porque cumpre objetivar ao máximo sua avaliação do trabalho em questão, sem nenhuma prevenção ou favoritismo (ideal jamais integralmente alcançado, sem dúvida).

Como se forma um crítico? Qual a sua preparação profissional *sine qua non*?

Que sabemos, é impossível encontrar resposta para essas duas perguntas, e acreditamos ser apenas possível dizer que

não há nenhum tipo de estudo que forme, só ele, um crítico, mas que também não pode haver crítico sem estudo. O crítico terá, sem dúvida, que conhecer o passado e o presente do drama e do teatro, terá que ter uma grande experiência de espectador, terá que conhecer estudos feitos a respeito por muitos dos que se especializaram no assunto.

Mas o crítico terá de contribuir com muito de seu, e toda a sua formação estética será a dominante da linha-mestra de seu trabalho: esta, ninguém lhe dará com régua de cálculo para saber dizer — aproximadamente — se um texto é bom ou ruim, o que há de bom num texto ruim ou o que há de ruim num texto bom. Falamos, é claro, do crítico jornalístico, pois o crítico que transcende sua época e sua circunstância é uma ave tão rara que não nos ocupamos dela aqui.

Omitimos no parágrafo acima o que nos parece ser uma qualidade indispensável a profissão de crítico teatral: o amor ao teatro, e é esse amor que faz com que o crítico reclame com mais ardor do que o leigo contra os crimes de lesa-arte dramática que, volta e meia, se praticam em palcos nacionais e estrangeiros. Sem se dedicar ao teatro com amor, com muito estudo, com vontade de acreditar nele e lutar por ele, não há crítico, e com tudo isso é que o crítico começa, para só daí em diante tentar realizar-se em sua melindrosa carreira.

Desnecessário dizer que não pretendemos aqui determinar o que deva ser o trabalho de um crítico; pois consideramos que não há crítica válida senão aquela que expressa a opinião individual e independentemente alcançada de quem a exerce. As opiniões que expressamos de-fimem, tão-somente, algumas idéias que orientam fundamentalmente o nosso trabalho, e que aqui citamos à guisa de estabelecimento de bases mais claras para o diálogo que temos, semanalmente, com nossos possíveis leitores.

Quando nos referimos acima à questão de objetividade no trabalho crítico, acreditamos estar frente ao mais importante e delicado princípio a que nos procuramos dedicar: a crítica teatral (como a literária ou a de qualquer outra forma de arte) deve ser, acima de tudo, um trabalho de explanação, de procura de maior compreensão dos valores — positivos e negativos — de um determinado texto ou espetáculo em vista. Mais importante do que nossa preferência pessoal por este ou aquele gênero ou autor, portanto, será sempre a preocupação com a intenção do artista criador, pois só poderemos julgar da boa ou má materialização da visão do artista, quando chegarmos a compreender qual seja essa visão.

O crítico, portanto, não se poderá dar ao prazer de recusar uma obra por não gostar do gênero ou por não concordar com as idéias propostas num texto, como pode o espectador, porque a sua função não é necessariamente explicar ao público por que foi, exatamente, que ele tanto se divertiu ontem no teatro tal ou por que não se divertiu tanto no teatro qual. A sua função é o enquadramento da obra em questão dentro de um conceito geral de arte dramática e sua consequente avaliação dentro de seu gênero, categoria etc. Não importa ao autor ou ao público o que seria o nosso tratamento pessoal do tema da obra, pois não são tais comentários da alçada da crítica: num esforço de objetividade deve o crítico, em seu trabalho, tentar verificar se o artista foi feliz no encontro da expressão adequada para a sua visão, e, consequentemente, analisar e esclarecer o maior ou menor sucesso do autor nesse sentido. O teor da visão inicial, bem como a forma que tomou nas mãos do artista, formarão o núcleo de avaliação crítica, pois a realização excepcionalmente hábil de uma idéia inicial mediocre e inexpressiva, não cria em si uma obra de arte, sendo mais característica da brunida perfeição do chamado teatro comercial. Por outro lado, quantas e quantas obras-primas deixaram de ter o mundo, pela pura e simples inabilidade de um autor de encontrar a expressão justa para uma visão interior realmente bela...

O jornalismo especializado em teatro incluí duas categorias diversas que são, muitas vezes, e injustamente, reunidas em uma simplória aplicação do termo *crítico*; na realidade, há críticos e cronistas teatrais, e esses dois tipos de profissionais têm objetivos tão definidos quanto diversos entre si: ao cronista cabe relatar os acontecimentos, dizer de suas experiências em relação a texto ou espetáculo sob um ângulo bastante pessoal, comentar superficialmente, indicar o que pode o futuro espectador esperar em questão de gênero etc. Esse tipo de atividade jornalística no plano teatral é válido e exerce uma função perfeitamente legítima. Já o crítico, parece-nos, tem obrigações outras, que envolvem aprofundamento num plano mais intelectual, enquanto que o cronista pode apoiar-se mais no emocional. No bom exercício de suas funções, o crítico se deve ater à responsabilidade de sua posição no panorama geral das atividades dramáticas e teatrais de seu ambiente, posição esta na qual se destacam, em importância, suas relações com dois grupos: a) autores e realizadores e b) público.

Nada mais natural do que a idéia de que será por meio da reação do público que os realizadores de um determinado espetáculo poderão melhor julgar até que ponto conseguiram, de fato, transmitir a intenção do autor (por intermédio de suas interpretações). Um público esclarecido é, via de regra, um público exigente, ou, pelo menos, esta é a única conclusão que se pode atingir, a julgar pelas reações dos públicos de formas artísticas que não a teatral. E o que é o crítico senão um espectador especialmente treinado para a apreciação de obras de arte dramática? Não faltarão às platéias teatrais frequentadores experientes igualmente aptos a opinar, mas esses são, geralmente, inacessíveis como fontes de informação sobre o espetáculo, e, consequentemente, cabe ao crítico representar exatamente esse nível de espectador.

Numa crítica honesta, detalhada, arrazoadada, os realizadores teatrais terão sua melhor orientação a respeito do desenvolvimento de seu trabalho, e ao crítico não deve faltar nem o entusiasmo pelo que é bom, nem a condenação do que é mau, pois tanto uma observação quanto a outra terá seu justo lugar quando feita dentro de um critério estético reconhecível, e a opinião crítica, e só ela, poderá informar devidamente o realizador da reação de quem não está emocionalmente engajado na criação do espetáculo. Esse é o serviço que o crítico pode e deve prestar a quem faz teatro, donde a sua obrigação fundamental de não se querer tornar agradável a este ou aquele, encobrindo defeitos sob um véu de elogios tangenciais, encorajando dessa forma a repetição do erro, bem como não é lícito que se exagere em defeitos e nem que se falte com o realce do mérito.

A posição do crítico para com o público traz consigo, e fatalmente, uma larga parcela de didatismo estético, pois um de seus objetivos é o contínuo aprimoramento dos *standards* de julgamento e apreciação — do público e seus próprios.

O crítico fatalmente terá de evoluir constantemente, pois, a cada novo espetáculo, a cada novo texto, terá enriquecido sua experiência estética pessoal. Justamente aqui reside um dos nossos maiores problemas teatrais, pois até tão pouco tempo, o nosso teatro estava tão completamente reduzido a uma subforma digestiva de mero divertimento, que pesa sobre a presente geração a reconquista da dignidade da posição de arte maior para o mesmo. O teatro sempre encontrará público para se divertir, e tal teatro existe em todos os pontos do globo, mas o que o crítico busca, como sua função precípua, é o aumento do número de espectadores que vão ao teatro com o objetivo de apreciar uma obra de arte — da mesma maneira que vão a um concerto para ouvir uma sinfonia ou a uma galeria para ver quadros ou esculturas. Para um tal espetáculo o espectador deve levar sua própria experiência estética, e deve apreciá-lo tanto intelectual quanto emotivamente. Junto a esse público, a contribuição do crítico é justamente a de análise objetiva e justa que poderá auxiliá-lo na maior compreensão de todo o fenômeno dramático. Se alguém põe em dúvida a existência de um público ansioso por esse tipo de crítica, é fácil lembrar que estão tendo boa frequência os cursos de preparação de platéia que têm até aqui sido realizados, e que, aliás, precisavam existir em maior número.

Estas, pura e simplesmente, são as idéias que temos dos assuntos a que continuaremos a dar preferência em nossa coluna, preferindo-os à disputa de méritos relativos entre este ou aquele ponto-de-vista. A pergunta que demos por título a estas palavras, podemos apenas responder: porque ama o teatro o crítico se torna crítico, mas há que amá-lo sem pieguices extremas, há que amá-lo com exigência, com a observação severa de critérios estéticos definidos, pois só assim o crítico poderá fazer aquilo que tem por obrigação acima de todas as coisas — servir ao teatro no sentido de seu aprimoramento artístico consciente, no sentido de sua existência viva dentro da realidade de sua época.

Ibsen e os "jovens"

Cléber Ribeiro Fernandes

Enquanto Ibsen se limitou a evocar o passado, cultuando a memória dos heróis nórdicos com o entusiasmo transbordante de seus primeiros dramas, quase não teve opositores. Apontavam-lhe as falhas, alguns o acusavam de imitar Shakespeare, mas sua obra, apesar do modesto êxito, era praticamente reconhecida por todos. E' que, empolgados por uma atitude da qual se presumiam participantes, os seus futuros opositores não quiseram ou não puderam ver a nostalgia implícita no comportamento de quem prefere inebriar-se com uma glória definitivamente enterrada a encerrar um melancólico presente.

A Comédia do Amor foi o primeiro sintoma mais ou menos alarmante. Ibsen deixava em paz a história do seu país e desmascarava alguns hipocrisias. A nova experiência dividia o público: os francamente reacionários retiraram a sua admiração, enquanto os mais avançados o apadrinharam e tentaram retê-lo em seu convívio. Ibsen foi aclamado revolucionário, corajoso, jovem... Alguns anos mais tarde, ocupados inclusive com a elaboração de Brand e Peer Gynt, que viriam a constituir a fase de transição através da qual Ibsen tomaria por fim total consciência da realidade que o envolvia e que o levaria aos seus dramas mais importantes, é lançada a comédia intitulada A União dos Jovens, que desmorteou a todos. Que teria acontecido? Uma reviravolta completa? Teria Ibsen desistido de seus mais nobres ideais para se transformar num reles conservador? Fiel à política segundo a qual "quem não está comigo está contra mim", os jovens o repudiaram, enquanto os reacionários não se arriscaram a adotá-lo de volta. Ibsen ficou só, mas felizmente não se tornou propriedade de grupos ou facções. Fiel à sua própria concepção do mundo em que vivia, não lhe interessavam quaisquer compromissos, mediante a aceitação dos quais fatalmente acabaria por falsar a veracidade de suas conclusões. Esta independência, preservada a todo custo, lhe permitia arrombar todas as portas suspeitas. Com A União dos Jovens são os movimentos coletivos a utilizarem a juventude como fachada que passarão pelo exame de sua lucidez.

Ainda indeciso quanto ao gênero a ser adotado nesta nova investida, Ibsen optou pela comédia, preferência que seria logo abandonada em favor de seus próximos dramas. A nosso ver, o temperamento de Ibsen não recomendava a escolha de entêo. Apesar de se considerar, ele próprio, portador de um pensamento amargo e triste, não conseguia ser amargo e triste a ponto de olhar para as suas criações com a superioridade dos que se divertem com os seus personagens. Embora caracterizando-os com pinceladas rápidas e esquemáticas, com o intuito de transformá-los em tipos risíveis, Ibsen se empenha em compreendê-los um pouco mais do que o necessário, com o que inutiliza, em parte, as suas possibilidades cômicas. Sobre tudo nos dois primeiros atos desta comédia, somos obrigados a encerrar com uma certa reserva tal classificação, justificada, porém, nos três atos subsequentes, quando os acontecimentos se precipitam, envolvendo a todos numa corrida desesperada pela disputa de um poderio social e econômico, ameaçando por todos os lados.

A União dos Jovens foi o primeiro grande êxito de Ibsen em seu país, não conseguindo, entretanto, atravessar as fronteiras da Noruega e ganhar a aceitação universal de alguns de seus dramas. Os estudiosos tentam explicar o fenômeno alegando tratar-se de obra excessivamente regional, uma vez que seu tema se desenvolve através de fatos e costumes familiares apenas ao povo norueguês. Para nós, a explicação não basta. Se A União dos Jovens pode ter sua consistência inutilizada pela ignorância a respeito de alguns hábitos regionais, a maioria deles superada na própria Noruega, a verdade é que seus valores permanentes não repousam apenas nessas poucas características. Através de nosso humor ou de nossa emoção, poderemos muito bem ser atingidos pela vitalidade com que Ibsen se aproxima dos origens de um preconceito e o destrói, principalmente se levamos em conta estarmos diante de um tabu que ainda vigora em nossos dias, principalmente entre aqueles pessoas às quais se atribui a obrigação de uma mentalidade superior. Estamos, afinal, no campo de ação em que Ibsen se mostrou mais eficiente, ao destruir não valores anteriormente desmoralizados, mas os que se apresentavam com ares de descobertas recentes.

— "Quando uma verdade é velha, pode-se dizer que é uma mentira, porque acabará se transformando numa mentira". Para Ibsen, os jovens eram a mentira do momento. Quem nos dirá que não estejamos nós, ainda hoje, impossibilitados de identificar como velha uma verdade que apenas nos beneficia? Para começar, Ibsen repudia o conceito apriorístico contido na classificação sumária em velhos e jovens, segundo a qual estes estarão necessariamente no caminho certo, enquanto aqueles não resta outra obrigação senão a de ceder a sua vez. Para ele, o jovem que pretende ter direitos apenas porque é jovem não tem merecimento nenhum, sua atividade restringindo-se apenas à ambição discutível de conquistar uma posição já ocupada, não importa por quem. O verdadeiro renascentista, o que se bate por um anseio legítimo, esse não precisa

de rótulos amáveis para se impor. Não que seja advogada a causa conservadora: apesar de sua simpatia manifesta por ela, Ibsen é bastante lúcido para não se impressionar com sua fisiognomia atual. Se os que agora ocupam os postos de comando se mostram mais tranquilos e equilibrados, é porque a sua posição de mera defensiva é bem mais cômoda. O percurso empreendido para atingi-la não terá sido, no entanto, muito diferente do empreendido por aqueles que ora os combatem. E mais ainda: se agora os jovens agem desta ou daquela maneira será porque os velhos se esqueceram de transmitir a eles uma noção de valores menos mesquinha.

Acreditando na individualidade como a única força capaz de produzir grandes feitos, Ibsen desmascara ainda a pseudogenerosidade dos movimentos coletivos, demonstrando que o bom entendimento entre líderes e liderados só é possível enquanto as ambições pessoais de uns e outros não se tornam incompatíveis. Desde que qualquer interesse, por menor que seja, venha a ser ameaçado, sobrevém a ruptura entre a realidade e a simples aparência, mostrando-se à tona as verdadeiras origens de tais conflitos.

Em A União dos Jovens, Ibsen se mantém entre o que considera a regra geral, não apelando para nenhuma exceção que talvez completasse o seu pensamento relativo a estas questões. O ambiente focalizado abrange apenas lutas políticas e econômicas que se desenrolam no ambiente rústico de uma pequena aldeia. Foi, entretanto, graças a esta equivalência de valores reduzidos a um denominador comum, a seu primarismo, que Ibsen logrou obter o impacto imediato que tornou a sua obra reconhecível.

A União dos Jovens é das poucas obras ibsenianas em que os grandes personagens cedem a primazia à idéia contida na trama. Desta vez, os personagens praticamente se equivalem, permanecendo todos num estágio quase insatisfatório, se comparados com os demais. Não fazem parte da grande galeria a que se refere René Daurmic quando diz que "os personagens de Ibsen se distinguem dos que estamos acostumados a ver em cena pelo fato de que não são filhos do teatro, mas porque neles se encontra essa complexidade de sentimentos, essa mobilidade da natureza e um não-sel-quê de incompleto que é o estigma de tudo aquilo que é vida". Ou são tipos esquematizados ou se mantêm como embriões das futuras realizações.

No primeiro caso, temos Stensgaard e Bratsberg (o pai), o jovem e o velho, respectivamente, a se empenharem numa sinuosa linha de investidas e recuos, em cujo final encontramos Bratsberg a adotar os recursos de Stensgaard, derrotado nesse primeiro round. A conclusão, porém, não é definitiva: o primeiro, ao compreender que a sua situação nada tem de estável, concorda em arregar as mangas e descer à arena de onde expulsa o outro, pronto para embarcar em novas aventuras. "Dentro de dez ou quinze anos", Stensgaard será, com toda certeza, deputado ou ministro. "Então já não poderá se pôr à frente da União dos Jovens... porque terá uma idade suspeita". Lembra em seguida um outro personagem: — "A respeito, dizia Napoleão: dos seus peitos é que saem os homens públicos". Em compensação, Erico Bratsberg, às voltas com a sua inabilidade para os negócios e o seu arrôjo, Selma, a rebelar-se contra sua condição de boneca, Edjelbo, a lograr uma vitória, graças à firmeza de sua posição estritamente defensiva, a Senhora Rundholmen a proteger o bem-amado no momento em que a derrocada econômica da família deste o condena ao fracasso, são todos promessas de personagens maiores que logo vão aparecer.

Apesar de nossa preferência pelos últimos dramas de Ibsen, acreditamos que A União dos Jovens, considerada incompreensível ou superada fora do âmbito em que transcorre sua ação, tenha maiores possibilidades de aceitação junto ao público do que outros dramas tidos como de alcance mais universal mas que, por conterem problemas indigestos para o nível intelectual atribuído à média das grandes platéias, não se recomendam para uma encenação rotineira. Será mais uma injustiça a se juntar às muitas que condenam hoje Ibsen no astronomico.

A reavaliação de seu prestígio junto aos elementos capazes de o servir, talvez dependa apenas de um consciencioso trabalho, como a que parece ter sido feito por Arthur Miller com relação a um Inimigo do Povo. Não conhecemos a versão do dramaturgo americano, mas imaginamos que ele tenha tido o bom senso de não interferir no pensamento de Ibsen, limitando-se a esclarecer o que possa ter ficado incompreensível com o decorrer dos anos, em matéria de linguagem e referências ocasionais a acontecimentos e costumes, tomados como simples ilustrações. Se assim for, e outros se empenharem na mesma tarefa, talvez tenhamos dentro em breve uma nova onda de vitalidade a corrigir alguns equívocos: o velho original poderá ser apreciado em sua verdadeira significação, enquanto os jovens imitações, distorcidas e empobrecidas no afã de servir ao gosto popular, talvez se revelem à insatisfação, via de suas reais dimensões.

Informes

José Ricardo

ADMIRAVEL MUNDO NOVO

Tocam-fitas portáteis (tamanho de bolso) são a última novidade lançada pela indústria alemã em Francoforte. Trata-se de um aparelho semelhante a um toca-discos capaz de tocar 200 canções, ou sejam, 12 horas ininterruptas de músicas gravadas em 50 minúsculas e finas fitas magnéticas.

O aparelho que foi inventado pelo italiano ANGELO RITOSSA, tem, além disto, um rádio transistor e dois alto-falantes.

Banho perfumado de chuveiro é a última em Nova Iorque. O perfume é obtido de uma cápsula odorífera colocada dentro do chuveiro.

Se você vir um homem falando sozinho no carro que dirige não se assuste — é um homem ocupado que está ditando cartas a sua secretária. A secretária não está no carro, como já disse, mas o carro, se for francês, poderá dispor de um ditafone que gravará para a secretária todas as determinações do patrão. É desmontável, pesa um quilo e custa 30 mil cruzeiros.

O MAIOR BANQUETE DE TODOS OS TEMPOS

Cem mil pessoas reuniram-se no maior banquete já servido na história da gastronomia. A mesa estendia-se da costa atlântica à pacífica dos E.U.A. Custou 550 milhões de cruzeiros. Foi uma homenagem ao Presidente EISENHOWER que somente poderia realizar-se no século da televisão, pois as diferentes mesas nas 80 cidades onde o banquete se realizou se intercomunicavam por meio de TV-em-circuito fechado com a instalação de uma tela gigantesca à frente de cada mesa, permitindo que um convidado em São Francisco pudesse ver e ouvir um companheiro de mesa que estivesse em Nova Iorque, por exemplo (numa distância de 4 mil quilômetros quadrados).

O homenageado sentou-se à mesa de Los Angeles; o Vice-Presidente do país, RICHARD NIXON, à de Chicago; o Governador (do Estado de Nova Iorque, NELSON ROCKELLER, à de Washington e assim por diante. Uma das curiosidades do banquete foi que os participantes podiam não só ver e ouvir os outros participantes como também a si próprios.

MÚSICA TAMBÉM TEM FRONTEIRAS

RICHARD WAGNER e RICHARD STRAUSS, dois músicos proibidos em Israel desde a fundação do país, há mais de 10 anos, estão agora sendo tocados inclusive pela orquestra oficial do Estado — a Filarmônica de Tel-Aviv.

A proibição se prendia à ligação das obras dos dois compositores alemães com a curta história do nazismo.

FILME SOBRE BRASÍLIA A VENDA NOS E. U. A.

A TV-CBS, de Nova Iorque, pôs à venda cópias de um filme documentário de 60 minutos sobre Brasília. Preço da cópia: 32 mil dólares, ou seja, aproximadamente 6 milhões de cruzeiros.

UMA ÓPERA MODERNIZADA

A ópera La Bohème, de PUCCINI, foi atualizada pelo compositor e libretista GIAN CARLO MENOTTI.

A nova versão em vez de se passar na Paris de 1830, passa-se na Roma de 1960. Mimi é uma atriz secundária do cinema italiano e Rodolfo é um pintor abstrato.

GENE KELLY NA ÓPERA DE PARIS

O bailarino e cineasta de Hollywood GENE KELLY já está na França, ensaiando o corpo de ballet da Ópera de Paris para a maior façanha de sua carreira de coreógrafo: a encenação do Concerto em Fá, de GERSHWIN.

EISENHOWER NUM FILME

O Presidente EISENHOWER talvez participe do filme A Ponte de Remagen, passando a ser assim o terceiro Chefe de Estado a tomar parte numa película de ficção de longa metragem (um semidocumentário, a rigor). Os outros foram: o falecido Papa PIO XII (na versão cinematográfica de um romance de Franz Werfel) e o Príncipe RAINIER III (numa história sobre o turismo em Mônaco). A possível participação do Chefe do Executivo norte-americano, porém, não será visual, mas apenas auditiva.

O filme escrito pelo Deputado KEN HECHLER (historiador do Exército), versa sobre uma das maiores passagens da Segunda Guerra Mundial, ou seja, a batalha pela ponte de Remagen (a porta da invasão aliada). Cabe a Eisenhower repetir as ordens que deu quando do início da batalha.

O homem e a fábula

Uma carta

José Carlos Oliveira

Meu caro Afrodísio:

— Uma vez me disseste: "Quem trabalha aborrecido é escravo". Guardei a frase. Mas só me foi possível entendê-la depois de me encontrar na situação a que te referias.

Há quantos anos não te escrevo? Tantos quanto não escrevo. Não me agradava a idéia de incomodar-te com meus sofrimentos. Naturalmente seria possível mentir;

mas o estilo não mente, e por certo ficarias ainda mais preocupado do que se te falasse francamente. Eu me vangloriava, Afrodísio, de conhecer meu ofício, mas só conhecia o ofício em geral — o dos outros — e nada disso me satisfazia. Atravessei uma quadra sombria na qual ainda se encontram quase todos os nossos contemporâneos (os brasileiros, bem entendido), e se posso afirmar, suspirando aliviado, que já me encontro na parte clara, é que tive a coragem de reconhecer o abismo, e a ousadia de amá-lo.

Calei-me. Tenho centenas de páginas mutiladas. Precisavas ter visto aquela sinistra pessoa que não sabia o que dizer, a quem, de que maneira. Sentia-me humilhado, encurralado entre a falta de tradição e a impossibilidade de comunicação. Desejava ser moderno. Já me havia esquecido do nojo com que te referias aos modernos. "A coisa mais idiota que pode acontecer a um artista — observaste certa ocasião — é pensar que é preciso ser moderno. Não estamos por acaso numa época em que precisamente o que pretende ser moderno (art nouveau) não passa de contrafação?" Tens razão ainda hoje. Estive observando que os escritores modernos em nosso país começaram desprezando a correção pronominal e terminaram, literalmente, assassinando o nosso idioma. Estranha maneira de ser moderno! Podes contar nos dedos os prosadores que entre nós empregam o ponto e vírgula com propriedade;

e são raros os que sabem onde deve terminar um período e começar outro. O mais vergonhoso, entretanto, é a decadência da vírgula: quando não aparece nas posições estabelecidas e mais do que surradas por Machado de Assis, simplesmente aparece onde Deus é servido — e tu bem sabes que Ele é estilista, escrevendo certo por linhas tortas. Não adianta citar. São todos eles.

O único prosador que domina perfeitamente a prosa entre nós — onde encontrá-lo? Sinto que já sabes de quem se trata. Esse a gente sabe o que pensa, quem é, quais as suas aspirações: é leve por ser leve, frívolo por ser frívolo; mas não estamos pedindo, não é mesmo Afrodísio?, não estamos pedindo a ninguém que seja grave ou trágico, só pedimos que seja. Sabes que me refiro a Rubem Braga.

Há pouco tempo eu pensava que, para se realizar, um homem só precisava conhecer-se a si mesmo. Está bem; seja verdade para um homem qualquer. Conhecer-se é apenas uma etapa para o escritor.

A tarefa seguinte, a mais difícil, é tomar conhecimento da existência do outro. Que importância teria o sol que tosta Zaratustra, se Zaratustra não existisse? Se tu que meditas na montanha te apercebes subitamente da morte de Deus, deves partir em romaria, convidando a humanidade para o funeral.

Afrodísio, descobri que tu me ouves! E é em tua honra que minhas frases nascem equilibradas. Um frágil cordão me liga a ti; mas é suficiente. Tua existência torna possível a minha; mas ouçamos o que diz a esse respeito, para que bem me compreendas, um dos mais claros espíritos deste século, cuja leitura me iluminou recentemente (trata-se de André Gide): "...chez l'artiste, souvent, la soumission d'autrui qu'il obtient a des causes très différentes. Un mot pourrait, je crois, les résumer:

il ne suffit pas à lui-même. La conscience qu'il a de l'importance de l'idée qu'il porte le tourmente. Il en est responsable, il le sent. Cette responsabilité lui paraît la plus importante; l'autre ne passera qu'après. Que peut-il? Seul! — Il est débordé. Il n'a pas assez de ses cinq sens pour palper le monde; de ses vingt-quatre heures par jour, pour vivre, penser, s'exprimer. Il n'y suffit pas, il le sent. Il a besoin d'adjoints, de substituts, de secrétaires. — "Un homme grand, dit Nietzsche, n'a pas seulement son esprit, mais aussi celui de tous ses amis". — Chaque ami lui prêter ses sens; bien plus: vi-vra pour lui. Lui se fait centre (oh! malgré lui), il regarde et profite de tout. Il influence: d'autres vivront et joueront pour lui ses idées; risqueront le danger de les experimenter à sa place".

Devo reconhecer que me havia esquecido de ti. Fiquei perdido. Um dia, encontrei minha própria personalidade. Não sei se tive pena dela ou se ela teve pena de mim; sei que iniciamos um diálogo, mas falávamos os dois ao mesmo tempo, e em breve nos confundimos num monólogo sem objeto, uma fala triste como uma chuva de verão no deserto. Preparava-me para silenciar; sou demasiado orgulhoso para contentar-me com minha própria face refletida.

Lembrei-me então de ter ouvido, não sei onde, nem quando: "Quem trabalha aborrecido é escravo". Só então compreendi que era livre. A qualquer momento posso modificar meu próprio destino, seja para o bem ou para o mal. Lembrei-me então de ti, meu espelho, que não és meu espelho. Pensei: falar por falar é absurdo; falar para não falar é idiota; não falar é trair a vocação.

Mas invadir o espírito de Afrodísio, modificá-lo, edificá-lo, exaltá-lo, eis uma tarefa necessária. Mestre, a partir de hoje és meu

aluno.

J. C. O.

Livros : mercado externo

Cinema. Pelas edições *Nef de Paris* está por aparecer *Le Rêve et le Fantastique dans le cinéma français*, de Charles Pernon, introdução de Marcel L'Herbier.

Estudo. Na coleção *Mémoires du Temps Présent* da Gallimard, um volume de J. J. Khim sobre *Coc-tan*.

Ficção. Na Polônia, criado um prêmio sob o nome de Ernest Hemingway, para distinguir ficcionistas de hoje. Dois romances foram já laureados, *Outono Polonês* (J. J. Iszczepanski) e *Lembranças da Grécia* (Anna Kowalska).

Poesia. Traduzidos do catalão para o francês uma série de poemas selecionados por Salvador Espriu e Jordi Sarsanedas: *Anthologie Lyrique*, edição Debrasse.

Documento. Com 104 fotografias mais desenhos inéditos do autor, o volume de Jean Laporte, *Première Descente, du Nil, de l'Equateur à la Méditerranée* (Prix Louis Liottard), edição Témoignage.

Publicada em livro a adaptação teatral de *Les Possédés*, de Dostoievsky, representada há pouco em Paris. Edição Emile-Paul.

JG



Livros: mercado interno

A revista (cultural e de entretenimento) *SR* (senhor), dirigida por Naum Sirotski e uma equipe de bons profissionais (gráficos e escritores) está (por incrível que pareça) completando um ano de existência. Revista onde prepondera o bom nível literário, com boa apresentação gráfica, teria que encontrar (para sua circulação entre nós) um mercado pobre no gênero, em virtude de nossa precária tradição no gênero. A sua aceitação indiscutível, no entanto, denuncia uma nova mentalidade no leitor nacional, que está aprendendo (rapidamente) a aliar o bom-gosto à utilidade.

A revista *SR* tem também acolhido os escritores brasileiros novos, que ainda se encontram em face a uma crise produzida por um passado estiolante e morno. Ao lado de traduções de autores famosos, tem publicado novelas de autores nacionais, artigos, entrevistas, onde (nos dois últimos gêneros) se destaca um leve humor e uma fina sátira em relação à complexa condição humana, às vezes tão bem retratada por James Thurber, um dos constantes colaboradores de *SR*. É esta a sua linha, responsável pelo seu sucesso.

O mercado livreiro no Brasil, de vez em quando, é beneficiado pelas traduções de bons autores feitas em Portugal e enviadas (sempre poucos exemplares) a uma ou duas livrarias do Rio. Os dois últimos autores vertidos para o vernáculo foram William Faulkner (*O Homem e o Rio*) e Carson McCuller (*Coração, Caçador Solitário*). A Editora Arcádia promete para breve uma novela de O. Henry, que será traduzida e incluída na coleção *Autores Estrangeiros*: trata-se de *Palmeiras e Presidentes*. Em Portugal também estão traduzindo o último prêmio Goncourt: *O Último dos Justos*, de autoria de André Schwarz-Bart.

Em circulação os dois últimos números das revistas *Anhembi* e *Diálogo*, ambas editadas em São Paulo.